



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Ana Daniela Couceiro de Oliveira

A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO DE HABITAR

DO PROJETO CONSTRUÍDO PELO ARQUITETO AO PROJETO HABITADO PELO INDIVÍDUO

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pelo Professor Doutor José Fernando Gonçalves
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2019

A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO DE HABITAR

Do projeto construído pelo arquiteto ao projeto habitado pelo indivíduo

Nota à edição:

A presente dissertação segue o novo Acordo Ortográfico.

A norma das referências bibliográficas é a Norma Portuguesa 405.

À família.

RESUMO

Na segunda metade do século XX, o crescimento descompassado das cidades modernas provocou um grave problema de carência habitacional e, conseqüentemente, um aumento dos assentamentos humanos informais. Até aos dias de hoje, a espacialização da pobreza urbana tem vindo a aumentar.

Tendo por objetivo aprender a intervir em ambientes desta natureza, a presente dissertação estuda a temática da Habitação Incremental desenvolvida pelo *atelier* Elemental, uma tipologia baseada em sistemas de construção simples que permitem a evolução da habitação a par da evolução dos seus habitantes. De forma subsequente, estuda-se a dissolução da dicotomia em que o arquiteto era responsável pelo processo de desenhar e construir e o indivíduo pelo processo de habitar, originando-se um processo que envolve o indivíduo na construção da habitação, do bairro e da cidade.

Palavras-chave: Arquitetura; Pobreza; Assentamentos Informais; Habitação Incremental; Valparaíso.

ABSTRACT

In the second half of the 20th century, the uncontrolled growth of modern cities has led to a serious problem of housing shortages and, consequently, an increase in informal settlements. To the present day, the spatialization of urban poverty has been increasing.

With the aim of learning to intervene in environments of this nature, the present dissertation studies the theme of Incremental Housing developed by Elemental, a typology based on simple construction systems that allow the evolution of housing along with the evolution of its inhabitants. Thus, this project aims to study the dissolution of the dichotomy in which the architect was responsible for the process of drawing and building and the individual by the process of dwelling, originating a process that involves the individual in the construction of housing, the neighborhood and the city.

Keywords: Architecture; Poverty; Informal Settlements; Incremental Housing; Valparaíso.

SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA	13
01. O DEBATE INTERNACIONAL	21
01.1 Nas cidades do Hemisfério Norte	23
01.2 Nas cidades do Hemisfério Sul	35
02. A HABITAÇÃO INCREMENTAL	45
02.1 Quinta Monroy, Iquique	51
02.2 Concurso Mundial de Arquitetura Elemental	67
03. O DIÁRIO DE BORDO	75
03.1 Notas Sobre o Habitar (In)Formal de Valparaíso	191
CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
BIBLIOGRAFIA	213
ÍNDICE DE IMAGENS	219
ANEXOS	233

NOTA INTRODUTÓRIA

As cidades encontram-se em constante transformação. São construídas e desconstruídas. Ocupadas e desocupadas. Usadas para diferentes funções. É notável um ritmo arrebatador de mudanças sendo uma das mais arrebatadoras o aumento do número de pessoas que habitam as nossas cidades. O balanço entre população rural e urbana encontra-se desequilibrado. Recuado até 1950, apenas 30% da população mundial era urbana. Em 2018, e pela primeira vez na história da humanidade, a população urbana é superior à rural, atingindo os 55%. Em 2050, estima-se que aumente para 68%.¹ Não aprofundando as razões que levam a este crescimento, mas tendo em consideração que as mudanças que se sucedem derivam principalmente da procura de um nível socioeconómico mais elevado e, conseqüentemente, de uma melhor qualidade de vida, a sua maior consequência é a ironia. A ironia do assentamento informal, do *slum*, da *favela*, da *barriada*, da *villa miseria*, do *campamento*. Regionalismos que traduzem uma única realidade, a pobreza.

Contudo, o mundo sofre transformações que afeta diferentes sociedades de diferentes maneiras. Regista-se um crescimento urbano díspar entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento. Segundo os dados do Banco Mundial², cerca de 90% do crescimento urbano ocorre em países em desenvolvimento, podendo-se “afirmar que o «lugar comum» das cidades

¹ UNITED NATIONS - World Urbanization Prospects : The 2018 Revision, p. 2

² UN-HABITAT, WHD – Voices from slums: Background Paper: Nairobi, p. 1



1. Assentamento humano informal na cidade Ho Chi Minh, Vietname do Sul



2. Assentamento humano informal na cidade de Manila, Filipinas



3. Assentamento humano informal Dharavi na cidade Mumbai, Índia

do hemisfério sul é a generalização do loteamento clandestino, da ocupação irregular, da favela, do slum como forma (des)urbana.”³ Pelo menos um terço da população urbana vive neste «lugar comum», neste que é a manifestação mais visível da pobreza urbana.

Como afirma Stewart Brand *“If such trends continues (...) we will have only slums and no cities.”*⁴ Para se solucionar esta problemática, para se responder ao crescimento urbano que irá ocorrer nos países em desenvolvimento até 2030, seria necessário que se construísse uma cidade para 1 000 000 habitantes por semana, com um orçamento que possibilitaria apenas metade de uma casa.⁵ Tendo em consideração que os modelos tradicionais de habitação para o maior número, nomeadamente a implantação de massivos blocos habitacionais, não tem vindo a responder às necessidades levantadas pela problemática e, conseqüentemente, não se apresenta como a resposta para tamanha carência habitacional, tornou-se necessário procurar um novo modelo, ligado às ciências humanas, em que se incluísse as necessidades e aspirações da sociedade. Tornou-se, portanto, necessário pensar numa nova forma de arquitetura onde *“housing is cumminity-building activity, not just a product.”*⁶

Neste contexto, como resultado dos debates sociológicos em torno dos processos de autoconstrução e de uma arquitetura-sem-arquitetos, surge uma nova tipologia de habitação em que se *“assegura a evolução do tecido residencial segundo um sistema de organização ordenado pelo arquiteto, e simultaneamente, permitia a evolução qualitativa da habitação pelo indivíduo”*.⁷ É segundo esta forma de pensar e ver a arquitetura que o *atelier* Elemental desenvolveu uma tipologia de habitação incremental que permite a evolução da habitação a par e passo com a evolução dos seus habitantes. Neste processo a dicotomia em que o arquiteto era o responsável pelo processo arquitetónico e o indivíduo pelo processo de habitar, dissolve-se. Este modelo permite que a população esteja envolvida na construção da sua habitação e, conseqüentemente, da sua cidade.

Neste sentido, a presente dissertação analisa esta nova tipologia de habitação incremental e procura entender, de forma descomprometida com os funcionalismos arquitetónicos, a relação entre o arquiteto que planeia e o indivíduo que habita.

No primeiro capítulo estudam-se os contributos de arquitetos e urbanistas. Estes, tendo

³ ARANTES, Pedro Fiori, Opúsculo II [Pequenas Construções Literárias sobre a Arquitetura]: O lugar da arquitetura num «Planeta de Favelas», p.4

⁴ BRAND, Stewart - Whole Earth Discipline, an Eco-pragmatist Manifesto, p. 30.

⁵ ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés - Manual de Vivienda Incremental y Diseño Participativo, p.27

⁶ TURNER, John; FICHTER, Robert - Freedom to Build, Dweller Control of the Housing Process, p.151

⁷ COELHO, Patrícia – O tempo de Habitar: três experiências evolutivas, p.1

sentido a necessidade de procurar novas formas arquitetônicas de produção habitacional num período pós-guerra, novas formas que restabeleciam o poder de decisão aos habitantes, desenvolveram fundamentações teóricas que funcionam como alicerce para este estudo.

No segundo capítulo analisa-se o conceito de habitação incremental desenvolvido pelo *atelier* Elemental através da seleção de projetos como a Quinta Monroy, em Iquique e projetos desenvolvidos através do Concurso Mundial Elemental. Esta seleção permite demonstrar as particularidades desta tipologia habitacional. Ao analisar o quadro evolutivo da habitação-tipo de cada projeto selecionado poder-se-á compreender quais as fases de crescimento planeadas pelo arquiteto e quais as expansões realizadas pelo habitante.

No terceiro capítulo apresenta-se o Diário de Bordo. Tendo como destino a cidade de Valparaíso, localizada no Chile, esta viagem permitiu o contacto com os tais lugares-comum do chamado Terceiro Mundo. Este contacto direto com o lugar e, essencialmente, com as pessoas é fundamental para entender a ambiência do espaço e as reais necessidades e aspirações dos habitantes. Acima de tudo, este contacto permite que se entenda o porquê da necessidade de um modelo habitacional evolutivo que permita uma construção que acompanha o crescimento familiar e económico das famílias e em que se dissolve a dicotomia em que o arquiteto é o responsável pelo processo de desenhar e construir e o habitante pelo processo de habitar.

Tendo em consideração este objetivo, importa justificar a escolha do destino. Ora, desde a década de 60 que a experimentação no campo da habitação social se tornou bastante aliciente, especialmente em países em desenvolvimento da América Latina, onde o descontrolado crescimento urbano e, conseqüentemente, o aumento desmesurado de aglomerados informais fizeram, e ainda hoje fazem, destes países um laboratório vivo e emergente. O Chile, além de ser o país que captou a minha atenção uma vez que os projetos do *atelier* Elemental começaram por ser construídos neste país, destaca-se pelas suas políticas habitacionais. Ao longo dos anos estas têm evoluído de modo a promover uma abordagem compreensiva, focada em conceitos como a integração social e a criação de sentimento de pertença. Das suas cidades, Valparaíso destaca-se por ser uma exceção à regra, isto é, destaca-se porque não segue o modelo de fundação das cidades hispânicas. O modo de desenvolvimento desta cidade é o informal, esta é o resultado de processos de fixação espontâneos e, por isso mesmo, não é planeada. Por este motivo, permite o contacto com uma variedade de soluções e permite observar o impacto e a viabilidade das várias abordagens. Esta cidade permite compreender a dicotomia entre o formal e o informal assim como entre o arquiteto e o habitante.

Por último, os Anexos contêm as fichas técnicas do projeto Elemental da Quinta Monroy e uma entrevista ao arquiteto Raúl Araya Bugueño, fundador do *atelier* bordeURBANO. Esta oficina

de arquitetura, sediada em Valparaíso, tem vindo a projetar várias obras de habitação social através de um processo que valoriza bastante a comunidade, a importância da comunicação e da participação. Neste *atelier*, o preceito dicotómico onde o arquiteto é o responsável por construir o espaço e o indivíduo por o habitar, dissolve-se.

Em suma, na presente dissertação pretende-se pesquisar o conceito de uma tipologia de habitação que poderá ser a solução para a carência habitacional vigente e compreender a relação entre o arquiteto que planeia e o indivíduo que a habita.



01

O DEBATE INTERNACIONAL

01.1 NAS CIDADES DO HEMISFÉRIO NORTE

Na segunda metade do século XX, cidades do chamado Primeiro Mundo debatiam-se com uma desmedida afluência aos centros urbanos e, conseqüentemente, uma massiva carência habitacional. Perante uma estrutura urbana que não se encontrava preparada para tamanha densidade populacional, as cidades foram inundadas por espaços de grande insalubridade e informalidade, espaços que se enquadram na definição de *slums*. Estes, vistos como manchas urbanas, eram erradicados. A sua população, os denominados pobres urbanos, era realocada para um novo território, por norma na zona periférica da cidade, e realojada em unidades habitacionais de índole modernista. A produção em massa de blocos habitacionais aparentava ser a solução para tamanha carência habitacional contudo estas operações de realojamento, comuns a várias cidades ocidentais, resultaram no aumento da mancha urbana. As premissas do Movimento Moderno começaram a ser contestadas e a ser vistas como insuficientes.

Tornou-se necessário aceitar o relativismo cultural e antropológico, definir as necessidades e aspirações das populações, compreender a dicotomia entre o projeto planeado pelo arquiteto e o projeto habitado pelo indivíduo e reinterpretar o papel do arquiteto e do habitante.

Team X

O grupo Team X, uma geração de arquitetos responsável por aquela que será a primeira contestação aos princípios do Movimento Moderno, exerceu um papel de extrema importância na revisão metodológica do exercício da arquitetura e, conseqüentemente, na reinterpretação do papel do arquiteto. Pode-se dizer que o décimo encontro do *Congrès International d'Architecture Moderne* (CIAM), realizado em 1956, proporcionou um palco para uma nova abordagem à disciplina arquitetónica. Esta nova abordagem, colocando em causa os ideais modernistas, passava pela exposição crítica de trabalhos e experiências desenvolvidos pelos arquitetos que integravam o grupo. Esta exposição, por sua vez, proporcionou não só uma revisão do papel do arquiteto como a introdução de novas metodologias e perspectivas que viriam a alimentar os debates das próximas décadas.

Assumindo a sua herança modernista, esta nova geração de arquitetos teceu uma crítica ao funcionalismo, explorou novas metodologias e, acima de tudo, procurou um novo humanismo que permitisse a valorização do Homem enquanto ser individual. Aliás, da multiplicidade de temas abordados pelo grupo, realça-se o novo entendimento sobre a complexidade individual do Homem. Esta nova perceção de individualidade contestava a ideia de uma arquitetura-padrão para um Homem-padrão, algo que seria inconcebível numa sociedade que é heterogénea. *“Team 10 sought, within and parallel to these processes of modernization, concepts and strategies which would make room for individual and collective identities, which would make places capable of being appropriated by residents and users.”*⁸

Contudo, o estudo desenvolvido em torno do tema da participação relevou-se o tema de maior controvérsia uma vez que redefinía não só o papel do habitante como o do próprio arquiteto. *“The concept of participation needs to be seen as part of the same ethical problem. Getting the public to participate was not just seen as a model of democracy and a possible resource to enable architectural design to make strategic decisions. It was a crucial way to try to break through the ethical impasse of modernism.”*⁹ Este novo princípio era um meio para combater o hiato entre a formalidade inerente às soluções modernistas e a realidade, e com realidade diga-se as verdadeiras necessidades dos habitantes. Além de que era também um meio para abordar a complexidade individual, já mencionada, uma vez que permitiria a interação entre os dois principais intervenientes num projeto, o próprio habitante e o arquiteto.

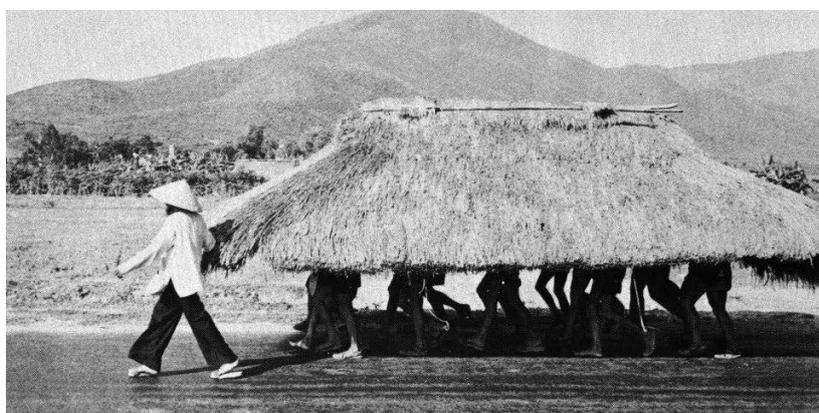
A controvérsia em torno deste tema é responsável por provocar inúmeros debates ao longo da segunda metade do século XX. Porém, os estudos relativos à participação desenvolviam-se por

⁸ RISSELADA, max, VAN DEN HEUVEL, Dirk - “Looking into the mirror of team10”, in RISSELADA, Max, VAN DEN HEUVEL, Dirk - *Team 10: in search of a utopia of the present: 1953-81*, p.11

⁹ DAMIANI, Giovanni, - “Anarchy is not Disorder – Reflections on participation and education”, in *op.cit.* p. 287



4. Cidade Subterrânea localizada perto de Tungkwan, China



5. Tribo vietnamita em dias de mudança. Ao invés de construírem um novo telhado, transportam o antigo.

meio das disciplinas das Ciências Sociais, revelando-se um novo conceito de interdisciplinaridade e formando-se um meio complementar à disciplina da Arquitetura. Assim, os debates arquitetônicos tornaram-se debates interdisciplinares. Estes, intensificando-se ao longo das décadas de 60 e 70 e tendo como base a crítica à relação superficial entre forma e função, conduziram a uma procura de novas metodologias que interpretassem as vertentes sociais e culturais, que interpretassem as verdadeiras necessidades dos habitantes.

Bernard Rudofsky

A exposição *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture* de Bernard Rudofsky, inaugurada no *Museum of Modern Art* é, talvez, um ponto de charneira. As suas fotografias a preto e branco apresentavam uma arquitetura informal, exibindo “*uma perspetiva diversificada da Arquitetura vernacular de várias culturas e latitudes, que partia da assumida necessidade de dar a conhecer os grandes exemplos arquitetónicos construídos pelas comunidades que os edificaram e não pelos arquitetos que comemoravam o poder e a prosperidade.*”¹⁰ O seu intuito passou por quebrar os preconceitos e lançar um ponto de partida, um acordar para uma arquitetura que atendesse as necessidades reais e não imaginadas. Para tal, questionava as normas vigentes assim como o protagonismo do arquiteto e, acima de tudo, colocava em causa o funcionalismo associado ao movimento moderno. Pode-se dizer que Rudofsky procurou inspirar outros arquitetos de tal maneira que novos estudos sobre esta arquitetura reaparecessem, procurando a beleza e simplicidade que advém da informalidade não fosse “*the beauty of this architecture has long been dismissed as accidental, but today we should be able to recognize it as the result of rare good sense in the handling of practical problems. The shape of houses, sometimes transmitted through a hundred generations, seem eternally valid, like those of their tool.*”¹¹

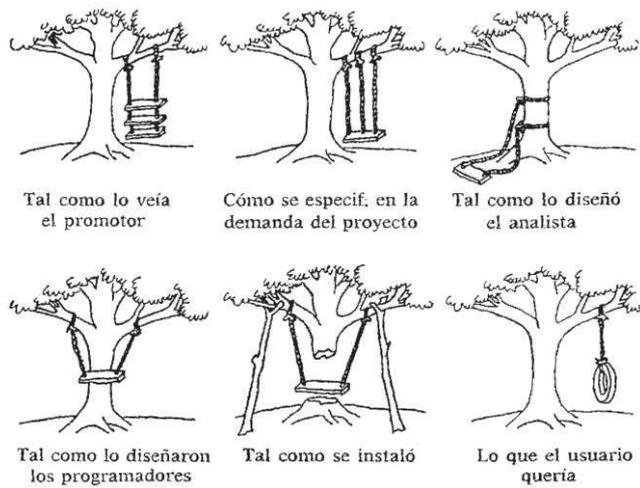
A sua exposição foi uma chamada de atenção captando uma nova geração de arquitetos e, consequentemente, colaborando para a crise do movimento vigente. Este começava a ser questionado e a procura por novas metodologias e novas soluções deram aso a uma vasta experimentação no campo da habitação.

Amos Rapoport

Amos Rapoport é uma personagem deveras importante ao contribuir para o entendimento da conceção da forma enquanto resultado de um vasto leque de condições socioculturais e ao

¹⁰ BANDEIRINHA, José António Oliveira - O processo SAAL e a arquitetura no 25 de Abril de 1974, Volume I, p. 30

¹¹ RUDOFSKY, Bernard - *Architecture Without Architects: a Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*, (sem paginação)



6. Desenhos ilustrativos da discordância entre o arquiteto e o habitante, Christopher Alexander

incrementar a ligação entre as Ciências Sociais e a Arquitetura. No seu livro *House, Form and Culture*, publicado em 1969 e revelando-se uma grande referência para a cultura arquitetónica, A. Rapoport aborda temas como a conceção da forma e as condicionantes socioculturais e físicas que lhe são intrínsecas. Esta abordagem foi feita através de uma análise focada em construções vernaculares e seguindo-se uma matriz maioritariamente antropológica. Nesta obra o autor afirma que *“My basic hypothesis, then, is that house form is not simply the result of physical forces or any single causal factor, but is the consequence of a whole range of socio-cultural factors seen in their broadest terms. Form is in turn modified by climatic conditions (the physical environment which makes some things impossible and encourages others) and by methods of construction, materials available, and the technology (the tools for achieving the desired environment), I will call the socio-cultural forces primary, and the others secondary or modifying.”*¹² Por outras palavras, Rapoport afirma que os fatores sociais e culturais são não só determinantes para definir a forma como são responsáveis pela diversidade de soluções. A casa é vista como um fenómeno sociocultural ao invés de um fenómeno meramente físico.

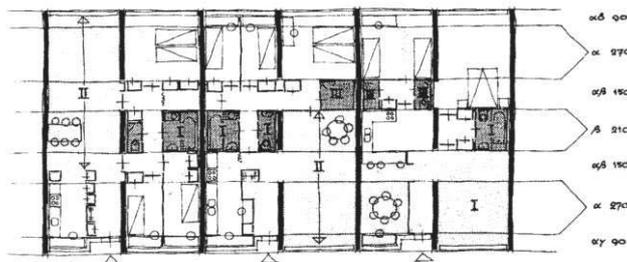
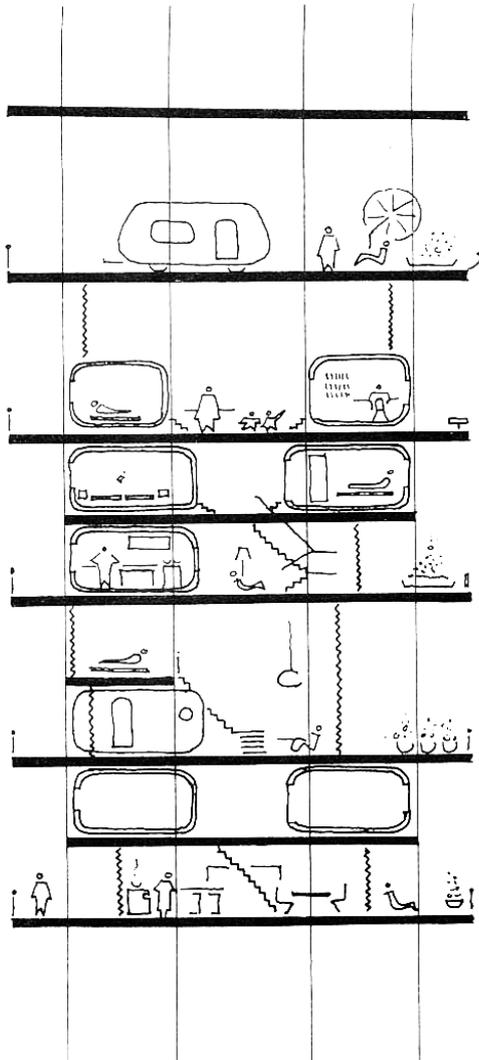
Assim, Rapoport demonstra a importância da interdependência entre Arquitetura e as Ciências Sociais, apelando à compreensão dos fatores culturais e sociais e à maneira como estes permitem não só um melhor entendimento das necessidades dos habitantes como incitam a que estes ganhem um papel mais relevante e mais influente no exercício arquitetónico.

Christopher Alexander

Christopher Alexander, cuja formação académica espelha um interesse pelas ciências exatas, destaca-se dos seus contemporâneos ao procurar normas racionais e universais que permitissem resolver a multiplicidade de cenários que, por sua vez, derivavam de uma multiplicidade de fatores. Por outras palavras, recorre a disciplinas como a Matemática e as Ciências Sociais de modo a que seja possível usufruir da lógica para a conceção da forma, introduzindo-se um conjunto de variáveis que derivam da particularidade de cada contexto. Esta procura de um processo científico e racional, apesar de se inserir numa lógica modernista, redefine o conceito de função uma vez que visa colmatar as falhas associadas aos programas vigentes ao introduzir uma análise do complexo e extenso leque de necessidades dos habitantes.

Em 1977, C. Alexander publica *A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*, um livro no qual apresenta um novo sistema de composição arquitetónica. Pode-se até dizer que este livro é um manual onde se expõem 253 padrões cuja estrutura, tal como o nome da obra indica, abrange desde a escala urbana, passando pela habitacional, até à escala construtiva.

¹² RAPOPORT, Amos, *House Form and Culture*, p. 47



7. 8. Estudio de soportes e tipologias variadas de John N. Habraken

Por outras palavras, o arquiteto defende o que se pode chamar de arquitetura personalizada, uma arquitetura que foge da monotonia modernista e atende as necessidades individuais de cada ser humano. Ora, para atender estas necessidades é imperativo que o habitante participe no processo de produção habitacional, redefinindo-se o papel do arquiteto ao considerar que a sua função passaria por regular e auxiliar os processos arquitetónicos inerentes a essa produção.

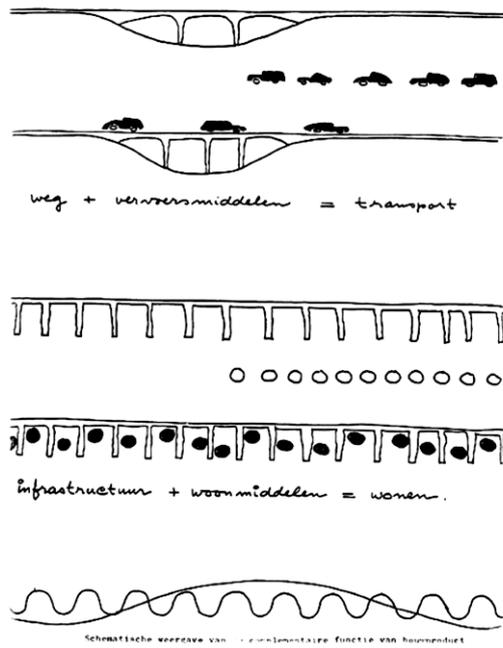
John Habraken

Pode-se dizer que John Habraken é uma figura fundamental no mundo da habitação social ao acentuar a necessidade de uma mudança, a necessidade de reformular as premissas inerentes ao movimento moderno. A solução predileta, o *mass housing*, tornou-se o método vigente e, ao tentar solucionar o problema da habitação, ou falta dela, assiste-se ao nascer de um novo problema. Assiste-se a uma produção em série, uma produção na qual *“man no longer houses himself: he is housed.”*¹³ Este método é homogeneizador, despindo o Homem da sua complexidade e reduzindo-o a um mísero número, a uma estatística. Este método é paradoxo, tornando-se não a exceção mas a regra, transformando a arte num produto. Partindo do princípio de que *“the architect has become a King Midas. Everything he touches becomes architecture; everything he touches becomes something special,”*¹⁴ torna-se irónico que o que deveria ser especial seja convertido em vulgar.

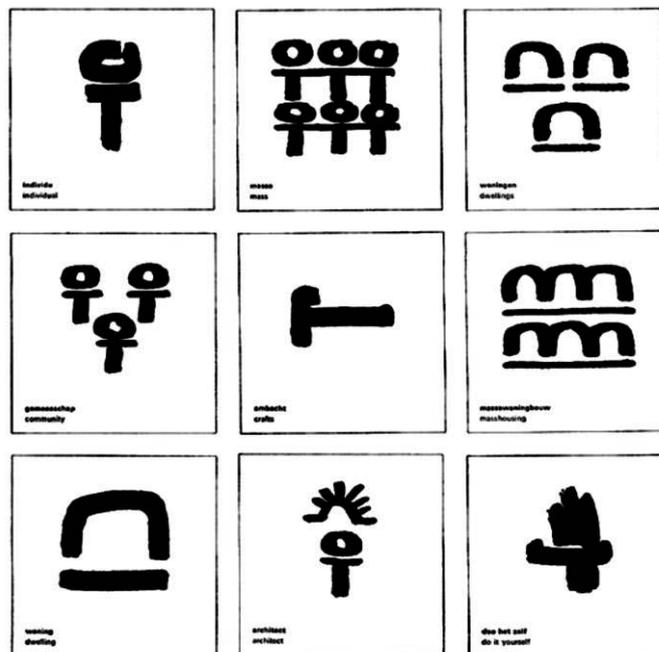
De modo a que uma reformulação fosse possível, o arquiteto procurou reorganizar os conhecimentos adquiridos e adicionar as incógnitas antropológicas, sociais e culturais à equação da produção habitacional. Em 1972 publica *Supports: An Alternative to Mass Housing*, livro que, tal como o nome indica, apresenta uma abordagem alternativa aos programas de habitação massificada. Neste, o sistema dos Suportes é apresentado ao mundo. E, através deste, J. Habraken apresenta uma nova premissa baseada na distinção entre o edifício-base concebido pelo arquiteto - o *support* -, e o seu “recheio” interno controlado pelo residente- o *infill*. Por outras palavras, o arquiteto é o responsável pela conceção de um suporte estrutural, uma construção autónoma e resistente que permitiria hospedar habitações que, por sua vez, poderiam ser construídas, modificadas ou demolidas pelo próprio habitante, independentemente das restantes. Deste modo, usufruía-se dos pontos fortes da produção habitacional massificada, nomeadamente a ideia de pré-fabricação e de industrialização, e restituía-se poder de decisão ao habitante uma vez que este seria o responsável por escolher e transformar o espaço consoante as suas necessidades.

¹³ Cf. HABRAKEN, N. John - *Supports an alternative to mass housing* , p.11

¹⁴ Citação de N. J. Habraken no filme *De Drager*, realizado por Sonja Lüthi and Marc Schwarz, 2012



9. John Habraken explica a sua noção de “suporte” comparando a relação *support/infill* com uma autoestrada e os automóveis.



10. Ícones usados por John Habraken. Da esquerda para a direita: o indivíduo; as massas; as habitações; a comunidade; a técnica; o *mass-housing*; a casa; o arquiteto; autoconstrução.

Este sistema seria o ponto de charneira necessário à mudança, seria responsável por definir a casa não como um produto mas como a consequência de um processo. Processo no qual o habitante é parte integrante. *“In Habraken’s opinion, housing is not about form but about the process that leads to the act of dwelling and to the distribution of power within that process: who decides when about what? ‘The Problem lies not with architecture, but with the circumstances that lead to architecture.’”*¹⁵

Assim, a divisão conceptual entre *supports* e *infill* é responsável por salientar duas esferas de controlo e de decisão, o arquiteto e o habitante. Deste modo, definem-se os papéis de ambos os protagonistas, sendo que o arquiteto abdicaria do seu papel tradicional e assumiria novas tarefas. Esta mutação, considerada complexa e controversa, permitiria restabelecer o que J. Habraken denominava de relação natural entre o Homem e a sua casa. Assim, o arquiteto seria responsável pela conceção da estrutura do próprio suporte e por orientar os residentes nas decisões relativas às suas habitações. Seria também o supervisor de todo o processo de construção, gerindo a participação de todas as partes envolvidas.

¹⁵ HOOGSTRATEN, Dorine van, in AA. VV., *Housing for the Millions – John Habraken and the SAR (1960-2000)*, p.105

01.2 NAS CIDADES DO HEMISFÉRIO SUL

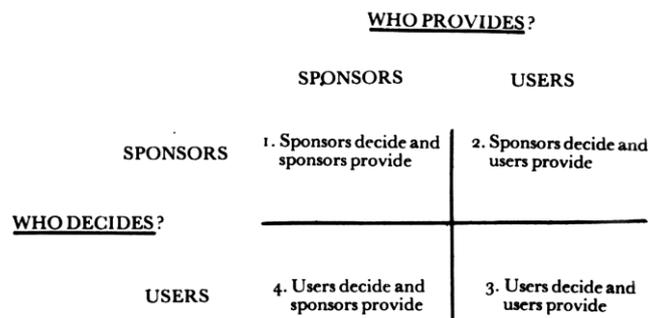
Embora por diferentes razões socioculturais e a diferentes escalas, cidades de ambos os hemisférios debatiam-se com mutações territoriais, intensos processos de urbanização e um célere crescimento populacional. *“A proximidade mediática das metrópoles superpovoadas do chamado mundo tinha-se tornado tão incómoda quanto a proximidade real dos slums das cidades ocidentais e era por demais evidente para que fosse possível fugir-lhe.”*¹⁶

Assim, no decorrer da segunda metade do século XX, o interesse por uma arquitetura sem arquitetos, pelas habitações construídas pelas próprias mãos de quem as habita, tornou-se o principal tema de inúmeros debates e investigações sendo que a experimentação no campo da habitação se tornou mais aliciante nos chamados países de Terceiro Mundo onde o rápido crescimento urbano e, conseqüentemente, o aumento dos assentamentos informais, faziam destes um laboratório vivo e emergente.

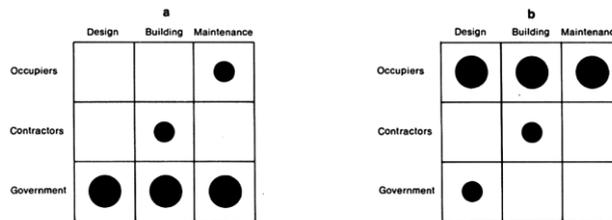
CHARLES ABRAMS

Com o progresso dos meios de comunicação, a proximidade mediática dos assentamentos informais dos chamados países de Terceiro Mundo tornou-se tão incómoda como as *slums* dos centros urbanos dos chamados países de Primeiro Mundo. Neste contexto, as Nações Unidas

¹⁶ BANDEIRINHA, José António Oliveira - O processo SAAL e a arquitetura no 25 de Abril de 1974, Volume I, p. 44



11. Diagrama conceptual sobre *Who provides and who decides?*



12. O diagrama a) demonstra o papel atribuído às autoridades num sistema centralizado e o b) em projetos de autoconstrução

encarregaram, em 1962, Charles Abrams de realizar um levantamento das políticas habitacionais e da problemática das terras urbanas no mundo. Esta experiência concedeu-lhe um vasto entendimento sobre as várias realidades habitacionais e uma minuciosa consciencialização das suas particularidades. Este seu profundo conhecimento foi publicado pelo MIT em 1964.¹⁷ O seu contacto com as realidades dos países em desenvolvimento e, conseqüentemente, com os inúmeros aglomerados precários e clandestinos que se encontravam espalhados pelo globo revelou-se um ponto de partida para a constatação das suas potencialidades assim como para a sua divulgação. Deveras, pode-se afirmar que, o seu principal contributo é a sua capacidade missionária de divulgação.

Charles Abrams *“sees housing as part of the whole social, political and economic picture. (...) Twenty-four hours after he arrives in a country, housing suddenly becomes a front-page topic. Somehow he makes the leaders aware of the importance of problems they had been taking for granted or else had considered hopeless. He shows them possible solutions that are right under their noses, and he convinces them that they have to drop everything else and get going then and there. Wherever he goes, he foments reform.”*¹⁸

Esta personagem desempenhou um papel de tal relevância que se tornou pioneiro na consciencialização deste fenómeno, abrindo novos caminhos que viriam a questionar a visão modernista que reinava o mundo arquitetónico.

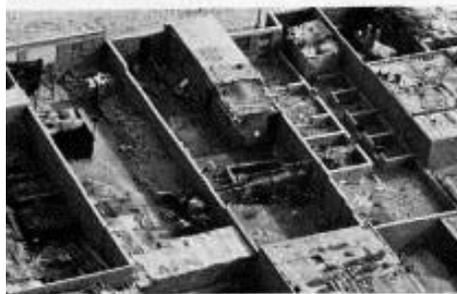
John F. Turner

Apesar da contribuição de Charles Abrams, John F. Turner é considerado *“a personagem mais conseqüente, sob o posto de vista de exaltação teórica das diversas práticas habitacionais de raiz informal, que proliferavam um pouco por todo o mundo.”*¹⁹ Este reconhece a potencialidade da população que soluciona os seus próprios problemas tendo por base princípios como a entreaajuda e a auto-organização e trabalhando numa reflexão que passa pelo desenvolvimento de conceções teóricas extraídas de ensinamentos com que foi apresentado aquando a sua investigação no próprio campo de ação e tendo trabalhado em projetos baseados no potencial da assistência técnica à autoconstrução assim como de realojamento de emergência, o arquiteto britânico ao reconhecer as capacidades e métodos autossuficientes das gentes do chamado Terceiro Mundo acredita que também este deveria ser fruto de transposição para os chamados países de Primeiro Mundo e não somente o seu inverso. O seu contacto com

¹⁷ ABRAMS, Charles - Men's Struggle for Shelter in a Urbanizing World

¹⁸ RODWIN, Lloyd - Charles Abrams: papers and files. (sem paginação)

¹⁹ BANDEIRINHA, José António Oliveira - O processo SAAL e a arquitetura no 25 de Abril de 1974, Volume I, p.44



13. Fotos de John Turner que demonstram quatro fases da evolução de uma barriada em San Martín, Lima, Peru

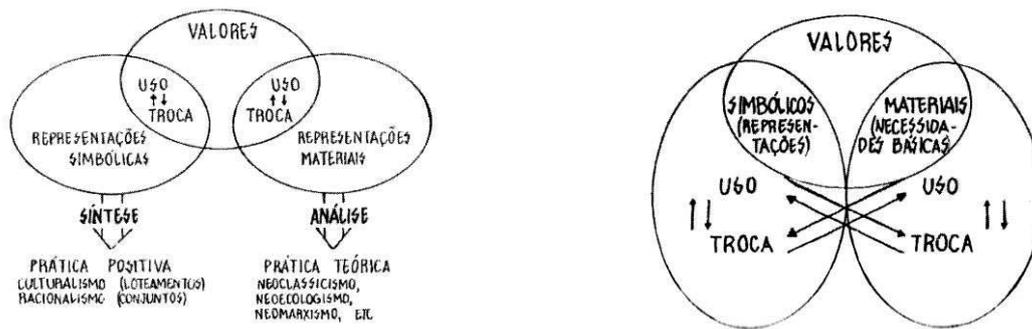
a realidade, sendo surpreendido por uma população capaz de resolver os seus próprios problemas habitacionais sem qualquer tipo de entraves institucionais, uma opção ignorada pelos países ditos ricos, conduziu à defesa de uma descentralização do poder, desconsiderando os sistemas que, ao contrário do que seria suposto, contribuíam para o fracasso do desenvolvimento urbano. Tanto que, para Turner, o sucesso ou fracasso de uma solução passa pelas relações do poder de decisão. Ao delegar o poder decisivo ao residente, além de se fugir às habitações impessoais que uma qualquer organização centralizada providencie, fortalece-se uma relação essencial, a relação entre a obra e o habitante. *“This argument has been based, in part, on the observation that the willingness of people to invest their energy and initiative and their saving or other material resources depends on the satisfactions they experience or expect as a result.”*²⁰ Todavia, defende uma colaboração técnica e cooperação local, um investimento público que esteja a par de um investimento comunitário. Por outras palavras, providenciar-se-ia o básico, algo inacessível ao habitante como uma infraestrutura ou um terreno, e remeter-se-ia um papel quer de orientação quer de monitorização ao arquiteto. Pode-se dizer que John F. Turner propõe uma metodologia assente em três níveis de intervenção. O primeiro refere-se a ações localizadas em que cada comunidade é a sua própria gestora. Do local escala-se para ações a um nível municipal em que se providencia infraestruturas e serviços públicos. O terceiro implica ações governamentais como meio de controlo e gestão, quer de recursos quer de poder, proporcionando-se uma medida que combata eventuais desequilíbrios. É deste modo que o arquiteto, cuja experiência passa pelo seu trabalho com gabinetes governamentais, coloca questões respeitantes aos níveis de decisão e controlo as quais são intrínsecas aos exercícios resultantes da partilha de responsabilidades. *“Who provides and who decides? Who does what for whom?”*²¹

Nabeel Hamdi

Nabeel Hamdi, arquiteto integrante em ações de planeamento e requalificação de aglomerados clandestinos desenvolvidas quer por agências internacionais quer não-governamentais, introduz uma estratégia metodológica que complementa a de John F. Turner. Tendo por base a crença de que a participação comunitária é um suplemento, concebe uma política de suporte que, de modo a conceber comunidades autossuficientes através de ações que as populações não consigam desenvolver por si mesmas, apostam na gestão, produção descentralizada e desenvolvimento progressivo. Assim, o arquiteto afegão destaca a relevância

²⁰ TURNER, John F. C. - Housing by people: Towards Autonomy in Building Environments, p. 51

²¹ Ibidem, p.154



14. Esquema de Carlos Nelson dos Santos que sintetiza relações entre conceitos realizados pelas autoridades (esq.) e pelas pessoas (dir.)

Todos os habitantes formulam uma "imagem coletiva"

15. Segundo Carlos Nelson dos Santos todos os habitantes formulam uma "imagem coletiva".

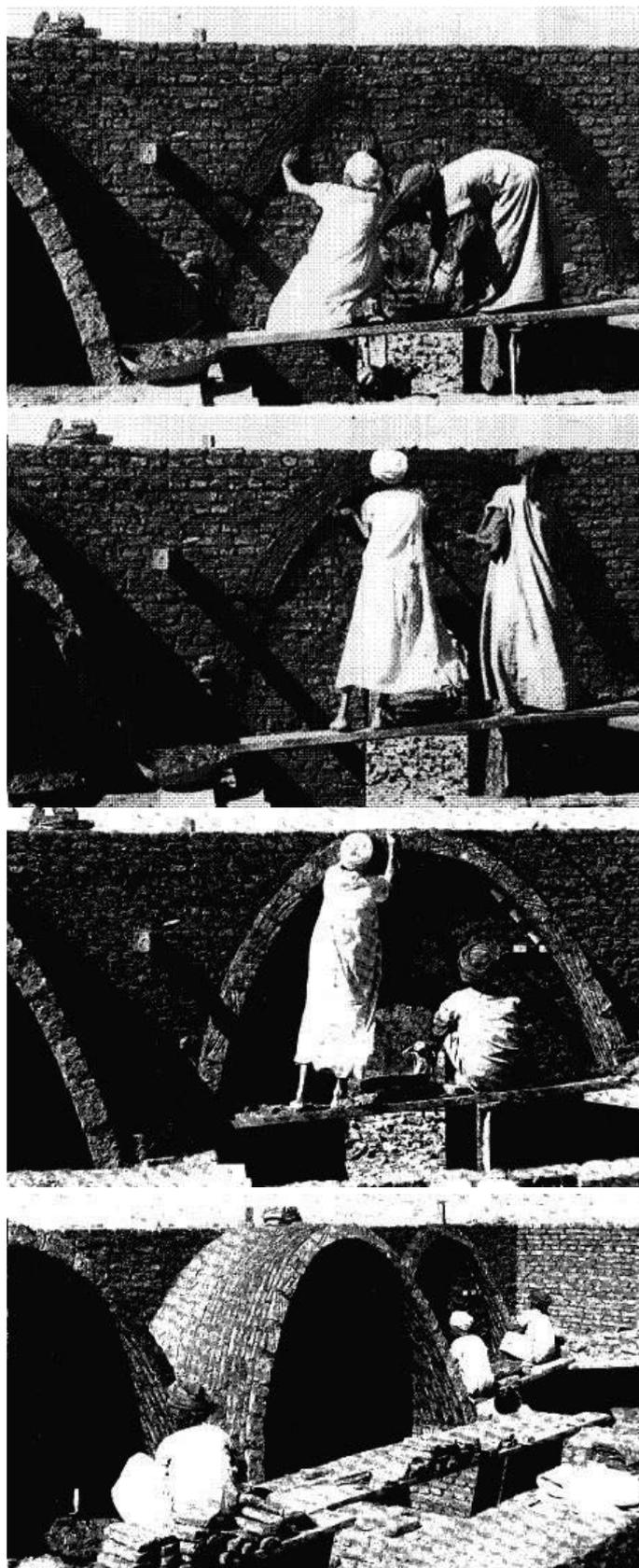
do momento pré-intervenção física em que, a par da comunidade, se concebe o projeto que, além de pertinente, corresponde às reais necessidades e desejos dos habitantes. Esta pré-intervenção, vista como o momento zero, é organizada em três fases começando-se com umconhecer real do contexto, não só a nível físico como social, cultural ou antropológico. Com um conhecimento intrínseco da realidade o passo seguinte, no qual a comunidade é parte integrante, consiste na identificação e hierarquização das necessidades e, conseqüentemente, na elaboração de um programa adequado. Por último, delibera-se os métodos e modelos de intervenção a seguir. É de realçar que, além deste processo requerer uma vigilância externa, apenas é possível através da descentralização de decisões.

Carlos Nelson dos Santos

Seguindo os passos de John Turner, também Carlos Nelson dos Santos reconhece o potencial da participação comunitária. Seguindo um modelo de *settlement upgrading*, cujo objetivo passa pela qualificação, melhoria e recuperação da precariedade já consolidada ao contrário da erradicação ou do realojamento, o arquiteto brasileiro reconhece as soluções propostas pelas pessoas contudo envereda por um processo de acompanhamento e de apresentação de conceitos mais técnicos. Os seus levantamentos, responsáveis por uma aproximação entre arquiteto e habitante, conduziram a alternativas projetuais que, por sua vez, conduziram a uma leitura mais realística das condições vividas nos assentamentos informais. Através de um processo participativo, evitar-se-ia a leitura uniformizada das necessidades e fortalecer-se-ia o esclarecimento das vontades da comunidade tendo mesmo convidado os próprios habitantes a desenhar a casa dos seus sonhos. Seguindo este ideal da potencialidade do informal, enraizada na conceção de participação, o arquiteto seria solicitado a auxiliar e orientar sem lhe retirar a sua importância enquanto profissional. Aliás, as ciências sociais surgem como um complemento à disciplina arquitetónica.

Hassan Fathy

Fora do contexto américo-latino, mas inserido numa mesma lógica, Hassan Fathy envereda por um caminho em que a tradição é princípio metodológico. Enquanto profissional cuja formação académica se fundamenta nas premissas ocidentais inerentes ao movimento moderno, foi vanguardista na sua refutação ao considerá-las uma ameaça à identidade cultural do Egipto. Hassan *“wanted to avoid the attitude too often adopted by professional architects and planners when confronted with a peasant community, the attitude that the peasant community has nothing*



16. 17. 18. 19. Fotografias captadas por Hassan Fathy que ilustram o processo inerente à construção de abóbodas em tijolo de terra

worth the professionals' consideration (...) wanted to bridge the gulf that separates folk architecture from architect's architecture. I wanted to provide some solid and visible link between these two architectures in the shape of features, common to both, in which the villagers could find a familiar point of reference from which to enlarge their understanding of the new, and which the architect could use to test his own work's truth to the people and the place.”²²

Ao virar o seu interesse para o chamado Terceiro Mundo, defendia que a solução para o avassalador crescimento de assentamentos precários teria por base estratégias de cooperação e de preservação da arquitetura vernacular, assim como um equilíbrio harmonioso entre hábitos individuais e tradições coletivas. À semelhança de Turner, crê que a participação comunitária é a principal responsável pela criação de um laço imprescindível à apropriação do espaço. Pode-se dizer que o arquiteto egípcio encontra o seu norte, enquanto profissional, na tradição construindo uma nova metodologia que será complementada pela noção de autoconstrução assistida. Através de ensinamentos de um trabalho localizado, Hassan Fathy “*desenvolveu uma arquitetura do lugar em oposição a uma arquitetura no lugar, procurando a continuidade, a necessidade cultural e social de ligar a atualidade ao passado, protegendo a identidade do lugar e a individualidade pessoal e grupal.*”²³

²² FATHY, Hassan, *Architecture for the Poor: An Experiment in Rural Egypt*, 1973, p.43

²³ MONTEIRO, Inês Amaral, *Auto-construção assistida: Práticas de Projeto entre a Experiência do Habitante e o Contributo do Arquiteto*, p.78

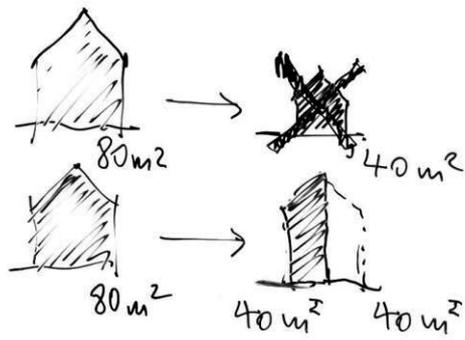


02

A HABITAÇÃO INCREMENTAL

O conceito de habitação incremental no pensamento arquitetônico internacional surge a partir das inúmeras experiências internacionais cujo objetivo passava por encontrar uma nova forma de pensar e fazer a arquitetura. Deste modo, o interesse por uma arquitetura sem arquitetos, construída pelas próprias mãos dos habitantes, tornou-se o tema central de várias investigações. A participação de arquitetos e urbanistas como Charles Abrams, Hassan Fathy e Carlos Nelson dos Santos fomentou o debate internacional em torno do processo de construir e habitar, surgindo com um intuito de encontrar uma solução para os aglomerados informais que surgiam quer em países desenvolvidos quer em vias de desenvolvimento.

Perante esta temática, é importante destacar o papel que John Turner desempenhou na investigação de assentamentos de origem informal nos chamados países de Terceiro Mundo. O arquiteto desenvolveu um novo pensamento sobre a problemática dos assentamentos informais ao definir um novo conceito através de uma analogia com o termo *housing*, observando que esta palavra poderia ser usada quer como um substantivo quer como verbo. Deste modo, enquanto substantivo *housing* é sinónimo de estático, de produto final enquanto ao ser utilizado como verbo *to house* é sinónimo de um processo dinâmico. É este seu pensamento sobre a questão do *housing* que potencia uma abertura para um entendimento desta “nova” realidade habitacional e para o debate sobre um novo modo de a planear. *“A carência habitacional necessitava de ser tratada com um carácter identitário, urbano e social, para que se construíssem casas adaptáveis aos valores de cada indivíduo e de forma subsequente, correspondessem ativa e intemporalmente às suas necessidades e exigências espaciais. Assim, como o indivíduo era o*



20. Esquema *half-house* do projeto Villa Verde desenvolvido pelo *atelier* Elemental

resultado de inúmeros processos de transformação, também a habitação tinha de ser um programa aberto para as mais variadas aculturações.”²⁴

A influência do pensamento promissor de John Turner, os debates em torno dos trabalhos de Charles Abrams e Carlos Nelson Ferreira dos Santos, os estudos de Amos Rapoport, entre outros, potenciaram a abordagem de fórmulas do tipo incremental que, por sua vez, abriram a prática da arquitetura para o campo das ciências humanas e sociais.

É neste contexto que surge a fórmula incremental desenvolvida pelo *atelier* Elemental, cuja principal premissa se baseia no seguinte: *“if the money can only pay for around forty square meters, instead of thinking of that size as a small house, why don’t we consider it as half of a good one? When the problem is reframed by looking at forty square meters as half of a good one, the key question is: which half do we do? We thought the best thing was to do the half that the family was unlike to do well on its own. When there is no enough money, an alternative to reducing (size and quality) is to frame the problem as an incremental house.”²⁵*

²⁴ COELHO, Patrícia – O tempo de Habitar: três experiências evolutivas, p.19

²⁵ ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p.17

02.1 QUINTA MONROY, IQUIQUE, CHILE

A POLÍTICA HABITACIONAL

Ao longo da década de 90, o Estado do Chile foi responsável pela construção de 1 000 000 habitações a um custo médio de 10 000\$ cada, abrigando cerca de 4 000 000 de pessoas. A política habitacional vigente baseava-se num subsídio estatal de 3 500\$, num investimento requerido ao proprietário no valor de 500\$ e numa hipoteca de 6000\$ que, posteriormente, seria paga mensalmente. Contudo, esta política apresentava falhas. Em primeiro lugar, surgia a questão de como é que o denominado pobre urbano paga este empréstimo? A resposta é simples. Não paga. Por outras palavras, os mais pobres não podiam integrar este programa. Em segundo lugar, a péssima qualidade material e a falta de acesso a serviços e transportes resultou na deterioração das unidades habitacionais e do próprio bairro. Insatisfeitos, os novos proprietários deixavam de pagar a renda. Por fim, a localização periférica do terreno era sinónimo de segregação. Ora, como consequência da falta de integração urbana e da degradação do espaço, aumentava-se a criminalidade, a falta de segurança e o ressentimento. As unidades habitacionais acabavam por ser abandonadas.

Em 2001, numa tentativa de colmatar falhas, o *Ministerio de Vivienda y Urbanismo* desenvolveu uma nova política denominada de Vivienda Social Dinámica sin Deuda (VSDsD). O subsídio estatal aumentou para 7 000\$, o investimento requerido ao proprietário reduziu para 250\$, eliminou-se a hipoteca e acrescentou-se um novo subsídio de 250\$ de modo a que a assistência técnica fosse possível. Porém o custo médio de cada habitação reduziu-se para 7 500\$,

um valor que financia a construção de apenas 25 m².

Contudo, esta política também apresentava falhas. A localização dos terrenos era ainda mais periférica aumentando a segregação e marginalização. A redução de 40m² para 25m² implicava que os proprietários precisariam de mais espaço e, conseqüentemente, seriam os responsáveis por transformar esta unidade habitacional numa casa. Na maioria dos casos, a construção de novos espaços permitia que a área aumentasse para 80m². Contudo, o desenho das habitações construídas desconsiderava a sua futura evolução.

No final de 2001, o grupo de arquitetos Elemental que tinha vindo a desenvolver uma nova tipologia denominada de *Parallell Building*, apresentou a sua proposta ao *Ministerio de Vivienda y Urbanismo*. Esta, operando dentro dos parâmetros da política habitacional vigente, apresentava-se como uma tipologia *low-rise, high density* que poderia colmatar as falhas acima enunciadas.

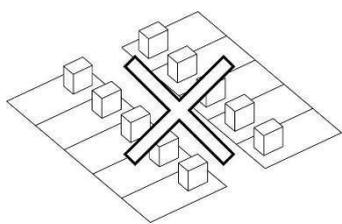
É neste contexto que o *atelier* é contratado pelo programa *Chile Bairro* para trabalhar na Quinta Monroy.

QUINTA MONROY, IQUIQUE, CHILE

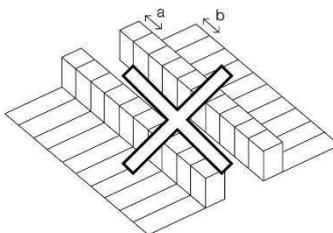
Localizada a 1500 km de Santiago, encontra-se a cidade de Iquique. No centro desta, encontra-se a Quinta Monroy. No decénio de 70, este terreno foi ocupado com o propósito de ser utilizado para a produção agrícola e pecuária. Com o passar dos anos, Iquique consolidou-se como um centro industrial e, conseqüentemente, um centro de oportunidades. Assim, acompanhando o crescimento da cidade, o terreno foi sendo ocupado por famílias economicamente desfavorecidas. Esta ocupação, autorizada por Ernesto Monroy, consistia na construção de abrigos de emergência, abrigos estes que se foram metamorfoseando. A casa evoluía à medida que a família evoluía.

Na viragem do milénio, a Quinta Monroy era habitada por 100 famílias. Estas viviam em condições precárias e insolúveis. A maioria das habitações, construída com materiais resgatados do porto, ocupava cerca de 30m². A maioria dos espaços não usufruía de ventilação direta ou de luz natural e as redes de abastecimento de água e o saneamento eram inexistentes. Além desta sobrelotação, a natureza labiríntica dos espaços contribuía para o aumento da criminalidade e do tráfico de drogas.

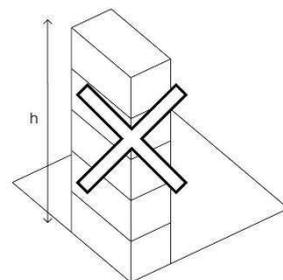
De um ponto de vista meramente económico, tratava-se de um grupo relativamente heterogéneo. Pelo menos metade da sua população era considerada pobre, sendo que cerca de 40% vivia abaixo do limiar da pobreza. Todavia, a taxa de desemprego era meramente de 8,1%.



1 house = 1 lot

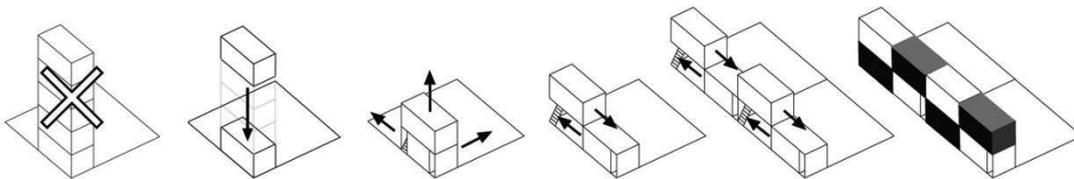


a = b



h > 2

21. Esquemas sobre as tipologias de habitação social existentes



22. Esquemas sobre o conceito de *Parallel Building* desenvolvido pelo *atelier Elemental*

A DISPONIBILIDADE DO MERCADO

Numa primeira fase, o *atelier* Elemental procurou demonstrar o que aconteceria se tentassem resolver o problema com as tipologias existentes no mercado e, conseqüentemente, as tipologias com que a comunidade se encontrava familiarizada. Este exercício foi apresentado à comunidade da Quinta Monroy uma vez que o primeiro passo de um processo participativo deveria ser o comunicar as dificuldades e restrições. A primeira tipologia, a casa unifamiliar isolada, era vista como a única opção a considerar, a única a ser aceite pelas famílias. Ora, tendo em conta que uma casa corresponde a um lote, apenas seria possível a construção de 32 casas. Isto implicaria a compra de um terreno mais barato sendo que estes se localizavam fora de Iquique, na cidade satélite de Alto Hospício. Além disto, havia também uma quantidade considerável de exemplos que provavam que esta tipologia, aliada a futuras expansões de índole informal, impossibilitava um crescimento harmonioso do espaço urbano.

A segunda tipologia seria a casa de 2 andares construída em banda. Esta, permitindo abranger uma maior densidade populacional ao reduzir a área dos lotes, possibilitava a construção de 60 habitações. Apesar deste aumento, 40 famílias seriam forçadas a ir para Alto Hospício. Além disto, qualquer expansão que os residentes construíssem iria bloquear outras habitações, iria afetar a ventilação dos espaços, impedir a entrada de luz natural e eliminar a privacidade. Mais do que eficiência, criava-se sobrelotação.

Por fim, os blocos habitacionais de vários andares. Esta tipologia, que permitiria que os apartamentos tivessem apenas 30m² e impediam a sua evolução, foi imediatamente rejeitada pela comunidade. Era uma carta fora do baralho.

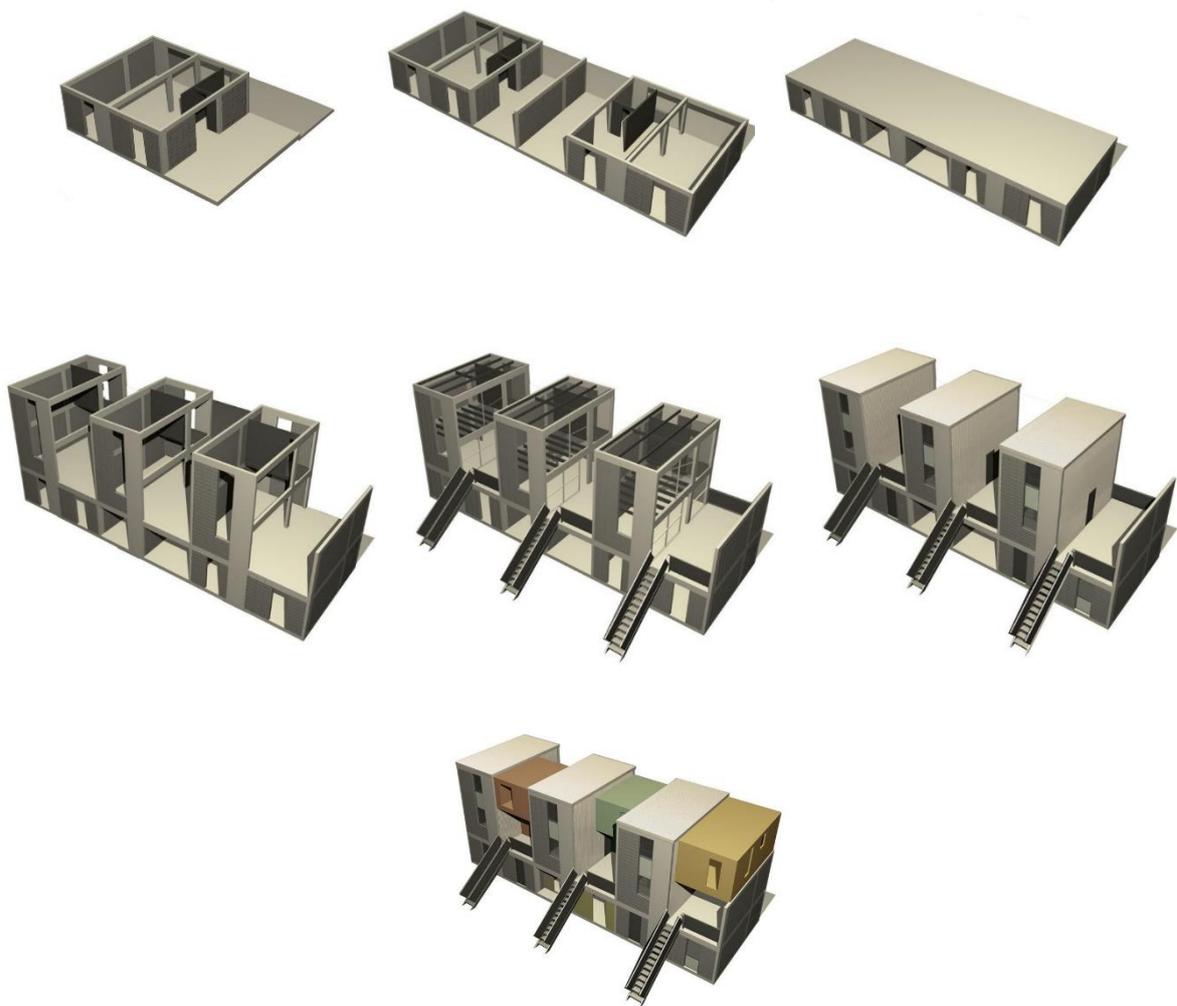
A PROPOSTA: PARALLEL BUILDING

Tendo em conta que nenhuma das tipologias mencionadas permitiria solucionar o problema, o *atelier* Elemental elaborou uma lista de objetivos. A sua proposta deveria permitir a radicação das famílias na Quinta Monroy, uma área urbana já consolidada; deveria possibilitar a construção de habitações incrementais e, conseqüentemente, de uma urbanização incremental; a futura evolução da casa deveria ser construída de forma segura e económica e, por fim, o desenho deveria ser elaborado com a comunidade.

1. A radicação das famílias numa área urbana consolidada.

*“Only a home that can grow in quality over time that preserves social connections, and is well located in the city can become an effective tool for overcoming poverty.”*²⁶ O projeto deveria ser construído numa área urbana já consolidada, próxima do centro urbano e, conseqüentemente, com acesso às oportunidades da cidade e preservando-se as redes laborais

²⁶ ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés - Manual de Vivienda Incremental y Diseño Participativo, p.91



23. Esquema sobre o conceito de habitação incremental associado ao *Parallel Building* da Quinta Monroy

e sociais criadas ao longo de 30 anos. Portanto, o terreno em que o *campamento* se inseria era o terreno a comprar.²⁷ Contudo, tendo em consideração a sua área reduzida, era impossível construir 100 unidades habitacionais isoladas. Apenas um edifício coletivo permitiria albergar esta densidade. Este facto levou a que o grupo de arquitetos apresentasse o *Parallel Building* como a solução. Esta tipologia, que tinha vindo a ser desenvolvida pelo *atelier Elemental*, baseava-se numa sobreposição de estruturas. No rés-do-chão seriam construídas casas que poderiam crescer horizontalmente. Em cima destas, seria construída uma enorme laje horizontal de betão armado que, por sua vez, sustentaria a construção de um apartamento duplex que poderia crescer verticalmente. Desta maneira, com cada lote a albergar 2 famílias, resolvia-se o problema da densidade. Na verdade, esta tipologia desenvolvida pelo grupo Elemental era semelhante à estratégia que a população tinha vindo a desenvolver no *campamento*. De forma a aumentar a densidade e a sua fonte de rendimentos, os ocupantes da Quinta Monroy construíam apartamentos sobre as suas casas.

2. A construção incremental do espaço.

Tendo em conta que o custo médio de cada habitação era de 7 500\$, financiar-se-ia a construção de cerca de 25 m². Devido à escassez de recursos, os processos de expansão das unidades habitacionais seriam inevitáveis. Ora, as futuras construções poderiam deteriorar o bairro e as próprias casas. Era necessário providenciar uma solução que permitisse o crescimento harmonioso do conjunto urbano. Assim, o *parallel building* consistia na construção de um corpo poroso, um suporte para futuras expansões. Os “poros” encaixavam-se numa estrutura sólida e racional que, aliada à repetição e monotonia, limitava a possibilidade de um futuro caos urbano. A industrialização do espaço, uma metodologia com conotações negativas, poderia ser utilizada como uma estratégia e garantir a qualidade do espaço.

Por outras palavras, estabeleceram-se os limites para as expansões.

3. As ampliações realizadas com segurança e a baixos custos.

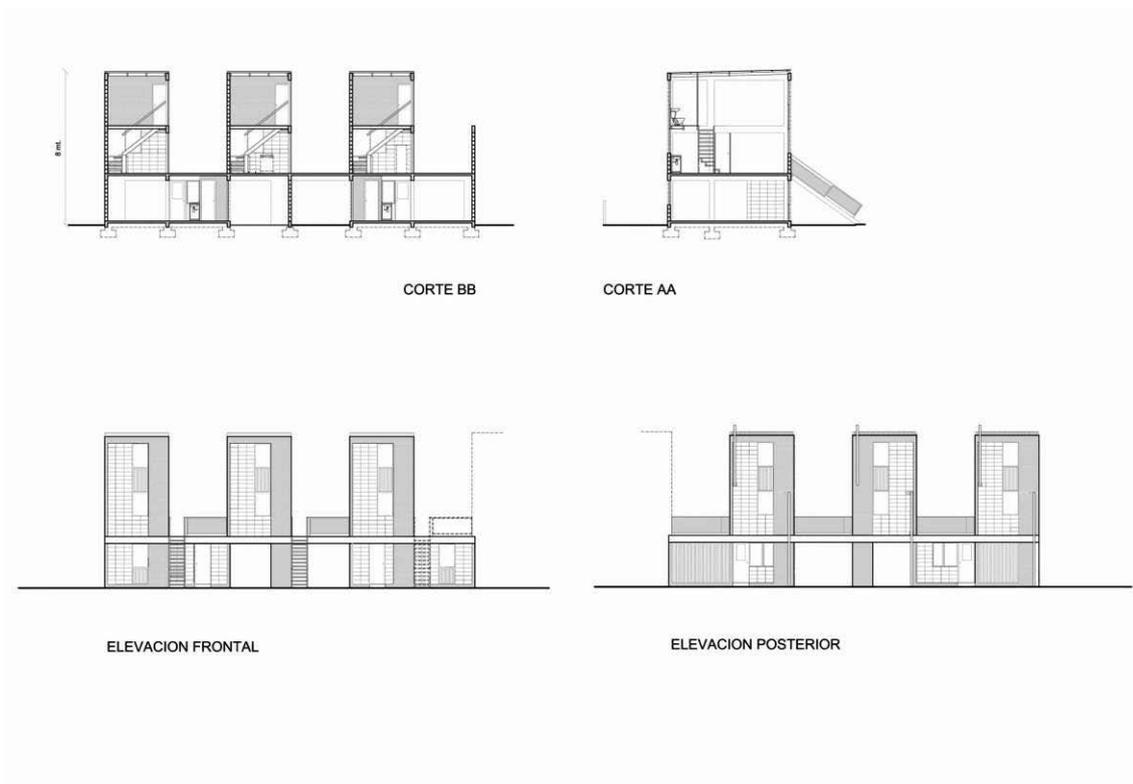
Considerando a expansão inevitável das unidades de habitação era imperativo que a estrutura do *parallel building* antecederesse o seu crescimento. Por outras palavras, deveria suportar os volumes iniciais e os volumes futuros. O volume inicial representaria a metade da casa cuja construção seria tecnicamente mais difícil e financeiramente mais cara enquanto a segunda metade seria da responsabilidade dos residentes e deveria ser estruturalmente segura e construída a baixo custo. Para que tal fosse possível, os “poros” foram desenhados de modo a incorporar espaços suficientemente grandes para acomodar as famílias e ao mesmo tempo

²⁷ Em projetos de habitação social, de forma a reduzir os custos, o terreno escolhido era o mais barato possível. No Chile, esses terrenos localizam-se numa área periférica e custam, em média, 10\$/m². Contudo, neste projeto, o terreno custava cerca de três vezes mais, 30\$/m².



24. Plantas do projeto Elemental - Quinta Monroy

Casa | Planta Piso 2 - Piso 1 do Apartamento Duplex | Planta Piso 3 - Piso 2 do Apartamento Duplex)



25. Cortes e Alçados do projeto Elemental - Quinta Monroy

suficientemente pequenos de modo a que a sua construção pudesse ser simples.

Deste modo, os primeiros 36m² da casa custariam 7 500\$ enquanto a segunda metade custaria 1 000\$ a cada uma das famílias.

4. Desenhar com a participação da comunidade.

Uma das condições impostas pelo programa estatal *Chile Bairro* consistia no envolvimento da comunidade nos processos arquitetónicos. De modo a cumprir este requisito abordou-se a participação em 3 fases. A primeira consistia em comunicar restrições. Correndo o risco de se sacrificar o entusiasmo das famílias ao expor as suas opções, esta era uma maneira de as tornar parte ativa do processo e de as auxiliar na tomada de decisões. Desta maneira, a lógica dita que a próxima fase consistisse na tomada de decisões em conjunto. Com a exposição das restrições, cabia à comunidade decidir o que seria melhor para si. Regra geral, no âmbito da habitação social, uma escolha implica um sacrifício. Por último, a participação deveria ser bidirecional, ou seja, não incidia apenas na troca de informação. Trabalhando-se num contexto onde a escassez é muita tornava-se necessário identificar os recursos locais.

Além destes 4 objetivos, dever-se-ia cumprir os parâmetros do programa estatal VSDsD o que implicaria pagar um terreno relativamente caro, construir as infraestruturas necessárias e construir habitações de carácter evolutivo, as quais necessitavam de espaço para crescer, com um orçamento de 7500\$ por família.

É neste contexto que é apresentado o *Parallel Building*.

O PROJETO ARQUITETÓNICO

A tipologia desenhada pelo *atelier* Elemental para a Quinta Monroy consiste numa casa localizada no rés-do-chão e num apartamento duplex. A unidade habitacional inicial ocupava um lote de 9m x 9m e permitia a existência de um logradouro de 9 metros de comprimento por 3 metros de largura. A casa é composta por 3 módulos com 6 metros de comprimento, 3 metros de largura e 2.5 metros de altura. Os dois módulos que compunham o espaço inicial eram constituídos por uma sala de estar e de jantar, uma instalação sanitária e uma cozinha. O terceiro módulo, não construído, destinava-se a uma futura expansão permitindo que a casa crescesse horizontalmente. Deste modo, a área inicial de 36m² poderia ser aumentada para 70m².

O apartamento duplex, construído sobre uma laje de betão armado, apresentava-se como um volume de 6 metros de comprimento, 6 metros de largura e 5 metros de altura. Contudo, o dinheiro disponível permitia apenas a construção de metade. Assim, o volume inicial correspondia a um módulo de 6 metros de comprimento, 3 metros de largura e 5 metros de altura ao qual se acedia através de uma escada construída no seu exterior. O programa, semelhante ao da casa, dividia-se pelos 2 andares. A laje que deveria separar os dois pisos não foi construída, fornecendo-se uma unidade habitacional com pé direito duplo.



26. 27. Fotografias do interior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Dezembro 2004]



28. 29. Fotografias do interior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Dezembro 2004]

Assim, numa primeira fase, a habitação deveria evoluir verticalmente no seu interior. Numa segunda fase, o vazio localizado entre os módulos construídos e destinado a futuras extensões, permitia que a área inicial de 25m² aumentasse para 72m².

Ambas as unidades tinham acesso direto e independente aos espaços coletivos.

É de realçar que esta tipologia é definida pela sua capacidade de transformação espacial uma vez que apresenta uma espécie de quadro evolutivo que parte de um núcleo inicial de dimensões mínimas e que se pode ir transformando através de processos de ampliação ou subdivisão, ao longo do tempo. O arquiteto procura prever quais as futuras necessidades do habitante e, por essa razão, o crescimento é planeado pelo arquiteto.

OS WORKSHOPS

Contudo, este projeto não se baseava apenas no projeto arquitetónico. Era necessário antecipar algumas etapas e processos delicados como a demolição do *campamento* da Quinta Monroy, a instalação de um campo temporário e a preparação das famílias para as mudanças que se avizinhavam, inclusive as futuras ampliações.

Além dos subsídios que financiavam a construção do projeto, existiam outros fundos destinados a providenciar a assistência técnica e social aos futuros residentes. Tendo em consideração a falta de confiança por parte da comunidade, o caráter evolutivo deste projeto e a complexidade da transformação urbana, a entidade *Chile Bairrio* considerava que este processo de socialização deveria ocorrer durante e após o projeto. Assim, o *atelier* Elemental adaptou um programa habitacional de assistência técnico-social denominado de *Un Bairrio para mi Familiar* e adaptou-o de modo a assistir a comunidade da Quinta Monroy. Este processo foi implementado desde a demolição das casas precárias às ampliações das futuras casas. Ao longo de mais de um ano, uma vez por semana, o grupo de arquitetos deslocava-se a Iquique e realizava *workshops*.

Após a entrega das habitações, em Dezembro de 2004, o processo de socialização e de acompanhamento técnico continuou. Os primeiros dias foram cruciais. Nestes, que constituíram a semana piloto, providenciaram-se conselhos sobre o desenho e suporte técnico a quem precisasse. As primeiras ampliações realizadas iriam servir de exemplo para as futuras. Assim, a equipa de arquitetos, tendo providenciado algumas sugestões a nível de estética, estava mais interessada em mostrar, através do exemplo, quais os melhores materiais a utilizar e assegurar que se cumpria os regulamentos de copropriedade. Nestes casos, o papel do arquiteto passaria por supervisionar a qualidade.

O sucesso deste acompanhamento é notório apenas dois meses após a entrega, em que 60% das ampliações tinham sido, de um ponto de vista técnico, bem executadas sendo que, na sua maioria, seguiam as recomendações discutidas nos *workshops*. Os três casos cujas ampliações poderiam contribuir para a deterioração do espaço urbano, foram realizadas por famílias que não



30. 31. 32.33. Fotografias do interior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Junho 2006]

participaram no processo.

18 MESES APÓS A ENTREGA DAS CASAS

A área inicial das casas era de 36 m² enquanto a área inicial dos apartamentos era de 35 m². Ambos incluíam uma cozinha, uma casa de banho, um espaço de estar e de jantar. Segundo uma evolução planeada pelo arquiteto, ambos poderiam aumentar a sua área para 72 m². Por outras palavras, a habitação passaria a contemplar uma cozinha, uma sala de estar, uma sala de jantar, uma casa de banho e três ou quatro quartos. Estas ampliações poderiam ocorrer sem haver a necessidade de uma nova estrutura e com a possibilidade de uma iluminação e ventilação natural. Cerca de 18 meses após a cerimónia de entrega das casas, 64% das habitações contava com mais de 50 m².

Contudo, apenas um mês após a entrega das casas, já era notório um dinâmico processo de expansão. Para que este dinamismo fosse possível, o desenho arquitetónico permite um crescimento que siga a lei do mínimo esforço. Por outras palavras, caso as famílias optassem por seguir um caminho mais fácil e barato na sua ampliação, seria uma opção considerada aceitável para o complexo. Enquanto arquitetos, a equipa Elemental não procurou controlar os aspetos estéticos das expansões. As sessões de aconselhamento centravam-se em providenciar conhecimento técnico enfatizando o uso eficiente dos recursos de cada família. Deste modo, demonstraram que as operações que poderiam comprometer a qualidade espacial e ambiental do projeto deveriam ser vetadas. Construir elementos que invadissem o espaço coletivo, além de prejudicial, seriam operações mais caras e mais difíceis do que as adições realizadas na própria estrutura. Talvez por este motivo, menos de 10% das ampliações construídas pelos seus proprietários correspondia a obras não previstas pelos arquitetos, obras que não se consideraram como parte da lógica “natural” de crescimento.

Mais uma vez, o desenho arquitetónico permitiu que a segunda metade da habitação coincidissem com os materiais padrão e as medidas estruturais utilizadas, previamente pelas famílias. Deste modo, os painéis pré-fabricados utilizados nas habitações temporárias encaixavam no espaço vazio. A largura do módulo permitia também que se utilizasse uma peça de madeira de modo a que a complexidade técnica fosse eliminada e evitando o desperdício de materiais. A precisão do desenho permitiu a redução de custos e facilitou os futuros esforços dos seus habitantes. Por esta razão, três de cada quatro adições foram realizadas com menos de 85\$/m² e sem baixar a qualidade.

Tendo em consideração que a primeira metade das habitações custou 7 500\$ e que, em média, cada família gastou 1000\$ na segunda metade, o valor das habitações aumentou para 20 000\$. Consequentemente pode-se afirmar que se trata de um investimento e não de uma



34. 35. 36. 37. Conjunto Habitacional Elemental – Quinta Monroy, Iquique, Chile

despesa social.

A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO DE HABITAR

Pode-se dizer que, passados 18 meses, o crescimento evolutivo das casas foi o planeado pelo arquiteto. Numa tentativa de se organizar o que não pode ser planeado, determinaram-se os moldes do espaço onde a habitação poderia crescer. O desenho arquitetónico permitia que o arquiteto usufruísse de um certo controlo na sua futura expansão e, conseqüentemente, sobre as volumetrias resultantes. A repetição do conjunto permitiu que se mantivesse uma certa homogeneidade mas também permitiu que as futuras construções se revelassem uma quebra na monotonia. Os módulos de betão armado encontravam-se intercalados com novos módulos. Estes, construídos com diversos materiais e de diversas cores, eram um espelhar da família que os habita. A Quinta Monroy apresentava-se como um reflexo dos vários modos de habitar o espaço.

Contudo, naquela a que se pode chamar de segunda fase do projeto, o verdadeiro controlo está nas mãos de quem habita o espaço e, como resultado, o crescimento harmonioso não prevaleceu no tempo. Cerca de 15 anos após a entrega das habitações, a evolução das habitações já não segue o projeto planeado pelo arquiteto. O espaço coletivo, nomeadamente os quatro pátios, encontra-se invadido por elementos dissonantes ou servem, na sua maioria, de parque de estacionamento. Os logradouros associados a cada lote encontram-se ocupados por novas construções. Em alguns casos, adicionou-se um quarto andar. A individualidade ou a necessidade ditam as regras das novas intervenções. A qualidade das intervenções começa a deteriorar-se e, conseqüentemente, a qualidade arquitetónica do conjunto.

$$X = \frac{150 \text{ familias} \times 30 \text{ m}^2 \times \text{US} \$7.500}{1 \text{ há}}$$

38. Equação que sintetiza o desafio proposto pelo programa *Chile Bairro*

02.2 CONCURSO MUNDIAL DE ARQUITETURA ELEMENTAL

Nos primórdios do projeto Elemental, existia um grande ceticismo em torno da questão do conceito de *Parallel Building*. Além de se tratar de uma iniciativa de foro acadêmico, motivo pelo qual se considerava este conceito utópico, havia quem se questionasse da sua viabilidade. Parecia impossível poder construir-se uma melhor habitação social com menos recursos. Por estes motivos, tornou-se importante demonstrar resultados. Todavia, mesmo após a construção do conjunto habitacional da Quinta Monroy, o sucesso associado a esta tipologia era visto como um caso único, uma exceção à regra.

Tendo em conta esta falta de confiança, tornou-se necessário repetir o processo. Neste sentido, criou-se o Concurso Mundial de Arquitetura Elemental no qual poderiam participar estudantes e arquitetos de todo o mundo. Optou-se por construir 7 novos projetos que pudessem abordar novos desafios. Deste projetos, selecionaram-se três.²⁸

²⁸ O conjunto Elemental - Valparaíso é o terceiro projeto selecionado e será apresentado no capítulo 03.1.



39. 40. 41. Conjunto Habitacional Elemental, Antofagasta, Chile

CONJUNTO HABITACIONAL ELEMENTAL ANTOFAGASTA

Antofagasta localiza-se a cerca de 1200km da cidade de Santiago, numa zona costeira do deserto de Atacama, sendo considerada uma das cidades mais importantes da região norte do Chile. Parte das 93 famílias que compõem o *Comité de Vivienda "Esperanza para el Mañana"*, viviam no *campamento La Chimba*, numa das principais áreas de crescimento urbano da cidade e onde se edificam a maioria dos projetos de habitação social. Contudo, encontra-se longe de centro urbano e dos serviços. As restantes famílias habitavam dois *campamentos* que limitavam a cidade a este. Apesar de uma maior proximidade ao centro de Antofagasta, viviam em condições extremamente precárias, com pouco acesso a água potável ou eletricidade.

O terreno escolhido para acolher o projeto Elemental encontrava-se perto do centro urbano na Avenida Circunvalación. Devida a uma boa localização, não existia a necessidade de realojar as famílias na periferia da cidade. De facto, a escolha do terreno permitiu que as famílias se encontrassem mais perto do centro e permitiu consolidá-las nas redes laborais e nas oportunidades oferecidas pela cidade.

O projeto vencedor era da autoria dos arquitetos uruguaios Baptista+Baptista. Desenvolveu-se, assim, um conjunto habitacional composto por volumes estreitos e verticais que constituíam o módulo base. Este propunha a construção de um módulo vertical estrutural de dois andares que continha a infraestrutura para a cozinha, para as instalações sanitárias e restantes serviços e ainda as escadas. Esta espécie de muro, assumindo uma forma de C quando visto em planta, incluía o isolamento acústico e corta-fogo e seria um suporte estrutural para uma futura expansão, incluindo o isolamento acústico e corta-fogo. Cada forma em C encontrava-se estrategicamente distanciada da forma seguinte, gerando-se um vazio entre os módulos. As futuras ampliações poderiam ser realizadas sem grandes dificuldades técnicas e permitia que os espaços habitacionais usufruíssem de uma boa dimensão.

O núcleo inicial, tendo cerca de 55m² de área, era composto pela cozinha, instalação sanitária, espaço comum e sala de estar ou jantar no rés-do-chão. Uma laje de betão armado suportaria o piso superior, o qual se destinaria a albergar dois quartos. Com as futuras ampliações, a área poderia aumentar para 73m². A estrutura foi concebida de modo a, se necessário, suportar um terceiro piso.

O projeto, tendo sido implantado paralelamente à pendente do terreno, encontra-se dividido em dois. Uma rua central, nas quais se encontram os lugares de estacionamento e as passagens e escadarias de acesso pedonal, separa as duas plataformas nas quais estão implementados os edifícios.

Na verdade, esta tipologia foi bastante criticada pois não passava da tipologia a que chamavam *la vieja caseta sanitaria*, uma tipologia que remota até à política habitacional chilena



42. 43. 44. Conjunto Habitacional Elemental, Renca, Chile

de 1982 na qual se entregava uma espécie de caixa com 6m² e continha uma instalação sanitária e uma cozinha.

As habitações foram entregues às respectivas famílias em 2009 e, até hoje, todas as habitações sofreram uma evolução do espaço encontrando-se já consolidadas. Tal como em Iquique, algumas das habitações sofreram ampliações de boa qualidade, encontrando-se bem acabadas e demonstrando algum conhecimento do foro construtivo por parte dos seus habitantes. Contudo, também se observam ampliações de baixa qualidade material e construtiva ou ampliações que não respeitam a harmonia urbana do conjunto ao ocupar o espaço público. Estas, além de não respeitarem os limites ordenados pelo desenho do arquiteto, podem não só desordenar o espaço urbano como debilitar as próprias habitações.

CONJUNTO HABITACIONAL ELEMENTAL RENCA

Renca, um município de Santiago, localiza-se a na periferia da capital do Chile, inserindo-se num vale com 40 km de diâmetro que, por sua vez, se encontra rodeado pela cordilheira dos Andes.

Tendo em conta o extenso desenvolvimento urbano de Santiago, os projetos de habitação sociais são reencaminhados para as zonas periféricas. Não existem terrenos desocupados nas proximidades do centro urbano. Renca é uma dessas zonas, encontrando-se a cerca de uma hora do centro. Contudo, nos últimos anos tem vindo a desenvolver infraestruturas como autoestradas que têm melhorado, de forma considerável, a acessibilidade ao centro urbano.

A entidade de *Campamentos y Comité de Allegados "Construyndo Nosso Futuro"* há anos que tentava providenciar uma solução habitacional para as famílias que viviam em assentamentos informais. Porém, e apesar condições de grande insalubridade em que viviam, as famílias recusavam-se a abandonar a sua casa e abdicar da proximidade ao centro de Santiago. As famílias estavam conscientes das consequências socioeconómicas que sofreriam ao mudar-se para uma zona periférica.

A tipologia incremental Elemental poderia providenciar a resposta. Assim, comprou-se um terreno localizado aos pés do Cerro Colorado, um terreno que se localizava do outro lado da rua em que o aglomerado se localizava. Apesar do seu custo elevado, encontrava-se bem localizado e permitia manter as redes laborais e sociais da comunidade.

Devido às condicionantes do terreno, o projeto vencedor do Concurso Mundial necessitava de uma adaptação. Da autoria da dupla de arquitetos Teodoro Fernández e Sebastián Hernández, o projeto apresentava-se em forma de um L e inseria-se num lote de 10 m x 10 m. Em cada lote, o qual se encontrava dividido em 9 módulos quadrados, encontravam-se duas habitações. No seu



45. 46. 47. Conjunto Habitacional Elemental, Renca, Chile

centro encontrava-se uma parede medianeira que separava as duas unidades habitacionais e onde se encontravam as escadas e as instalações sanitárias de ambas.

A forma em L permitiam que as fachadas fossem maiores que a maioria das fachadas em projetos de habitação social. No seu todo, as habitações estavam dispostas em vários conjuntos em forma de U. No centro destes, localizavam-se os espaços comuns pedonais e, no seu exterior, as vias para estacionamento. Porém, tendo em consideração os custos associados ao terreno comprado, era necessário adotar uma tipologia com uma maior densidade em altura. O projeto sofreu alterações e acabou por ser rejeitado pela população.

O *atelier* Elementar apresentou um novo desenho às famílias. Este consistia em tipologias individuais de 3 andares com acesso a um pátio e jardim privado. Estes espaços privados vinham a pedido das famílias, de maneira a que todas as casas pudessem usufruir de um espaço que lhes permitisse plantar um pequeno jardim, estacionar o seu automóvel ou albergar um pequeno negócio. Usando a mesma lógica que em Antofagasta, desenvolveu-se uma unidade de habitação em que as paredes divisórias da estrutura de betão armado consolidavam a estrutura, o corta-fogo, as instalações e os acessos. Deste modo, concentraram-se os serviços da casa em áreas de 1,5m de largura deixando-se cerca de 3 m de vazio para futuras ampliações.

Assim, planeou-se um módulo de três andares e que contemplava o pátio. Esta pequena mudança permitiu a construção de 170 unidades habitacionais. Este módulo contemplava o espaço exterior privado pedido pelos moradores, e contrariamente ao projeto da Quinta Monroy, assegurava um edifício totalmente encerrado em todas as fachadas. Deste modo, as futuras ampliações seriam efetuadas verticalmente e apenas no seu interior. No seu interior, o rés-do-piso é composto por umas escadas e uma cozinha. No primeiro piso encontra-se uma instalação sanitária e um espaço com pé direito duplo.

Esta proposta era planeada de modo a que a linguagem exterior dos edifícios se mantivesse inalterada, permitindo a expansão da casa apenas no seu interior.

As habitações foram concluídas e entregues aos seus proprietários em Agosto de 2008, e apenas um mês depois, os jardins frontais já começavam a ganhar forma. Novos negócios eram construídos. Os pátios privados tornaram-se espaços de comunitários. Em apenas 3 meses, os interiores das habitações encontravam-se ampliados. Porém, as ampliações não ocorreram apenas no interior do módulo, verificando-se ampliações no seu exterior.

Talvez um dos resultados mais satisfatórios deste projeto seja o facto de que a comunidade se sentiu tão incluída no processo de construção que formou uma corporação cujo objetivo era ajudar outras famílias que procurassem soluções habitacionais. Todavia, existem ampliações construídas pelos seus habitantes que se desviam dos limites propostos pelos arquitetos e, conseqüentemente, ameaçam a qualidade arquitetónica e construtiva do conjunto.



03

O DIÁRIO DE BORDO

Na América Latina, o acesso a um terreno e a uma casa representa um dos principais problemas sociais, sendo que o Chile não é exceção. Ora, deste modo concebe-se uma apropriação informal do território que obedece às suas próprias regras. A nível nacional, é na região de Valparaíso que se concentra o maior número de aglomerados informais do país sendo que, segundo o *Catastro de Campamentos 2018*²⁹, registam-se 182 *campamentos*, representando 22% do total de aglomerados registados. Claro está que esta convergência de formas (des)urbanas, associada a uma expansão explosiva característica das cidades latino-americanas e que se traduz num crescimento descontrolado, é responsável pela criação de uma cidade dual. Quer dizer, Valparaíso encerra em si duas cidades distintas, uma formal e uma informal. Esta segunda faceta da cidade é considerada como uma mancha no tecido urbano, uma mancha a suprimir. Contudo *“una gran parte de la población del mundo vive en hábitats autoconstruidos, en los márgenes, en los intersticios, en las áreas abandonadas de las ciudades pensadas. Esta ciudad sin nombre de ciudad, que no aparece en los planos ni en los planes, responde también a una idea de ciudad por parte de sus autos constructores. Pero es también una prueba de que la conquista de la ciudad es también nostalgia de futuro, una conquista humana a medio hacer.”*³⁰ E a verdade é que este habitar informal, personificado pela autoconstrução, é o responsável por dar forma à periferia de Valparaíso. Esta cidade irregular apresenta-se como um verdadeiro laboratório experimental e emergente.

²⁹ Lista de assentamentos informais existente no Chile, realizada pelo Ministerio de Vivienda y Urbanismo (MINVU) em 2018.

³⁰ BORJA, Jordi - La ciudad conquistada, p.26-27

25 março 2017

Debruço-me sob a janela do avião, consciente de um aterrar que se aproxima e esperando o cenário típico de uma grande cidade do hemisfério sul, planaltos e cerros conquistados por casas efémeras que se acotovelam umas às outras, reivindicando o seu pequeno pedaço de terra. No entanto, sou recebida por terrenos baldios e áridos que se estendem por infinitos quilómetros, sendo apenas interrompidos por estruturas viárias e traçados de terra irregulares que permitem a sua divisão assim como por uma ocasional edificação de pobre construção. Este é o panorama que antecede o Aeroporto Internacional Comodoro Arturo Merino Benítez. É-me inevitável uma comparação com a aterragem posterior, onde o que antecede o Aeroporto Fiumicino, localizado em Roma, são prados verdes de terrenos organizados e cuidados, sendo que à medida que o avião se aproxima do seu destino, é possível observar pequenos aglomerados urbanos que se apresentam como ordenadores de território. Dois aeroportos em situações semelhantes, ambos precedidos por um vasto território mas cujas primeiras impressões são antagónicas. Chegando a Roma, é impossível desviar o olhar do prado de verdes, do labirinto organizado. Chegando a Santiago, após o impacto de sobrevoar os Andes, da sensação de imponência perante tal fenómeno, sou recebida num cenário de terras que se apresentam como vítimas de abandono.

No instante em que se sai do avião, um choque de temperaturas percorre o corpo. A primavera fria de casa é confrontada pelo ar denso e temperaturas quentes de uma nova estação. Após este primeiro choque, rapidamente me vejo no interior do aeroporto. Este apresenta



48. Ascensor Artillería, Valparaíso, Chile. Março 2017

dimensões muito reduzidas, quando comparado aos anteriores, sendo marcado por uma forte horizontalidade. Para meu espanto, no ponto de recolha de bagagem, somos saudados por seguranças e cães farejadores, um fator ao qual não possa dizer que esteja habituada. No entanto, rapidamente encontro um certo sentimento de familiaridade, um Francisco. Ajudando-me com a bagagem, oferece-me as direções necessárias para encontrar a saída e poder seguir caminho para Valparaíso. À saída, a primeira opção de deslocamento, um táxi, cobra 120 000 Ch\$. No entanto, tal como tinha sido informada previamente, o trajeto a seguir passaria por apanhar um *turbus* com direção à estação de autocarros de Pajaritos, através do qual a viagem ficará a 6 800 Ch\$.

A jornada desde o aeroporto até Valparaíso, a minha nova casa nas três semanas que se avizinham, surpreende. Com o eco de uma primeira impressão, o trajeto entre as duas cidades cativa o olhar. Como uma desmedida lâmina de betão, a Ruta 68 irrompe o tecido natural de acidentes geográficos que a envolvem. Sensivelmente a meio do trajeto, avista-se uma portagem. Esta oferece-me o primeiro vislumbre do povo chileno. Mulheres de rosto moreno e longos cabelos pretos deambulam pelas faixas tentando vender *empanadas de pino*, *huevos duros*, *sopaipillas*. É impossível não notar na diversidade de produtos caseiros que recheiam as cestas.

À medida que o tempo passa pequenos pontos esporádicos começam a marcar a paisagem envolvente. Numa questão de meros minutos, o que era esporádico torna-se constante, pequenas casas coloridas de aparência tosca definem um novo horizonte. O momento em que um mar de casas apinhadas me prende o olhar, é o momento em que me apercebo da iminente chegada. Mais à frente, o motorista anuncia a nossa entrada na cidade de Valparaíso. Uma imagem mais ordinária edifica-se, a casa rudimentar é substituída por edifícios ao qual o meu olhar está mais familiarizado.

Através do vidro é impossível não reparar no caos humano que habita a rua, nas barracas temporárias que ocupam a longa Avenida Argentina. É-me difícil desviar o olhar da janela contudo apercebo-me da chegada ao terminal rodoviário, um edifício cuja fachada é marcada pela sua ortogonalidade e horizontalidade, desenhando-se uma divisão igualitária do espaço para os diversificados quiosques de rés-de-chão que, por sua vez, são ofuscados pela euforia de mesas improvisadas que ocupam o passeio de generosa largura. Ao fim da rua, avisto Cristina³¹.

Sendo o meu primeiro dia, é-me apresentada a cidade como um todo. Seguindo-se caminho pela rua Errázuriz, caminha-se lado a lado com o Recinto Portuário. Esta rua quase que se apresenta como uma linha divisória, separando porto e cidade. Ao longe avista-se o ascensor Artillería, que se encontra aos pés do cerro de mesmo nome. Em 80 segundos, este elevar-nos-ia ao nosso destino, o Paseo 21 de Mayo, no entanto, existe um outro atalho. Subindo-se uns meros

³¹ Estudante de Arquitetura da Universidade de Coimbra



49. 50. Vista panorâmica do Paseo 21 de Mayo, Valparaíso, Chile. Março 2017

metros pela rua Carampangue, um lance de escadas espreita a rua, passando despercebido e interrompendo a linha contínua de fachadas sendo que ruínas e um pequeno terreno abandonado precedem a escadaria. Com o tijolo a espreitar por entre o cimento, erguem-se degraus lado a lado a um pavimento também cimentado. Estes, com cerca de um metro de largura cada, são separados por uma guarda metálica enferrujada. O início desta subida caracteriza-se por uma envolvente sem graça. De um lado, ruínas personalizam a ideia de muros, no outro são muros de suporte. Consoante a subida, estes dão lugar a habitações coloridas e a espaços vazios. Espaços que espreitam a cidade desenvolvendo-se uma envolvente panorâmica. O Museu Marítimo Nacional, misturando um estilo neoclássico e barroco, anuncia o fim deste percurso. Direcionado à sua direita, no sopé do cerro Artillería, o Paseo 21 de Mayo apresenta-se como uma varanda natural de Valparaíso. Este miradouro, um ponto turístico, é consequência de uma localização privilegiada e do espaço que a abraça. Com a mão apoiada no corrimão ou sentando-se nos bancos construídos, distanciando-se da vida urbana, observa-se e ouve-se a cidade. A acompanhar este distanciamento, e providenciando proximidade em simultâneo, uma feira artesanal marca o compasso do plano posterior, vislumbrando-se pequenos pedaços do verdejante jardim do museu.

É-me possível compreender a topografia desta cidade. Valparaíso apresenta-se como um anfiteatro natural, uma baía que abraça o mar. Em conversas, é-me dito que Valparaíso é a cidade que nasceu porto. Pelo que compreendo, é uma cidade cuja estrutura urbana resulta do cruzamento entre uma geografia penosa, a tradição de imigrantes e o engenho dos nativos. Destinada a ser porto, o seu ordenamento territorial foi abordando os limites naturais da cidade. Como que numa espécie de linguagem única induzida pelo próprio território e pelos hábitos de quem o habita, a cidade foge da típica malha ordenadora colonial.

Por volta das dezoito horas, dá-se o anoitecer. Dada a sua topografia, a cidade encontra-se simultaneamente em sombra e em luz. Com o passar do tempo, a noite cobre toda a cidade e pequenos pontos de luz impõem a sua presença. Perante os nossos olhos pinta-se a esperada imagem, uma imagem digna de postal.

26 março 2017

O dia de chegada é sempre um dia de primeiros vislumbres, do eco de uma viagem e do sentimento de desorientação num novo desconhecido. Talvez por isso, ontem não tenha reparado na particularidade que a rua Carampangue esconde. Sob um emaranhar de fios elétricos que pairam sobre as nossas cabeças, esta rua esconde uma relação de proximidade. Numa cota que acompanha a pendente da rua, fachadas de herança ocidental e estruturas robustas, núcleos habitacionais de dois a três andares, alegam este início de rua com o seu mar de cores, definindo



51. 52. 53. Confronto entre arquitetura formal e informal. Rua Carampangue, Valparaíso, Chile. Março 2017

um primeiro plano. A madeira, pintada de branco e presente na esquadria, contrasta com os materiais das fachadas que, por sua vez, imitando pedra ou revestidas com placas onduladas de calamina, escolhem cores vibrantes. No entanto, num segundo e terceiro plano, por cima dos muros de suporte que expõem a disparidade entre cotas, apresenta-se um enredo urbano caótico. Chapas de zinco enferrujadas e placas de gesso cartonado desenharam a heterogeneidade das fachadas. Débeis vigas e pilares de madeira ou metal, de torta e gasta aparência, expõem as frágeis carcaças. Alternando entre ser varanda e galeria, existe um claro habitar vertical, construção sob construção. Aqui, vive-se um contraste gritante entre formal e informal.

Estando em Valparaíso, o desequilíbrio entre estes dois mundos é uma presença constante, é a imagem que define a cidade. No entanto, apenas neste momento me apercebo da proximidade entre estas duas realidades. À medida que se sobe, é possível observar algumas mudanças no que me rodeia. As diferentes fachadas, continuando a ser fruto de uma herança passada, com desenhos simples e bastante semelhantes entre si, conseguem ser contraditórias, conseguem ser idênticas e conseguem ser singulares. Posso dizer que cada fachada é dotada de identidade.

Escondido atrás de uma porta, espreitando sob a janela circular que me lembra um navio, um portenho de rosto carregado e queimado do sol, cuja experiência de vida se espelha na idade, abre a porta com o propósito de me alertar do perigo que se aproxima. Apesar da língua se apresentar como um entrave, é com alguma naturalidade que compreendo o que o senhor me diz. Após uma breve conversa de introdução, é com alguma preocupação que me pede para inverter o sentido, para voltar para trás. Os cerros não são lugares para turistas, podendo apresentar muitos perigos. Andar de máquina fotográfica ao pescoço ou de mochila às costas escala as hipóteses de assalto. Talvez percebendo a minha curiosidade, a minha vontade em continuar a subir, aponta para o mapa que tenho em mãos e, gesticulando, apresenta-me a cidade e os lugares dignos de interesse. Começa por elucidar que a cidade se encontra dividida³². *El plan* é a metade formal desta cidade, uma metade que, por sua vez, é dividida em duas, nomeadamente El Barrio Puerto e El Almendral. Nestas, a cidade vive. Mas nem todos os cerros são proibidos. Na verdade, Cerro Alegre e Cerro Concepción representam a cidade. Quase como que se fundindo num, são o sítio a visitar. No entanto, existe um limite e, não se prolongando muito, apenas me transmite que *los cerros* é sinónimo de proibido, que os limites de que fala acabam por estar traçados no meu pequeno mapa que ilustra apenas uma pequena porção da

³² A cidade de Valparaíso encontra-se dividida em duas partes. *El plan* é a metade formal e planeada, onde se concentram os serviços. *Los cerros* representam a metade informal e espontânea destinada à habitação.

cidade e oculta toda uma periferia autoconstruída. E tal como eu estou a fazer agora, ao passear vou encontrar vários caminhos, perpendiculares à costa, nos quais ser plan e ser cerro se confunde numa linha ténue, sendo muito fácil acabar perdida onde não deveria. Menciona também o Camino Cintura o qual, paralelamente à costa, cinge a cidade a cem metros de altitude face o nível do mar. Este caminho, vinculando cerros, é um limite que não devo ultrapassar. Na verdade, nem deveria subir o suficiente para o encontrar.

Após uma curta despedida, acompanhada do meu agradecimento, dou meia volta. Decido fechar o mapa e, andando ao deus de dará, formar o meu próprio esboço da cidade. Ora, se segundo me dizem, *el plan* é a metade destinada a mim, forasteira, provavelmente por ser a considerada de formal, é a primeira a ser explorada, aquela a que vou associar a uma primeira malha urbana, correspondente à planta baixa da cidade. Estando num plano horizontal, o primeiro parecer de um esboço mental é nada mais nada menos que uma grelha ortogonal, um tabuleiro de xadrez. Talvez não tão rígido, mas numa tentativa de o ser. Esta rede mental, inevitavelmente regular, adequa-se a esta porção de terreno. A aparente coincidência entre o plano mental e o plano com que me deparo é uma ferramenta de orientação. Em menos de uma hora é possível viajar de um extremo para o outro. A malha permite engendrar uma multiplicidade de movimentos. A possibilidade de me perder é bastante reduzida. Ao explorar as ruas, é revelada esta espécie de ortogonalidade, porém não caindo em repetição como na típica cidade colonial. Primeiramente, e ao contrário de Santiago (por exemplo), não se encontra uma Praça de Armas, é como se não existisse um espaço centralizante. Todavia, esta metade plana da cidade, que faz jus a seu nome dada a sua horizontalidade, é fortemente pontuada com praças que se apresentam como espaços de paragem. Em segundo, este plano ordenador encontra-se impossibilitado de uma adaptação inteligente no sentido que se encontra demarcado pelo oceano e pelos cerros que o envolvem, compelindo as suas dimensões a um certo limite. Deste modo, contraria a vasta expansão característica de muitas cidades coloniais. Aliás, a expansão desta cidade é uma escalada. Enveredando pelas ruas que seguem o movimento da orla, observam-se ruas que as cortam. Estas quase que encarnam o movimento de um rio. Tendo por nascente um qualquer lugar num cerro e correndo pelas quebradas, desaguarão no mar. Subindo por qualquer uma delas trocamos o plano horizontal pelo inclinado. Contudo, apesar desta aparente distância, é impossível não encarar *los cerros* que espreitam, a outra metade, a chamada de informal e indigna de visita. É uma presença constante, uma presença que se faz notar. Para onde quer que olhe, o oceano de casas devolve o olhar. E são estas as ruas que unem estes dois mundos aparentemente antagónicos. Se me aventurar a subir, é também nestas ruas que me é aconselhado inverter o sentido da caminhada.

Prosseguindo com o objetivo de criar o meu próprio mapa, continuo a explorar a malha organizada da cidade desenhando pequenos esboços de plantas de cheios e vazios. Os cheios,



54. 55. Comércio de rua. Rua Independencia, Valparaíso, Chile. Março 2017

representando o quadro que acompanha o dia-a-dia, escondem a memória da cidade. Olhando com atenção, a linguagem do cenário que nos envolve manifesta memória e o seu coletivo revela-se uma herança urbana. Cada alçado espelha o seu estilo e sua época. Vejo traços góticos, românicos e barrocos. Talvez rasgos neoclássicos e renascentistas. Na verdade, não seria algo que estivesse à espera de encontrar.

Observando apenas o papel, o cheio representa a ocupação espacial, dando a entender que o restante é como uma página em branco, livre para ser preenchida pela imaginação do arquiteto. De olhos postos apenas na planta, como pode ele resistir a desenhar? Aos olhos daquele que habita a cidade, existe um aparente espaço vazio, pronto para ser preenchido. Olhando o espaço vazio, como resistir a ocupar? A potencialidade do espaço vence os limites definidos, o espaço público é sinónimo de disponível, o que está disponível traduz-se em passeios de generosas larguras. Nestas observa-se um novo ritmo, um novo ritmo que deve ser representado na minha planta. Estruturas de ferro, caixotes de cartão, panos estendidos pelo chão, atrelados, carrinhos das compras, caixas plásticas, mesas de madeira, paletes. Materiais que preenchem as ruas personalizando barracas, expositores, grelhadores, armazéns. É engraçado que todos estes materiais têm uma dupla funcionalidade. Começam e acabam o dia como armazém para a diversa mercadoria, mas durante o dia em si são a estrutura efémera. Todos os dias o morador que habita as quebradas desce, ocupa o seu vazio, e volta a subir para dormir. No dia seguinte, volta a descer e a ocupar o mesmo vazio, quase como se fosse seu dono. Ao longo da trama urbana estes falsos vazios, sendo considerados quase como espaços de todos e de ninguém, são apropriados. Esta economia paralela ocupa um espaço físico, organizado de uma forma muito própria. Ora, não é imprudente não representar as várias apropriações como cheios?

27 março 2017

O vaguear de ontem cumpriu o seu objetivo. Foi possível chegar à conclusão de que a probabilidade de me perder nesta cidade é reduzida. No entanto, a perspectiva de hoje abrange um novo cenário. Ontem era domingo, o dia de santo repouso. Hoje, a cidade enfrenta o ritmo de uma nova semana. E esse ritmo ecoará pelas suas ruas quase ortogonais. Pela metade formal desta cidade. Uma metade que, por sua vez, é dividida em duas. El Barrio Puerto e El Almendral. Calle Edwards, Avenida Errázuriz, Avenida Argentina e Avenida Colón. Oeste, Norte, Este, Sul. Assim leio o mapa que tenho em mãos, assim se lê as linhas limítrofes do Almendral. É neste espaço que a cidade vive. É o centro.

Os monumentais prédios deixam a paisagem do informal espreitar, sendo sempre uma constante. Os rés-do-chãos dos mesmos, tendo sido projetados para tal ou não, são dedicados

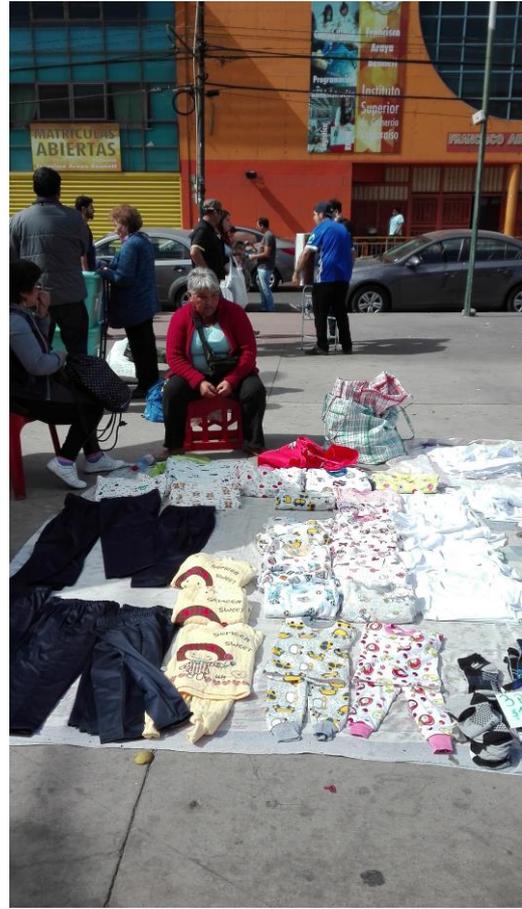


56. 57. Mercado Cardonal, Valparaíso, Chile. Março, 2017

ao comércio. Na verdade é quase como se houvesse três maneiras de apropriação do espaço com um mesmo fim. Existe o estabelecimento comercial que é um espaço físico de um qualquer prédio, existe a utilização de um desses espaço mas que se prolonga para as ruas e existe a apropriação da rua enquanto espaço de venda, numa espécie de economia paralela.

O primeiro é mais formal sendo lojas de roupa ou restaurantes cujos preços são mais elevados quando comparados aos das ruas. O segundo é mais habitual quando se trata da venda de fruta e verduras, sendo que o espaço proporcionado por um qualquer edifício é quase como que uma espécie de armazém uma vez que os produtos se encontram expostos em mesas que ocupam o espaço público que é a rua. Talvez o melhor exemplo seja o Mercado Cardonal, um edifício construído com o intuito de o ser, cuja fachada é regrada não só pela sua estrutura de ferro como pelas diferentes compartimentações destinadas aos diferentes comerciantes. Em baixo dos toldos que se abrem, as barracas estendem-se pelas ruas, ocupando quase na totalidade o espaço público que rodeia o edifício que é esquina. Cestos, paletes, caixas plásticas ou de madeira, carrinhos de compras e outros servem de expositor ou suporte para um qualquer placa a fazer de mesa. O espaço envolvente é bastante desarrumado e sujo, sendo que os diferentes materiais que aparentam estar perdidos ou servir de transporte acompanham os restos vegetais como cascas que são atirados para aborda da estrada. Apesar da bonita geometria que é apresentada e a diversidade de cores que atraem os olhos, é bastante comum encontrar um gato a dormir sobre tomates ou um senhor a cortar um abóbora em pleno chão cimentado para a poder expor. Parece pouco higiénico, mas a verdade é que as pessoas preferem avaliar o que se oferece nas ruas em vez do que se oferece no seu interior.

E é impossível não comparar este espaço, desenhado como tal, com a grande feira que ocupa a longa Avenida Argentina. A primeira parte desta, mais a norte, imita uma feira de roupa em segunda mão, onde se vendem os mais diversos artigos desde vestuário a produtos de higiene, sendo que estes são obtidos através da compra de um contentor de roupa ou calçado considerados defeituosos, rejeitados por uma outra cidade ou país. Segundo me disseram, a compra é feita às cegas e a verdade é que já me deparei com roupa que considero de marca a um preço ridículamente barato uma vez que aqui, não reconhecem essas mesmas marcas. Neste espaço uma grande toalha é estendida ou barracas similares, de ferro e tecido azul, são montadas. No cruzamento que corta esta grande avenida perpendicular à orla, carrinhos de comida ambulante ocupam a borda das estradas. Continuando pela avenida, entra-se na feira de frutas e verduras. Aqui, as barracas mudam de cor sendo o tecido escolhido verde. Esta distinção de cores permite uma distinção espacial e visual. Debaixo dos toldos que fornecem sombra, os produtos são apresentados nos mais diversos expositores. Mais uma vez, a geometria, a composição e as cores captam o olhar. As balanças penduradas, os cartões que anunciam os preços e os seus vendedores sentados em bancos ou de tupperware na mão a almoçar também



58. 59. Avenida Argentina, Valparaíso, Chile. Março, 2017

fazem parte do cenário. Existe um fluxo de movimento incrível, com as pessoas a observar, a escolher e a comprar ou os vendedores a anunciar os seus produtos ou a andar de um lado para o outro carregando a mais diversa mercadoria.

Esta feira ocupa esta avenida às segundas, quartas e sábados. Isto significa que nestes dias, os proprietários destas barracas descem dos cerros, montam a barraca, passam o dia a tentar vender os seus produtos, desmontam a barraca e regressam a casa ao final do dia. Este é um processo repetitivo que é rotina para a maioria dos habitantes desta cidade. E não só nesta feira. A maioria das ruas do Almendral, a metade formal cuja malha mais se assemelha a um tabuleiro de xadrez, são apropriadas pelos portenhos. Esta economia paralela domina as ruas e todos os dias a rotina é a mesma assim como o lugar escolhido para montar a barraca, como se o espaço fosse seu. Algo que também me espanta é a confiança das pessoas quer dizer, já me abriram o bolso ou estenderam a mão cheia de moedas para eu tirar os trocos. Os conselhos sobre como andar com a minha mala ou sobre como evitar os perigos oferecidos pelos cerros também são constantes.

A verdade é que as ruas são mais cheio que vazio sendo habitadas por um caos não só urbano como humano. Uma miscelânea de pessoas preenche as ruas e é muito simples distinguir o portenho do turista que se passeia de mochila às costas, chapéu na cabeça e guia na mão contudo, despindo o turista, é apenas mais um que segue o fluxo do movimento que caracteriza estas ruas. Existe sempre música a ecoar pelo ar, talvez vinda de um cantor que se aventura pela rua ou talvez vinda do interior de um café, o afluente tráfego de autocarros compete com o som dos vendedores de rua que, como se costuma dizer, tentam fazer render o seu peixe. O cheiro a maresia compete com o cheiro das espetadas, dos completos, das empanadas. No meio da estrada, de papel na mão e sempre atento aos autocarros que passam, é usual encontrarem-se os chamados homem-sapo os quais anotam a hora de chegada e saída dos diferentes micros, avisando os seguintes através dos mais diversos gestos. São uma espécie de horário ambulante, recebendo moedas dos condutores os quais as atiram pela janela ou em dão em mãos.

29 março 2017

Hoje vagueia-se pela outra metade da malha organizada, El Barrio Puerto. O primeiro lugar a visitar é o ponto de origem da cidade, o porto em si. Estando em Muelle Prat, uma construção que mergulha no oceano, um cais descendente de uma ligação entre a continuidade da cidade e a profundidade do oceano, é-me possível observar o embarcar e o desembarcar, o pescar e o recrear. Debruçada na guarda metálica, observo o ritmo do porto. Estagnados em terra, milhares e milhares de contentores desenham a paisagem. Sob a água azul, flutuando a diferentes ritmos, diferentes embarcações a redesenham. Não posso deixar de notar naquelas letras brancas sob



60. Vista panorâmica da cidade, Valparaíso, Chile. Março 2017



61. Muelle Pratt, Valparaíso, Chile. Março 2017

fundo preto - MSC Chloe Madeira. Um navio vindo de casa, um dos navios de carga de longânimes proporções, que dominam esta pequena porção de mar. À sua sombra, embarcações menores atropelam-se umas às outras. Estas partilham um elo, a identidade chilena que esvoaça sob a forma de bandeiras. É-me possível contudo diferenciar umas das outras. Numa linha mais próxima, atracam lanchas turísticas. Os seus responsáveis, reunidos sobre uma espécie de toldo, uma estrutura com o propósito aparente de fornecer sombra e localizada convenientemente à beira das escadas de betão que entram no mar, gritam em plenos plumões. Gritos vendendo a ideia de passeios marítimos, claramente direcionados a turistas. Apenas de lotação lotada, o barco atracado seguirá a sua rota. E se para uns, a sua fonte de rendimento tem por base o turismo, para outros subsiste a pesca. Pequenas embarcações de pescadores, equipadas para um dia de trabalho e produção, encontram-se atracadas. Consigo vislumbrar uma ocasional embarcação desancorar e perder-se no horizonte. Curiosamente, e por outro lado, sentados na borda de cimento, atentos a quaisquer movimentos nas suas canas de pesca, encontra-se um exíguo grupo de homens. Poder-lhes-ia chamar de pescadores, contudo o que eu observo é um momento de recreação.

Propositadamente ou não, as escadas que invadem o oceano provocam uma divisão em Muelle Prat. Habitando o espaço noroeste, uma estrutura permanente acolhe a feira de artesanato, como que encerrando a praça. Na margem que se apresenta de frente, uma estrutura metálica exprime-se como sombra, metamorfoseando aquele pedaço cimentado num ponto de paragem. No espaço sudeste, o cais é praça. É claro o confronto entre ser porto e ser cidade.

Migra-se até ao espaço que se lhe sucede, ou que o completa, a Plaza Sotomayor. Localizada aos pés do Cerro Cordillera, esta é uma espécie de centro cívico da cidade. Arrisco-me a dizer que este é o ponto mais comum de Valparaíso. E com comum quero dizer que, na minha cabeça, encaixaria numa planta de uma qualquer cidade costeira. Na verdade, um pequeno vislumbre relembra-me a Praça do Comércio. No âmago da praça, em vez de uma estátua de D.José I, o centro das atenções é o Monumento a los Héroes de Iquique, onde o orgulho de uma nação é expresso por palavras - *Esta ll'ama simboliza el espíritu de Prat y de los heroes que ofrendaron sus vidas por la grandeza de Chile. Que su resplandor te haga meditar y sentir orgullo de ser chileno.*

Na baixa Lisboaeta, o Arco do Triunfo da Rua Augusta é um elemento que capta o olhar, que interrompe um mar de amarelo. Aqui, um azul possante contrasta com o azul do mar que lhe faz frente. Baseado no eclético renascimento francês, o edifício Armada de Chile é uma presença que não passa despercebida. Na sua fachada fraternizam volumes de entradas e saliências, ornamentos que me aparentam ser de gesso e pedra artificial. É coroado por mansardas que olham o Pacífico. No seu corpo central, o relógio e a cúpula são os reis. Um pormenor que dita uma certa semelhança com aquele que terá servido de inspiração ao seu arquiteto, o Hôtel de



62. Diario El Mercurio, Valparaíso, Chile. Março, 2017 (esq.)



63. Armada de Chile, Valparaíso, Chile. Março, 2017 (dir.)

Ville de Paris.

Na fachada poente da praça, o hotel Reina Victoria, uma herança inglesa, é ofuscado pelo antigo edifício da Companhia Sudamericana de Vapores, nome gravado na sólida fachada sobre o acrónimo CSAV. Desviando o olhar para baixo, sob um arco de volta perfeita que marca a entrada principal, o nome metálico Hapag-Lloyd ressalta num pedaço de vidro. Uma das companhias de transporte marítimo mais antigas do planeta e uma das empresas líder a nível global fundem-se. O próprio edifício que abraça esta fusão é, curiosamente, uma fusão. Um toque de modernidade domina as ruínas de um passado clássico. Pelo interior da antiga edificação, ergue-se um envidraçado cujas incontáveis janelas refletem o céu e as nuvens. Estando no meio desta praça, estes dois edifícios apresentam-se como lados opostos da mesma moeda. O clássico e o presente. No entanto, dominam as minhas memórias visuais deste espaço. Continuo caminho, passando pelo guardião das portas da Armada, de postura irrepreensível e de uniforme naval.

Na bifurcação, marcada por uma das suas torres circulares, ao invés de enveredar pela rua Prat, tomo a minha direita. Deparo-me com um novo espaço de paragem, a Plaza Justicia. Numa questão de passos descobre-se uma nova praça que talvez em tempos também estivesse de frente para o mar. A figura central desta pequena praça é o pórtico de rasgos greco-romanos que confere uma certa monumentalidade ao Palacio de los Tribunales de Valparaíso. Aos pés de Cerro Alegre, este edifício de pálida cor outorga uma imagem de austeridade, imagem que se estende aos edifícios envolventes. Existe uma certa homogeneidade neste espaço cívico, conquistando-se uma harmonia urbana formal. No meu lado direito, quando de costas para o edifício de linhas autoritárias, um edifício chama à atenção com as suas monumentais colunas. Mas o mais curioso é a pequena placa em que se lê Ascensor El Peral. Na verdade, quase que perdia esta entrada. Não existe uma interrupção na fachada mas um encaixe harmonioso no seu desenho.

Voltando para a dinâmica rua Prat, em que o traçado desta rua é idêntico aos traçados das outras suas paralelas, derivando da linha marítima da época em que se consolidou, é notável que esta é uma daquelas ruas caracterizada pela grande monumentalidade das obras que a constituem, tanto que os nossos olhos apenas conseguem alcançar as fachadas das mesmas ou o céu. É impossível não parar um momento e observar certos edifícios, sendo característica desta rua a qualidade arquitetónica dos mesmos. O Banco de Chile é um desses edifícios, apresentando uma linguagem neoclássica cuja modulação das colunas da sua fachada conseguem aumentar a ideia de monumentalidade transparecendo a ideia de que a colunata poderia ir além dos limites do próprio. Aliás, a maioria dos edifícios que compõem esta rua são, de facto, bancos o que me leva a acreditar que este é o centro financeiro da cidade.

Continuando por uma outra rua que, na verdade, aparenta ser uma continuação da primeira, novas reminiscências arquitetónicas são apresentadas sendo um dos meus edifícios preferidos o pertencente ao Diario El Mercurio o qual se destaca pela sua volumetria majestosa



64. 65. Exterior Ludoteca Minga Merced. Cerro Merced, Valparaíso, Chile.

e fachadas ecléticas onde predominam traços neorrenascentistas assim como pela estátua do deus romano Mercúrio, localizado de pé e de braço estendido, quase como que a desafiar o céu.

É claro que esta metade da malha ordenada é uma espécie de centro financeiro e cívico, em que o trânsito intenso vence o trânsito humano. As pessoas que habitam estas ruas fazem-no com um propósito semelhante. Não pelo habitar da rua em si mas porque se dirigem a uma qualquer instituição. Talvez por isto a apropriação das ruas é quase inexistente quando comparada às ruas do Almendral.

31 março 2017

Como chegar à Ludoteca Merced³³? Segundo me dizem basta dirigir-me para a praça O'Higgins e apanhar um dos coletivos que se encontram na interseção das ruas Uruguay e Victoria. Parece uma tarefa fácil não fosse o caos urbano que habita estas ruas. Apesar de a praça se encontrar fechada para obras, duas grandes estruturas de ferro circundam o espaço tratando-se de um espaço cultural. A estrutura localizada a norte abriga uma longa feira de antiguidades exposta em cima de placas de madeiras assentes em cavaletes ou sobre toalhas vermelhas estendidas pelo chão. O cruzamento entre as ruas é um espaço dedicado a barracas alimentares sendo nesta zona que pergunto por indicações. Tratando-me por mi amor, a senhora que prepara espetadas no seu grelhador portátil, gesticula-me o percurso e oferece-me conselhos sobre como resguardar a minha mala e estar atenta a olhares estranhos, avisando da grande onda de crimes habitual aos cerros. Sigo caminho, passando no espaço livre do generoso passeio com cerca de seis metros de largura. Neste, ao abrigo da estrutura metálica, mobiliário como mesas e cadeiras dos mais diversos feitios e formas decoram o espaço. Senhores e senhoras de alguma idade habitam este espaço jogando cartas ou xadrez. Um pequeno palco surge pelo meio onde se encontra um grupo de jovens a dançar. Pelo meu lado direito, roupa em segunda mão é estendida sobre grandes tecidos. Já do outro lado da rua, as típicas barracas habitam a rua.

Após o cruzamento, avisto uma fila de carros pretos estacionados e de portas abertas, semelhantes a táxis, que serão os coletivos. Procuo pela tabuleta onde se anuncia Merced e espero por mais três pessoas uma vez que apenas com o carro cheio se poderá iniciar a viagem por uns meros 350 Ch\$. Este meio de transporte, com destinos definidos, vai realizando paragens consoante os pedidos dos seus passageiros.

O motorista, afirmando que o lugar para onde me dirijo se trata não de uma ludoteca mas sim de uma biblioteca, deixa-me numa rua que será perpendicular à do meu destino, sendo apenas necessário virar à direita. A presença de um grupo de meninos a jogar à bola denuncia a

³³ Projeto desenvolvido pela organização chilena *MingaValpo* e pela própria comunidade



66. Oficina de Construção de Barro Gernot Minke. Olmue, Chile. 2014



67. 68. Taller Manitos al Barro. Ludoteca Minga Merced. Cerro Merced, Valparaíso,

chegada ao destino.

Paz³⁴, uma rapariga de longos cabelos pretos, abre o portão que se encontra fechado com um cadeado e convida-me a entrar após a minha apresentação como voluntária. A hora de início de atividades é às 16h30 pelo que ainda temos tempo para matar. Revelando ser voluntária e estudante de arquitetura na escola católica, narra a história de como este pequeno espaço nasceu. Primeiro, é fundamental perceber que a MingaValpo³⁵ nasceu das cinzas do incêndio que assolou Valparaíso a 12 de abril de 2014. Com a consciência de que milhares de famílias tinham visto as suas casas desaparecer, uma equipa de arquitetos tomou a iniciativa de reconstruir algumas das casas perdidas. Tendo por base o ideal de um modelo de casa autossuficiente e integrada no local, a construção das casas terá sido desenvolvida através de oficinas de trabalho envolvendo um variado grupo de profissionais, as próprias famílias e voluntários, visionando-se a ideia de aprender construindo. Aliás, uma das crenças dos fundadores passa por acreditar que se deve ser capaz de construir o seu próprio lar e que é, ou deveria ser, condição natural do ser humano. A ludoteca é um dos projetos que surgiu aquando o planeamento de reconstrução tendo-se constatado que se trataria de um lugar habitando por crianças que andavam livremente pelo cerro sem ter um sítio seguro. É neste contexto que surge a ludoteca Merced, um espaço da comunidade para a comunidade, um lugar seguro e de aprendizagem para as crianças. Paz continua a sua história constatando que a participação dos fundadores da Minga na oficina de construção do arquiteto norte-americano e criador do projeto *Earthship*, Michael Reynolds³⁶ assim como na oficina do arquiteto alemão Gernot Minke³⁷ o qual se especializou na construção com terra e palha, se revelou o ponto de partida para os métodos utilizados, métodos esses que se extrapolaram para a construção da ludoteca.

Tendo em conta a quantidade de paletes, lama e palha abundantes quer pelo porto quer pelo cerro, desenvolveu-se um modelo de casa energeticamente eficiente e sustentável. Além dos materiais mencionados, também a reciclagem de lixo se tornou parte do modelo, sendo reutilizado como recheio das paletes. Tal como se sucedeu com as casas, o projeto da ludoteca foi modificado consoante o lugar, a topografia e as pessoas que iriam habitar e usufruir do espaço. A estrutura base é de madeira estando ao abrigo dos regulamentos chilenos relativamente à questão sísmica. As paredes divisórias, por sua vez, serão compostas de paletes preenchidas quer com palha quer com quaisquer outros elementos isolantes e são revestidas com um espesso

³⁴ Estudante de Arquitetura e voluntária na Ludoteca Merced

³⁵ É uma organização não-governamental e sem fins lucrativos que procura ajudar a superar uma situação de pobreza ou de catástrofe trabalhando de modo sustentável e comunitário.

³⁶ Michael Reynolds é um arquiteto americano que desenvolveu um sistema solar passivo para a construção de casas denominado de *Earthship*.

³⁷ Arquiteto alemão cujo trabalho incide na construção natural com terra e argila, e fardos de palha a baixo custo.



69. Entrada Ludoteca Minga Merced (em construção). Cerro Merced, Valparaíso, Chile.



70. Entrada Ludoteca Minga Merced. Cerro Merced, Valparaíso, Chile.

gesso de barro misturado com palha. Uma vez que este se encontre seco, as paredes serão revestidas com um fino gesso de barro com cal, um estuque que fornece excelentes características bioclimáticas. Afirma também que a participação comunitária é parte essencial do processo de construção sendo que Paz relembra o orgulho e empenho da comunidade tanto que ainda hoje são responsáveis pelo espaço.

Esta descrição ganha vida quando tiro um tempo para observar o espaço. A cerca de zinco que delimita o terreno é interrompida por um portão metálico que, por sua vez, se encontra decorado com duas placas de madeira onde se anuncia os propósitos da ludoteca. Ao domingo e à segunda o espaço encontra-se encerrado. Terça é dedicada ao *taller Hágalo Usted*, quarta é dia de *taller de cocina y alimentación* enquanto quinta é de *huerta y salud*. Sexta é de *arte callejero* e sábado é dia de *manualidades*. O portão está alinhado com a porta de entrada, sendo a ligação entre o terreno de terra batida e a porta um patamar de paletes antecedido por uma rampa de madeira. Pelo exterior é possível sentir a rugosidade da lama misturada com palha, observar os caixilhos das janelas que ainda se encontram embalados em plástico e observar os diferentes encaixamentos. A maçaneta da porta principal está encravada, sendo necessário dar-lhe uma pequena pancada de modo a que o trinco funcione assim como é necessário fazer alguma força para elevar a porta quando se a quer trancar ou destrancar.

Habitando o seu interior é notável que tanto a estrutura pré-fabricada como as paredes de terra são elementos com presença. O chão é forrado quer com cortiça quer com pedaços dissonantes de madeira enquanto o telhado se encontra em vias de. E digo em vias de uma vez que, a estrutura do telhado que se encontra ora escondida ora a nu, quer está revestida com ripas de madeira de várias tonalidades e larguras ou placas de contraplacado ou de cortiça, quer está forrado com alumínio, quer se encontra o que me aparenta ser lã de rocha exposta. Também os fios e cabos viajam pela estrutura através de pequenos buracos, mantendo-se expostos. A luz natural é oferecida pelas janelas que desenham a fachada norte, sendo possível sentir uma pequena brisa quando me aproximo das mesmas o que indica uma falha na sua colocação. Como o terreno é inclinado, a parte norte da ludoteca encontra-se assente sobre grandes troncos de madeira.

Entretanto chega Josefina³⁸, uma jovem grávida e nos seus vinte e poucos, que é a responsável pela ludoteca. Após me explicar o horário e as diferentes oficinas, abre a porta e avisa as crianças de que a oficina de arte está quase a começar. Já habituados a voluntários, um dos rapazes assume que eu seja portuguesa através do meu sotaque, mencionando a sua admiração por Cristiano Ronaldo. Enquanto o rapaz moreno e de olhos escuros, com um grande à-vontade, continua o seu discurso mencionando que já ouvira dizer que Portugal é um mar de

³⁸ Professora de Ensino Básico encarregue das atividades educativas da Ludoteca Merced.

branco, um outro rapaz com uma camisola vermelha a fazer publicidade à marca *gillete* questiona Josefina em qual o interesse em visitar uma cidade como Valparaíso, assumindo que não existe nada de belo para ver. Quer dizer, com tantos lugares porquê escolher este? Um dos temas abordados pelo grupo de rapazes é bastante inquietante. Não tendo mais que catorze anos de idade, uma das conversas gira em torno do tema marijuana. É preocupante o à-vontade com que crianças de tenra idade têm com o mundo das drogas.

Após o encerramento de ludoteca, faço o percurso inverso do coletivo. Ao descer, as ruas são ladeadas por casas toscas que se adaptam a uma topografia difícil. A fachada da rua não é contínua sendo possível ficar de frente para com a cidade. Neste terreno adjacente à estrada, é bastante evidente que a proximidade para com a esta é um fator importante para a escolha de se construir neste lugar. Através da diferença de nível é possível observar os vários telhados de zinco de cada uma das casas, as quais se encontram orientadas para a abertura da baía abraçada por cerros como este. Cada orientação é singular pelo que os meus olhos vêm agora é um resultado que não foi planeado. Ninguém o propôs, ninguém o regulou, ninguém o desenhou. No entanto, é bastante óbvio que por detrás deste aparente acidente existe uma decisão comum, a de permanecer neste lugar. A escuridão da noite começa a surgir apressando-me a descer para a parte segura da cidade mas não sem antes apreciar esta vista em que a cidade se ilumina como uma árvore de Natal assim como apreciar o porto e o oceano perdem-se no horizonte.

01 abril 2017

Bem que me avisaram que a linha entre ser plano ou cerro era ténue. Quanto mais me aventuro por esta cidade, mais claro se torna. Não vou mentir, a verdade é que me perco inúmeras vezes. Se, por um lado, já conheço a parte baixa da cidade como a palma da minha mão por outro, sinto que estou a entrar num labirinto assim que enveredo por um qualquer cerro. E nem sempre é fácil perceber onde acaba um e começa o outro. A cidade é, em si, um complexo emaranhar de ruas e quanto mais me perco nelas mais a ideia de que a cidade é como se se encontrasse de pé, sendo mais perceptível como alçado do que planta. Tanto que é estando de frente que a teia de ruas que se aventura a subir as íngremes encostas se torna perceptível. Por esta razão, quando a cidade deixa de ser plana nem é possível o mesmo ordenamento de território nem a continuidade das ruas. Um outro acontecimento recorrente é a dificuldade em perceber se me encontro numa rua ou numa passagem. Estas, de largura maior ou menor que as próprias ruas, são continuação delas. Chegando a um beco sem saída ou a uma escadaria é que se torna possível perceber que se trata, de facto, de uma passagem. Mas ainda mais curiosas são as passagens que entram pelos edifícios num claro confronto entre público e privado. Também as escadarias são um dos elos de ligação entre plano e cerro mais abundantes. Descendo ou



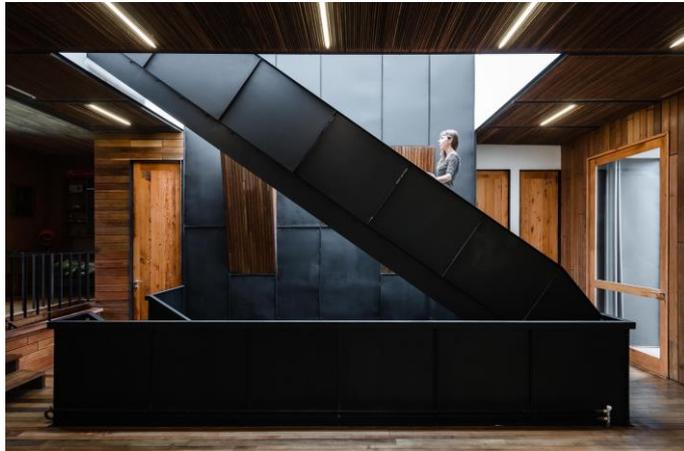
71. 72. Paseo Dimalow, Plazeta Lukas, Cerro Alegre, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

subindo, rapidamente se passa de um mundo para o outro. Valparaíso é como um arquipélago em que se pode ir de uma ilha para a outra em poucos passos.

02 abril 2017

Após almoçar a tradicional *chorrillana*, um prato que consiste numa miscelânea de batatas fritas, grelhados, ovo mexido e cebola frita, abandono a Plaza Aníbal Pinto e subo a rua Cumming. Um edifício cor-de-rosa providencia uma mudança de direção, apresentando a Avenida Elias. Ao contornar o edifício, pela minha direita, a já familiar fachada amarela da casa de Cristina faz frente à bilheteira do ascensor Reina Victoria. Por 100 Ch\$ ascende-se a Cerro Alegre. É-se recebido por uma estrutura que, como que a sobrevoar a praça que se apresenta por debaixo dos nossos pés, brinca com as cotas. Alude a uma certa horizontalidade, disfarçando a chegada a Cerro Alegre. Tendo como ponto de partida a malha natural que percorre os cerros, este volume domina o espaço com a sua tridimensionalidade, conquistando um plano horizontal que não nasceu naturalmente. Nascer naturalmente num cerro é sinónimo de plano inclinado. Esta construção não foge ao olhar, impõe a sua presença na cidade. Do meu lado esquerdo, numa clara “caça ao turista”, uma senhora de certa idade, apropria-se do espaço. Usufruindo da estrutura de madeira e mobilando o espaço com dois cavaletes, expõe pedaços de tecido ao longo de um fio, como se de roupa se tratasse, os quais estão embelezados por pinturas da cidade. Imediatamente a seguir a este pequeno espaço de venda, a estrutura assume a forma de uma escadaria que zigzagueia o espaço até encontrar um novo plano. Ao descer, é impossível desviar o olhar do oceano de cores que tinge as colinas. Por sua vez, na Plazoleta Lukas, as cores que absorvem o olhar tingem paredes. Apenas as porções de parede que circundam a pequena praça, que estão ao nível de quem a habita, são telas do que parece ser um desenho contínuo. Contínuo no sentido de contarem a mesma história.

Ao desfazer a descida, e voltando ao ponto inicial, enquanto aprecio as pinturas expostas no vendaval improvisado, a senhora introduz conversa. Talvez por estar habituada a estrangeiros, a conversa fluía naturalmente. Começando por um breve aviso sobre os cuidados que deveria ter, uma conversa que já se torna típica, aproveitei para satisfazer a minha curiosidade. Apenas interrompendo o discurso para, como se diz, vender o seu peixe, apoiada no corrimão metálico aponta para algumas das caricaturas que ladeiam o espaço sob os nossos pés. *El Gallo Vaca, el Pajaron, el Gallo Choro, el Gallo Sapo e el Hocicon* são alguns dos nomes mencionados. Desfolhando o livro *Bestiario del Reyno* de Chile, encontrarei estas personagens. Estas são o retrato da sociedade chilena aos olhos do seu cartoonista Lukas. Esta praça é uma homenagem ao artista. Curiosamente, quase foi arquiteto. Esta praça é também uma espécie de parque infantil, ou pelo menos intenta essa ideia ao integrar nesta construção um outro meio de atingir



73. 74. Interior do Hotel Fauna, Cerro Alegre, Valparaíso, Chile. Abril, 2017



75. 76. Hotel Fauna visto da Rua Beethoven, Cerro Alegre, Valparaíso, Chile. Abril,

a cota da praça, um escorrega de metal.

Continuo pela rua que dá a mão à estrutura de madeira, sendo recebida por uma casa do estilo colonial, cujas fachadas amarelas são presença marcante na paisagem. Do lado contrário, o Hotel Fauna. Pelo seu exterior, a típica arquitetura portenha manifesta-se através das pretas chapas de zinco que contrastam com uma madeira de tons aclarados. A sua estrutura original parece ter sofrido uma intervenção menor, aparentando uma recuperação da linha arquitetónica original. Ainda antes de entrar no edifício, no ponto em que madeira e pedra se fundem numa mesma rua, um telescópio chama a atenção para o vazio em que está. É uma varanda que corta a fachada do edifício oferecendo-lhe uma certa verticalidade. Usufruindo do meu ar de turista, entro no hotel com a falsa intenção de uma reserva sendo claro que não seria para o meu bolso. O confronto do exterior trespassa para o interior. Madeira e metal preto oferecem um grande contraste. No entanto, este acresce de riqueza material quando se reincorpora um resgate do passado, expondo paredes em adobe e madeira que providenciam um toque vernacular. Ao subir as escadas, olhando para cima, uma claraboia permite a entrada de luz natural, a qual se propaga pelo interior do edifício. Foi possível espreitar um dos quartos, o qual tem uma especial relação de harmonia para com o pré existente, reconhecendo as suas ruínas e topografia. Neste quarto, as ruínas entram. Apenas uma abertura com um pilar central separa edifício e natureza. Talvez por ser património, houve uma preocupação entre equilibrar o novo com a ruína.

Seguindo caminho, e agora olhando para trás, a fachada, que é interrompida por um outro pátio que a corta verticalmente, expõe a chapa metálica azul que denuncia um segundo edifício que completa a reabilitação, apostando numa pintura que me parece um pouco descontextualizada para com a envolvente. Após comprar uma *empanada de pino*, e como se costuma dizer, ando ao Deus dará. Existe todo um mundo arquitetónico que capta o olhar.

É uma manifestação urbana bastante peculiar. Cerro Alegre e Concepción são o palco mais puro daquela que é considerada a arquitetura portenha. Consigo captar parte do discurso de um guia, o qual não passa despercebido com a sua camisola às riscas brancas e vermelhas, numa clara alusão aos livros *Where's Wally?*³⁹. Este conta como, com a promessa de um novo mundo, imigrantes vindos das distantes terras europeias ocuparam estes primeiros pedaços de terra. Articularam as suas próprias raízes adaptando-as às novas condições sociais, topográficas e materiais que este lugar oferecia.

Deixando o curioso grupo de turistas para trás, continuo o meu vaguear. Fachadas contínuas de dois andares, com as suas janelas de guilhotina e portadas, revestidas com placas de zinco e madeira, iluminam as ruas destes cerros. É engraçado que as próprias cores que lhes

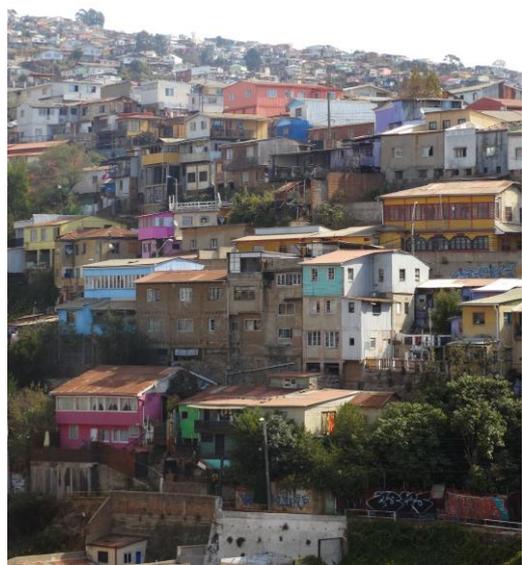
³⁹ Referência à coleção de livros infantis de Martin Handford em que o objetivo é encontrar a personagem Wally, caracterizado pela sua camisola às riscas brancas e pretas, bengala e óculos, em páginas completamente ilustradas.



77. 78. 79.. Vista da Rua San Augustín, Cerro Cordillera, Valparaíso, Chile. Abril,

dão vida vieram do oceano. As placas de calamina, típico elemento de proteção das fachadas, são pintadas com nada mais, nada menos do que restos de tintas usadas nas embarcações. As próprias madeiras são também elas oriundas das sobras dos materiais usados. Outros pequenos elementos como janelas circulares, os quais dão um novo ritmo a esta ou aquela fachada, são mais uma lembrança oriunda do porto. Mesmo em terra existe esta espécie de ligação para com o mar. A cidade chamada *La Joya del Pacífico* é mais que um conjunto de arquiteturas, principalmente germânicas, inglesas, italianas, norte-americanas e hispanas. A arquitetura portenha é memória. Estas ruas são marcadas por essas reminiscências, sendo inundadas de turistas atraídos pelas alegres cores. Desde que cheguei que me dizem que cada cerro é único, no entanto estes dois quase que se fundem num, sem se perceber onde acaba um e começa o outro. São ambos um enorme cerro turístico, os considerados apropriados para estrangeiros.

Ziguezagueando o cerro, sempre acompanhada de bonitas fachadas ou do oceano que espreita a cada canto deparo-me com algo inesperado. A interromper a fachada contínua da rua Monte Alegre, que se assemelha a outras tantas, encontra-se um pedaço de terreno vazio. Através da rede de arame que separa terra batida e cimento, apresenta-se um novo cenário. Entre este espaço e imediatamente antes do próximo edificado surge uma escadaria cimentada. Aparentemente seria mais uma das muitas escadarias contundo, para mim, passou a ser uma das mais bonitas. Agora no seu extremo oposto, percebo a surpresa que enfeita os espelhos, azulejo português. Um toque familiar que me lembra a minha casa esconde-se nesta ruela deserta. E rapidamente me apercebo do porquê deste silêncio, é como se estas escadas separassem dois mundos. Seguindo o estreito caminho que se apresenta pela minha direita, passo por um sofá alaranjado aparentemente perdido, passo pelas casas que ocupam a encosta e inverteo o caminho ao chegar a um pequeno portão branco. Este encerra o pequeno beco definindo o pequeno pátio da pequena casa. Sob a roupa que se encontra a secar, encontra-se um monte de placas metálicas enferrujadas, as mesmas que revestem a casa. Retomando o caminho, uma senhora estende a sua roupa pela ponte de madeira que me separa da porta da sua entrada. A sua casa, destacando-se das suas vizinhas, chama a atenção. Talvez por querer ter um pátio, está recuada. O acesso é apenas possível pela ponte ou por um resto de estrutura de betão o qual, não tendo mais que oitenta centímetros de largura, é a ligação direta a uma primeira porta amarela. A meio, é possível descer um escadote de madeira. Descendo-o alcança-se o pátio numa cota mais baixa. Nesta, a fachada da casa é revestida com madeira pintada de branco e colocada horizontalmente. A porta de entrada esconde-se debaixo da ponte. No outro lado do pátio, escadas de betão ligam as cotas, fundindo-se com a passagem de madeira. Esta, por sua vez, permite a chegada a uma segunda porta amarela com o número 374 pintado à mão. Contrastando com as portas, a cor escolhida foi o verde. O que, à primeira vista, julguei ser uma única casa revelou-se ser duas. A vontade de ter um pátio próprio estende-se a outras casas. Devido à inclinação, num último conjunto de



80. 81. Vista da Rua San Augustín,, Cerro Cordillera, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

habitações, apenas consigo ver os seus telhados de calamina, os quais são interrompidos por vazios quadrados que permitem a existência de um jardim privado. Entre esta passagem e a próxima rua, estas casas apropriam-se do espaço, combatendo a vegetação selvagem e pendente acentuada.

Estando nesta ruela escondida, observa-se um novo cenário, aquele que ninguém se atreve a retratar em postais. Não sei bem como descrever o que os meus olhos vêem. É verdade que já se tornou um hábito observar os cerros que espreitam, mas hoje é diferente, a distância desapareceu. É uma sensação estranha, pelo que, no meio de um silêncio ensurdecedor, decidi pegar no meu caderno e simplesmente escrever. Ora, como que estando de pé, a cidade torna-se alçado em vez de planta. Os cerros estão recheados e as casas acotovelam-se umas às outras. É como se fossem uma espécie de puzzle, forçando-se as peças erradas a encaixarem nos lugares errados. As próprias peças desse puzzle, as casas, são em si um puzzle. Placas onduladas de calamina, madeira e gesso cartonado desenham uma mesma fachada. É impossível perceber os limites de cada uma. Não é claro como é possível aceder a uma, sem entrar por outra. Ao longe, consigo ver novamente uma senhora a estender roupa e um senhor sentado a apanhar sol. Subindo-se a cada um destes terraços, será possível observar a própria cidade. É um caos urbano. O seu tecido desenvolve-se vertical ou horizontalmente. Escalando os cerros ou escalando-se umas às outras, as casas nascem, crescem e morrem. Parece-me tudo tão frágil.

Enveredo por umas estreitas escadas, descendo até à Rua José Tomás Ramos. Nesta, as casas não são rudimentares, são apenas simples. No entanto, à medida que se sobe a rua, volta-se a trocar um mundo pelo outro e acabo a percorrer um íngreme caminho de pedra. De um lado, as rochas da encosta estão a nu, expondo uma clara diferença de cotas e do outro a vegetação selvagem quase que ofusca as casas que se espalham pelo vale. Em vez de continuar a subir, desço por um caminho de terra chegando a um espaço habitado, um espaço central na verdade. Quase como que um pátio comum, as portas abrem-se para este. Não existe nenhum limite, nenhuma separação entre ser privado e ser público. Aqui, as casas conseguem reclamar algum espaço para si não necessitando de roubar o espaço do seu vizinho. É possível espreitar o interior de uma destas casas. Pela porta aberta, vê-se um grande colchão em frente a uma televisão e, a poucos centímetros deste, uma mesa de plásticos e quatro cadeiras, todas diferentes que, por sua vez, se encontram em frente a uma estrutura de madeira onde estão alguns eletrodomésticos. Após este espaço existe uma cortina roxa que fará a separação com uma outra qualquer dimensão. Voltando a subir, optei por seguir por escadas que se misturam com o terreno, no entanto começa a escurecer e o eco de todos os avisos faz-me recuar. Esta não será a melhor altura para explorar esta parte da cidade, pelo que volto à parte dita segura.



82. Rua José Tomás Ramos, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

03 abril 2017

Decidida a continuar o que ontem ficou a meio, dirijo-me para a Plaza Justicia e enveredo pela rua José Tomás Ramos, uma ladeira que toma cerca de vinte minutos, cansando o corpo. A rua vê o seu fim ao encontrar o Camino Cintura, o indicador de que se está a ultrapassar aquele limite que define os cem metros de altitude face ao nível do mar. Prossigo pelo mesmo caminho de ontem, com o desejo de ir mais além. Hoje apercebo-me melhor que ao entrar neste cerro, apenas existem acessos pedonais os quais se encontram sem estar pavimentados, as escadarias e passagens são escavadas na terra ou de um qualquer material em mal estado. Posso afirmar que os acessos no interior desta quebrada são instáveis, desconfortáveis e mesmo perigosos. E levanta uma questão que ainda não me tinha ocorrido. Como é que se transportam os materiais de construção quando não existe um acesso automóvel?

As casas são uma miscelânea de materiais. A primeira, que é visível desde o caminho de terra, encontra-se ligeiramente levantada, o suficiente para compensar a ligeira inclinação do terreno de terra. É quase homogénea com as paredes e telhados de calamina pintados de branco, no entanto parte de uma das suas fachadas encontra-se revestida com madeira e alumínio, dando a sensação de que o restante material acabou e estes foram a solução encontrada. A casa a seu lado luta com uma maior inclinação, elevando-se de tal maneira que o espaço vazio serve de armazém. Umhas escadas de madeira dão acesso a uma varanda contínua, do mesmo material, que permite que se aceda ao seu interior. É neste espaço que uma senhora de avental e longos cabelos pretos se encontra a estender a roupa. Vejo a minha oportunidade de ver a minha questão respondida quando Trinidad⁴⁰, com os seus sessenta e poucos, me pergunta se necessito de ajuda. Ao explicar a minha situação, pergunto se me poderia disponibilizar algum tempo para responder a algumas questões. A resposta foi imediata, a senhora convida-me a sentar numa cadeira de madeira que se encontra debaixo de uma rede a fazer de toldo e diz-me que posso estar à vontade para lhe fazer perguntas. A minha primeira foi a já mencionada, afirmando que se tem de carregar manualmente. Mais complicado é quando alguém fica doente ou falece. As ambulâncias não têm acesso e os familiares são obrigados a levar as pessoas pelos braços. Antigamente os burros eram um meio utilizado, mas já não são viáveis. Mas afirma que o pior é nas épocas de chuvas, quando as escadas se transformam em lama.

Ao lado da mesa, encontra-se um conjunto de paletes e algumas chapas metálicas, pelo que a questiono se se encontra em obras. Tratando-me por mi amor, afirma que desde que se lembra que a sua casa está sempre em obras. Existe sempre alguma coisa para arranjar ou para acrescentar desde instalar canos, pintar a casa, arranjar as janelas ou o teto. O maior problema é o dinheiro. Em resposta ao que consideraria uma ajuda, Trinidad responde-me que a melhor

⁴⁰ Habitante local



83. Trinidad

prenda, por assim dizer, seria o fornecimento de materiais. Tendo materiais é só colocar mãos-à-obra. Quanto a esta questão, afirma que não precisa de pagar a estranhos, que aqui são todas famílias e todos se ajudam uns aos outros. É um sistema de ajuda mútua entre vizinhos, amigos e familiares. Afirma que se hoje alguém ajuda alguém, este alguém ajudará o primeiro numa outra ocasião. Todos oferecem as suas habilidades ou saberes a quem necessite. É algo bonito. Mas não é apenas na construção de casas que esta ajuda se verifica, afirma que são incontáveis as vezes em que cuidou dos filhos de alguém, e alguém cuidou dos dela. A partilha quer de alimentos, roupas ou materiais também é habitual. Aliás, lembra com um sorriso que a sua casa só se encontra como está graças aos familiares, que o seu marido no início não era grande espingarda mas que foi aprendendo. Aliás, hoje em dia é ele que ensina o filho, apontando para a casa ao lado. Aproveito para questionar se todas estas casas pertencem a familiares e a resposta é afirmativa. Aliás todo este espaço inicial que se assemelha a uma praça em aberto é ocupado por uma única família. A casa mais central é a sua, a que se encontra a nascente é do seu filho, a poente é a da sua irmã, a que está imediatamente atrás é a da filha. Este espaço é bastante diversificado na verdade. O espaço público é o que sobra, as portas de entrada abrem-se diretamente para este. Existe uma diversidade de cores, materiais, formas e volumes.

Tendo em conta que esta porção de terreno é basicamente familiar, interrogo-a de como é que tal coincidência se sucedeu. Ela ri-se e afirma que não é coincidência que a primeira *toma* foi feita pelos seus pais. Antes de continuar, tive de interromper o seu discurso para perguntar qual o significado de *toma*, ao qual ela explica que é quando alguém ocupa e habita um terreno que não é seu, que é ninguém. Deduzo que estas palavras são sinónimo de ilegal. Após este aparte, ela continua dizendo que a partir do momento em que uma porção de terra pertence a alguém, a tendência passa por convidar amigos ou familiares a instalar-se no terreno adjacente, que já consideram como seu. A sua mãe é uma espécie de administradora do espaço pois ela, enquanto primeira ocupante, é quem decide o que se constrói. Conta que quando se casou, vivia *allegada*⁴¹ na casa dos seus pais. Passado uns tempos, conseguiram reunir algum material para construir a sua própria casa, a qual sempre foi um sonho seu. Portanto, à medida que a família cresce, o espaço vai sendo preenchido. Não se trata só de processos de autoconstrução mas também de auto urbanização. Estou num lugar que foge claramente às normas consideradas de formais tanto que consigo imaginar esta quebrada a ir sendo construída, com a paisagem a ir-se modificando.

Continuo a conversa aproveitando para perguntar se, se lhe dessem a oportunidade, se mudaria para outro lugar como uma vivenda social. A resposta também foi imediata. Não. E

⁴¹ Palavra usada para descrever uma situação em que se vive em casa de familiares, algo bastante comum em Valparaíso

começa por explicar este é o lugar onde nasceu, onde cresceu, onde constituiu família, onde acompanhou os filhos e netos crescer. Afirma que esta é a casa onde se sente bem, onde se encontra em paz. Porque é que haveria de abdicar deste seu pequeno mundo por um novo e desconhecido? Continua afirmando que se orgulha de chamar a este o seu lar, que tanto lhe custou a construir. Para não falar das incontáveis memórias que este lugar lhe proporciona. Aliás, a maneira como Trinidad fala demonstra um enorme orgulho. Realça também que um dos seus sonhos é ver os seus netos instalarem-se neste terreno também. Quer que este terreno se mantenha na família. E, numa frase curiosa, afirma que o carinho com que as coisas são feitas trazem a beleza às casas. Que de vez em quando estudantes de arquitetura, como eu, vêm desenhar e a felicitam por ter uma casa tão bonita. Ao ouvir estas palavras sente uma enorme alegria apesar de saber que os arquitetos veem beleza em outros tipos de lugar, com as suas grandes e caras obras.

Ao longo do seu discurso, fica subtendido que a casa tem valor em si, apesar de uma boa ou má qualidade material. Outro reparo que consigo entender é que é mais fácil encontrar defeitos ou imperfeições quer a nível construtivo quer espacial em qualquer outro lado que não aquele que foi construído por si. Também reparei no esforço que a senhora fez para falar devagar, de modo a que eu a pudesse entender. No final da nossa conversa, oferece-se para me acompanhar até a um sítio mais seguro, que começa a chegar a uma altura do dia mais perigosa para uma forasteira andar perdida pelo meio dos cerros, especialmente sozinha. A verdade é que a exploração do espaço não foi a planeada, no entanto cada vez me apercebo mais da facilidade e simpatia das pessoas para comigo, tendo prazer de partilhar a sua história ou simplesmente de conversar.

05 abril 2017

Caminhando pela linha de costa, o panorama urbano que confronta as águas azuis do oceano que me acompanha, sofre mutações. Os cerros usurpados pela informalidade aparentam estar cada vez mais longínquos. As construções em altura são, agora, a paisagem dominante. Uma hora de caminhada separa duas cidades, Valparaíso e Viña del Mar. Duas cidades vizinhas, duas realidades antagónicas. Viña del Mar é uma cidade planeada, é uma cidade cuja malha se assemelha a um tabuleiro de xadrez e em que as suas peças são personificadas pelos altos e elegantes edifícios. As ruas não são apropriadas pelos seus moradores, estando cada peça no seu devido lugar. Largos passeios acompanham as movimentadas vias automóveis, o comércio apodera-se dos espaços desenhados para si, enormes espaços verdes oferecem uma pausa aos habitantes, prédios esguios e de infinitas janelas dominam a paisagem contrastando apenas com



84. 85. Vista panorâmica da cidade Viña del Mar, Chile. Abril, 2017

a areia das praias onde turistas apanham banhos de sol. É engraçado como até o típico completo chileno é apresentado como sendo um banal *hot dog*. É como se a cidade, numa ânsia de sobreviver pelo turismo, despisse quaisquer rasgos de identidade. Aliás, a identidade que esta cidade espelha é a de autor, a do arquiteto que projeta belos e caros edifícios.

É apenas mais uma típica cidade costeira. Quer dizer, o meu segundo pensamento ao deambular pelas ruas desta cidade foi um vislumbre da cidade portuguesa Figueira da Foz. Pode parecer uma comparação estranha mas na minha cabeça ambas seguem uma mesma lógica. A primeira linha costeira é habitada pela praia, a segunda é uma grande e movimentada via automóvel ladeada por passeios de generosa largura e que, ocasionalmente, são substituídos por áreas verdes e a terceira define uma paisagem urbana assente em prédios cuja altura domina de tal forma a envolvente que impede o resto da cidade de espreitar.

Quanto ao meu primeiro pensamento, abrangeu a ideia de que o centro desta cidade simplesmente emana uma sensação de riqueza quando comparado com o centro da cidade de Valparaíso. Todavia, esta parte formal e turística de Viña é uma fachada para a parte informal que se esconde dos olhos dos estrangeiros.

Deixando a parte baixa da cidade, e à semelhança de Valparaíso, as longas subidas que cansam o corpo apoderam-se do tecido urbano. As magnânimas construções, de presença constante, são substituídas por casas das mais diversas escalas e feitios. Limitando-me a simplesmente ir subindo, sem me preocupar com direções ou rumos, abandonei a formalidade e cruzei-me de novo com a informalidade que se encontrava escondida. A topografia é escalada por casinhas que vão substituindo os casarões, os passeios vão alternando entre ser de cimento ou de terra batida. É, sem dúvida, uma urbanização semelhante à de Valparaíso. Contudo, existe uma pequena grande diferença. É raro encontrar uma casa que se abra para o espaço público aliás, qualquer que seja a proximidade para com a casa vizinha, a importância de delimitar o espaço reflete-se nos gradeamentos. De vez em quando, um elemento estranho mas familiar à paisagem, ergue-se. Novos prédios de infinitos andares apresentam-se como elementos descontextualizados.

Quanto mais se sobe, mais labirínticos os caminhos se tornam assim como as passagens e escadas que tentam lutar contra a topografia. Por vários momentos estava completamente perdida contudo a capacidade inventiva das pessoas é algo que não deixa de me surpreender pelo que continuo a enveredar por ruas que se apresentam quer pela direita quer pela esquerda. A economia paralela ou os negócios de bairro começam a aparecer quer seja através de barracas estrategicamente montadas nos terrenos à beira das estradas principais ou através de cartazes onde se anuncia *hay pan* ou *se vende huevos duros*.

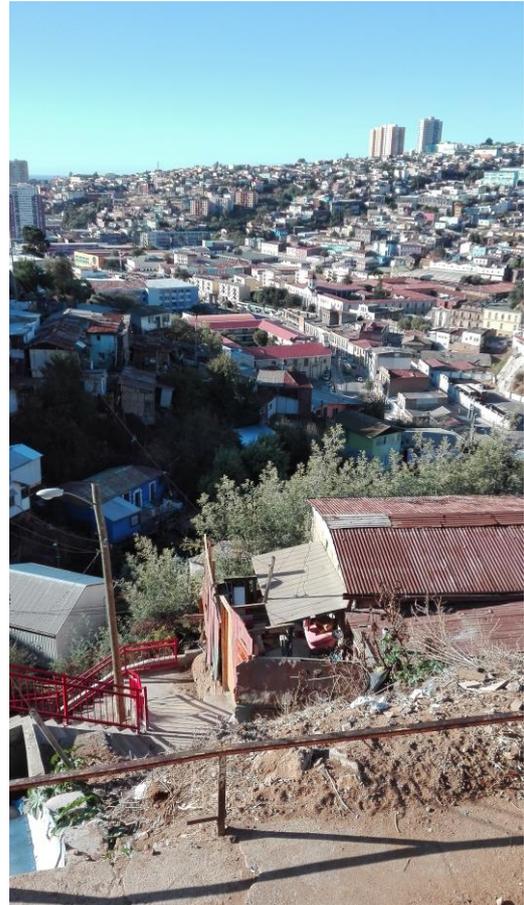
Cansada de subir, apanho um autocarro e em pouco tempo encontro-me na que aparenta ser a paragem mais longínqua desta rota escolhendo abandonar o micro nos confins da periferia

da cidade. Curiosamente, a paragem de autocarros, um desgastado banco de madeira protegido por uma estrutura frágil e ferrugenta, faz frente a um edifício pertencente à *Junta de Vecinos Población Alborada*. Ao seu lado, uma edificação chama a atenção pelas suas alegres cores, sendo que olhando com atenção, cada cor corresponde ao que me parece ser um contentor metálico empilhado em cima de outro. Mas, ao invés de enveredar pela minha direita a qual oferece a perspectiva de uma longa estrada, quase como se nos direcionasse para os longínquos cerros, algo me chamou a atenção e optei pela direita. Aqui, a via cimentada destinada ao tráfego automóvel, ladeada apenas de passeios de terra batida que se estendem até se metamorfosearem em terrenos, é uma linha de separação. Quer dizer, do meu lado esquerdo vedações com pouco mais de dois metros escondem as casas que se destinam a guardar e expõem os cerros distantes. Do lado contrário vários blocos de cinco andares e pintados de um verde pálido constituem um bairro habitacional. Não tendo acesso ao seu interior, o que a sua fachada me transmite é um acesso central, marcada por uma reentrância que a marca verticalmente, e que dará acesso a apartamentos espelhados em planta. Na rua que se segue, este contraste continua alterando-se apenas as cores dos blocos habitacionais para azul. O claro contraste entre a casa autoconstruída e a vivenda social apenas acentua o contraste entre a singularidade e a monotonia que lhes são, nomeadamente, associadas.

Um dos edificadros que faz frente a estes massivos blocos é um minimercado, construção adjacente a uma casa com dois andares. Entro e compro uma água, momento em que o dono deste pequeno estabelecimento me pergunta se não estarei perdida. Ao responder que estava à procura do conjunto habitacional que acabara de ver, o senhor comenta algo depreciativo. Falando demasiado rápido para o entender, só consegui captar alguma revolta para com o governo e as suas *casitas chicas*. Continuando caminho, volto a ser ladeada apenas por casas rudimentares cujas fachadas e cercas improvisadas são uma miscelânea dos mais diversos materiais. A maioria das casas reivindica algum espaço para si transformando-o em pequenas hortas, pátios ajardinados ou deixando-os simplesmente a cru onde a vegetação selvagem e resíduos abandonados o compõem.

Os desníveis oferecidos pela topografia permitem-me observar os inúmeros telhados de zinco assim como as casas que se vão apresentando ao longo da próxima encosta. Os caminhos são orgânicos deixando a métrica rigorosa que se encontra na zona costeira e seguindo as orientações do terreno. A sua essência labiríntica leva crer que terão nascido após as casas, sendo apenas o espaço que sobra. Contudo existe alguma preocupação em criar espaços comunitários uma vez que, após percorrer algumas ruas, me deparo com um parque infantil e algumas zonas verdes que contrastam com a árida terra. Dado que a hora de almoço se aproxima, espero por um novo autocarro e volto à parte da cidade desenhada.

Talvez hoje não esteja a conseguir descrever de forma detalhada o que os meus olhos veem



86. 87. Cerro Merced, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

contudo, o contraste que esta cidade encerra em si tolda-me o pensamento. Quer dizer, Valparaíso assume este contraste, prepara-nos para ele enquanto Viña del Mar o esconde e aparenta personificar características vulgares a outras cidades, tornando-se mais uma cidade global. Mas, escalando a topografia e explorando o que se esconde por trás da sua fachada, uma nova realidade de pobreza urbana consome o espaço. Estando ao nível do mar, a envolvente que nos rodeia simboliza não só uma cidade formal como riqueza. Atingindo as cotas mais altas dos cerros encontra-se uma realidade oposta, uma realidade informal de casas autoconstruídas que emanam pobreza. São espaços de difícil acesso, rodeados de uma vegetação selvagem e descontrolada, onde o acesso aos serviços básicos é bastante escassa. Viña del Mar é uma cidade de desigualdades, é uma cidade cuja formalidade e riqueza intenta invisibilizar e ofuscar a pobreza da informalidade que assola os cerros que são sua periferia.

07 abril 2017

Hoje, aproveitei para explorar novos caminhos que me permitissem descer desde o Cerro Merced até à malha formal. Existe o mito que o aumento de pobreza acompanha o escalar das cotas, mas a verdade é que de um momento para o outro se pode observar diferentes níveis socioeconómicos. Ao sair da ludoteca, em vez de tomar o caminho à minha esquerda sigo pela direita até chegar a um entroncamento. Como o objetivo é regressar à parte baixa da cidade opto pela esquerda, a qual me permite descer. Esta descida é um beco sem saída no sentido em que o percurso passa a ser apenas pedonal. Umas escadas de betão com uma guarda vermelha do lado direito lutam contra um terreno bastante abrupto. Ao descer a escadaria, a parte nordeste da cidade brinda-nos com a sua figura, com as habituais casas coloridas e prédios descontextualizados a compor a paisagem. A acompanhar a escadaria, de vez em quando tubos de alumínio surgem por entre a vegetação, dando a ideia de que servem como canalização. No entanto, estas escadas de betão surgem quase como que um elemento estranho tendo em conta que os restantes acessos são de madeira ou escavados da terra. As casas que se apoderam da encosta apresentam um aspeto mais tosco do que as anteriores. É, sem dúvida, um nível socioeconómico mais baixo. Um pouco mais que a meio do caminho, três senhoras que se encontram à conversa perguntam-me se estou perdida. Esta questão deu aso a uma interessante conversa. Após o meu típico discurso de introdução, as mulheres apresentam-se como Juana, Ana e Nancy⁴² e, desde início, demonstraram-se disponíveis para responder às minhas curiosidades.

A verdade é que já não me lembro como a conversa chegou a este ponto, mas a certa

⁴² Habitantes locais

altura dei por mim a perguntar o porquê de escolherem esta quebrada. Juana, a mais nova das três, afirma que a distância ao plan é um dos maiores fatores a ter em consideração quando se procura um lugar para viver. É no centro que se pode usufruir do que a cidade tem para oferecer. É no centro que todos são tratados como iguais. A proximidade das suas casas ao centro, independentemente do seu nível socioeconómico, permite com que se sintam parte da cidade. Nancy acrescenta que esta proximidade é um dos motivos pelos quais não se mudou para uma daquelas vivendas sociais, aquelas nos confins da cidade. Durante a semana, os seus *hijos e nietos* descem a quebrada para ganhar a vida. Aos domingos, quando não têm um telhado ou qualquer outra coisa para consertar, descem para uma caminhada pelas praças da cidade ou à beira-mar, um tempo em família que não lhes custa dinheiro. Ana completa o raciocínio da sua cunhada afirmando que se não vivessem tão perto do plano da cidade, não poderiam desfrutar desse tempo em família. Basta caminhar um pouco e podem usufruir dos mesmos lugares que os restantes. Habitar este lugar faz com que se sinta parte integrante da cidade. Já ouviu demasiadas histórias sobre aqueles que se sentem excluídos por viverem nas periferias e garante que não trocava este lugar por outro. Nancy volta ao seu discurso e afirma que ter a sua casa aqui lhe permite encher a mesa. Questionei o que queria dizer com essa afirmação, ao qual ela explicou que estamos a uma curta distância do centro, em cinco ou dez minutos a pé alcança-se os lugares que oferecem os melhores preços, como as feiras de frutas e verduras. Andar a pé não custa dinheiro, andar de transportes custa. Ao morar aqui consegue poupar dinheiro para alimentar a família. Também não consegui deixar de reparar que, qualquer uma das três senhoras, sempre que se referiam a viver perto da malha organizada da cidade, empregavam o verbo no plural. Ou seja, nunca se referiam a um habitar como individual mas sim enquanto grupo. O emprego da palavra estamos em quase todas as frases denuncia esse facto. Também é bastante evidente que consideram a outra parte da cidade, a formal, como privilegiada.

Aproveito que o tema das vivendas sociais já foi mencionado e volto a reintroduzir o assunto ao qual as três portenhas começam a falar umas por cima das outras e confesso que não percebi a primeira parte contudo, consegui apanhar algumas opiniões que parecem ser comuns. O estado tem, por norma, escolhido os terrenos mais baratos e mais longínquos do centro o que obriga a que os seus habitantes deixem de usufruir do fator proximidade, ou seja, andar a pé e sem custos. Andar de transportes públicos sugar-lhes-ia demasiado dinheiro. Nancy afirma que viver nesses apartamentos seria insustentável a nível económico. Para não falar que tem muito orgulho na casa que construiu com os seus filhos.

Com o balanço da conversa, pergunto simplesmente como é a sua casa. A sua resposta começa por uma enumeração de problemas, contando que o teto, os muros e o piso estão construídos com materiais recuperados, tendo encontrado a maioria no porto de Valparaíso, as paredes são de madeira. Pode ser precária mas tem espaços em bom estado como a cozinha e a

casa-de-banho, se bem que a última é uma daquelas portáteis que lhe foi oferecida pelo município. Diz-me que uma menina como eu, vinda de um daqueles países ricos e bonitos, poderia olhar para a sua casa e pensar que sim, que realmente estaria melhor num departamento⁴³ mas é preciso pensar num todo. O que os de fora não percebem é que a proximidade para com a cidade e as poupanças que daqui advêm supera qualquer precariedade que a sua casa possa apresentar. Mas mais importante, os relatos que ouviu sobre esses espaços são tenebrosos. Aqui Ana volta a intervir e menciona, mais para as suas amigas do que para mim, que encontrou Lucinda e ela lhe contou que se sente um pouco sozinha agora que se mudou, que a casa é pequena e pouco pessoal. Sente que a casa não é sua e os vizinhos são estranhos. Para não falar que tem poucas oportunidades de ir ao centro. Não consegui captar o nome da vivenda, mas deu para perceber que a senhora não estava satisfeita. Juana interrompe a conversa e oferece-se para me acompanhar no resto do percurso, uma vez que começa a anoitecer.

Voltando a descer as escadas de betão, em pouco mais de cinco minutos estava na Avenida Argentina. Aproveitando para me dar uns últimos conselhos sobre segurança, dizendo que não precisou de olhar duas vezes para mim para perceber que era uma *gringa*. Despede-se dizendo que seria sempre bem-vinda a sua casa.

08 abril 2017

Há cerca de uma semana, mencionaram-me a existência de um terreno que sobreviveu a um incêndio, deixando nada mais do que um rastro de destruição. Após ver as suas casas arrasadas, os moradores começaram a construir do zero sobre as cinzas do que antigamente fora o seu lar. Ora, esta porção de terreno encontra-se nos confins de Valparaíso, num daqueles lugares remotos onde a entrada a forasteiros é quase como que sinónimo de interdito. Contudo, a brasileira Carolina⁴⁴, numa tentativa de continuar a exercer a sua religião numa cidade que não a sua, deparou-se com a possibilidade de espalhar a mensagem, sob a forma de catequese nesse lugar longínquo. Bem, o que outrora foi uma oportunidade para ela, é hoje uma oportunidade para mim, a qual descreverei neste novo capítulo do diário de bordo.

O ponto de encontro combinado foi a paragem de autocarros em frente ao cinema Hoyts, na Avenida Pedro Montt, às 13h40. Ao chegar avistei Carol. Passados cinco minutos, um dos responsáveis pela iniciativa vem ao nosso encontro. De sweater cinzenta e barba por fazer, Nacho apresenta-se, coloca os seus pertences no banco e desaparece. Passados outros cinco minutos, reaparece com um saco cheio de fruta e de pacotes de bolachas. Entretanto o 501, o autocarro

⁴³ Referência às vivendas sociais

⁴⁴ Estudante de Arquitetura e voluntária pela Igreja

esperado, chega. Entramos e compramos o nosso bilhete diretamente ao motorista e seguimos caminho.

Durante a viagem fui olhando pela janela, tentando criar memórias visuais. Um pouco mais que a meio, passamos por um terreno onde estão dispostas dezenas, senão centenas, de casas de madeira. São vivendas de habitação, construídas no meio do nada, todas iguais umas às outras com a sua porta e janela na fachada principal. Organizadas em forma de grelha, não terão mais do que vinte e cinco metros quadrados. Nacho informa-me que aquelas casas, construídas para quem perdeu tudo n incêndio, abrigam famílias de dois, quatro, seis ou oito. Olhando de novo, o espaço encontra-se deserto e sem personalidade.

Não tarda chegamos ao nosso destino e bem posso começar por dizer que existe o Valparaíso dos guias turísticos, um que é direcionado para nós estrangeiros, e um outro Valparaíso, aquele que se esconde por entre as páginas desses guias, um onde se vive no chamado limiar da pobreza. Este é o Valparaíso a que cheguei.

Quando o cimento acaba, prosseguimos por caminhos de terra batida não identificados. Estes, serpenteando chapas metálicas ou ripas de madeira que personificam cercas ou entradas, são simplesmente vazios derivados do cheio, é como se o espaço público fosse um resto, um resultado consequente dos excedentes das casas. É algo tão natural, tão despido de planeamento, algo que simplesmente nasce de sobras de construções. As cercas improvisadas pretendem sublinhar uma divisão, são uma afirmação de que aquele pedaço de terra pertence a alguém. Esta divisão acentua-se quando se consideram as sobras como “espaços de ninguém”, vazios inabitados mas que são percurso obrigatório para chegarem às próprias casas. Sendo espaços não reclamados acabam por sofrer de negligência, quer por se ir amontoando resíduos de lixo quer por se ir degradando ao longo do tempo. Não sendo de ninguém, ninguém cuida.

Enquanto continuamos pela rua que, devido a uma generosa largura, aparenta ser a principal, uma mulher morena e de longos cabelos pretos com um saco em cada mão, que nos acompanhava desde a paragem, vira à esquerda e segue por umas escadas desenhadas na terra, abre um portão de entrada no qual se identificava uma casa através de um número que não me recordo, percorre o pátio, segue por umas escadas de madeira e, não chegando ao seu topo, envereda por uma estreita viela que aparece à sua direita. Nesta, desvia-se das cadeiras que são obstáculo na sua passagem, cadeiras que penso pertencerem aos donos da casa cuja fachada aparenta ser de contraplacado pintado de verde e cuja porta de entrada se abre diretamente para a viela. Esta revela-se uma espécie de beco sem saída terminando num portão de madeira que, por sua vez, é a entrada para um pequeno pátio que antecede aquela que eu deduzo que seja a sua casa. A distinção entre público e privado não é clara. É como se a rua virasse casa ou, simplesmente, a casa pertencesse à rua.

Calcando a vegetação que nasce selvagem ou desviando-nos dos riachos de água ou



88. 89. Celula Evangelica "Villa Esperanza" Iglesia Vision de Reino Playa Ancha, Valparaíso, Chile.

depósitos de lixo, prosseguimos caminho pelo terreno enlameado. Este termina numa espécie de praça onde se encontram baloiços produzidos com um metal enferrujado e enfraquecido, sendo o elemento central. Aliás, talvez o mais correto seja chamar-lhe parque infantil. Aqui, algumas crianças correm de um lado para o outro ou brincam nos baloiços, uma senhora de alguma idade observa-os e dois cães e dois bodes andam livremente.

Não foi necessário avisarem-me de que chegáramos ao nosso destino uma vez que a tabuleta onde se lê *Celula Evangelica "Villa Esperanza" Iglesia Vision de Reino* denunciava o propósito da casa azul que se apresentava pela minha esquerda. Uma vedação de paletes de madeira pintadas de branco, roubando uns três metros quadrados à rua, antecede uma fachada de calamina. Abrindo o curto portão, uma escada de madeira liga o plano de terra batida à porta branca. Uns centímetros acima desta, uma lâmpada esconde-se sob uma pequena estrutura de madeira coberta por uma pequena placa metálica, a qual difere da placa metálica que cobre a construção na sua totalidade. Contudo, este espaço de entrada aparenta ser inútil. Como que sendo uma continuidade da fachada, o mesmo material pintado do mesmo azul estende-se até a uma outra vedação, a qual sendo de madeira denuncia uma nova casa. A interromper as chapas encontra-se uma outra porta branca pela qual entramos. Esta encontra-se perfeitamente alinhada com as escadas escavadas em terra que, por sua vez, indicam o caminho para uma segunda casa. Torna-se claro que invadimos o pequeno pedaço de terra de alguém. Carolina explica-me que este espaço pertence a uma família e que esta o concedeu à igreja. As escadas de terra, donde espreitam algumas traves de madeira e estacas de ferro, dispostas de forma aleatória, que suportam os diferentes degraus, são o elemento central do pátio dividindo-o em dois. Do lado esquerdo, grades metálicas guardam a entrada da casa azul que assume a forma de um C enquanto do lado oposto uma pequena parede construída com ripas e com pregos expostos serve de muro de contenção da terra onde plantaram uma horta e onde se encontra uma corda cheia de roupa a secar. A porta da casa concedida à igreja encontra-se na parte mais recuada e central da fachada este. O seu interior é um espaço amplo, tendo as suas paredes e teto revestidos com placas de gesso cartonado que deixam o sol espreitar por entre frinchas. Quanto ao chão, escolheu-se utilizar azulejo na zona onde se encontra uma comprida mesa assim como na cozinha, sendo o material uma espécie de elemento de ligação entre os dois espaços. A cozinha, separada da outra divisão através de uma cortina amarela, corresponde a um dos quadrados salientes (quando visto em planta). O restante pavimento é semelhante a um soalho de madeira, sendo possível espreitar os barrotes que o suporta assim como a argamassa do material cerâmico aquando a junção dos dois. A outra parte saliente da casa é exterior tendo-se construído uma frágil estrutura, revestida com calamina, em volta de uma sanita. É possível também observar canos e fios expostos, entrando e saindo das paredes.

Depois de prepararmos o lanche, dirigimo-nos de novo para o parque. Este é quase como



90. 91. Rua Luis Emilio Recabarren, Playa Ancha, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

que um plano horizontal que separa cerro acima e cerro abaixo. Seguindo para este, uma ponte de madeira levar-nos-á a uma apertada passagem que conduzirá até ao topo do morro. No entanto, precedendo o parque, os limites metálicos da rua redirecionam para um outro caminho à nossa direita, o qual desce até ao sopé que separa este morro do seguinte. Seguindo por este, torna-se claro que as intermináveis cercas desenham as fronteiras entre o ser espaço de ninguém e o de ser de alguém, escondendo uma ou duas ou três barracas. E chamo-lhes barracas pois é a melhor palavra para descrever estas construções. Neste terreno, encaminhado para sul, as casas são mais esporádicas, reinando um terreno carbonizado. Talvez a proximidade ao Camino La Pólvora⁴⁵ leve os moradores a não construir nesta parcela. Por detrás da longa cerca metálica que delinea a rua à direita, espreitam duas casas, ou pelo menos em vias de o ser. O exterior de uma é quase como se não existisse, como se a casa estivesse despida, sendo visível o seu esqueleto de madeira em forma de grelha que suporta toda a casa, a qual se encontra revestida apenas pelo seu interior com placas de contraplacado. O telhado é uma mistura de chapas de zinco encaixadas umas sobre as outras, sendo construído com algum cuidado. E digo isto devido ao pormenor da calha quadrada que, apesar de só cobrir metade do comprimento do telhado, é um elemento pensado para o escoamento de água. Como remate desta água construiu-se uma cumeeira, também esta uma mistura de metais, que não remata com a água da casa vizinha devido a uma disparidade de alturas. Imediatamente ao seu lado, encontra-se uma outra casa ainda em processo de construção. A fachada lateral é de cortiça, sendo ligada à estrutura do telhado através de um plástico preto com barrotes de madeira a espreitar por entre os dois materiais. A frente é ainda oca revelando a também estrutura de madeira, a janela colocada diretamente na abertura planeada e estando apenas metade revestida com o que aparenta ser o mesmo contraplacado da sua vizinha. Um pouco mais afastados, aparecem três corpos que cativam o olhar. Como pontos esporádicos num território ainda hoje devastado, estes três corpos aparentam estar perdidos.

Trocando o caminho toscamente demarcado por uma extensão de terra livre, vê-se as ruínas do que outrora fora um lar rodear-se de vegetação e destroços. Elevando-se do chão através de pilares tortos ergue-se um piso. A estrutura de madeira que resta, semelhante à da casa despida não fossem as tábuas horizontais partidas, apenas corresponde a metade da área, tendo um telhado coberto por plástico preto e pedaços de algo pesado a segurá-lo. Na parte descoberta encontra-se um colchão e peças de roupa presas na armação. A pouco mais de dois metros encontra-se a casa mais pequenina. Uma casa que, não tendo mais do que dois por quatro metros quadrados, se eleva do terreno inclinado através de frágeis pilares de madeira, sendo procedidos pelos barrotes do soalho, os quais marcam um certo ritmo. A fachada virada para o

⁴⁵ Autoestrada que conecta Valparaíso a Placilla



92. 93. Crianças que pertencem à comunidade. Playa Ancha, Valparaíso, Chile.

caminho é antecedida por uma cerca feita com paletes e ripas presas umas nas outras através de uma corda branca sendo que não rodeia a casa toda, apenas reivindica o pouco espaço que a liga ao que seria a continuação do caminho. A esquadria da fachada central, revestida com contraplacado branco, consiste numa porta de madeira lacada e de uma janela por onde esvoaça um pano laranja. Embora tenha havido um certo cuidado em emoldurar a janela, existe uma abertura triangular entre a porta e a linha da estrutura do telhado, que por sua vez aparenta ser uma armação do tipo tesoura. As ripas alongam-se cerca de quinze centímetros para além da fachada frontal, suportando as chapas metálicas e plástico que constituem a cobertura.

A fachada lateral virada para norte é revestida por três chapas de zinco, de tamanho variável, por uma tira de espuma branca que tenta tapar a abertura entre uma chapa e a estrutura da fachada adjacente, e digo tentar pois a parte de cima está suspensa e, no canto superior direito, por pedaços de cortiça e cartão que revestem a casa a partir do seu interior, expondo um pouco da estrutura e deixando perceptível uma abertura que deveria ser janela. No entanto, a edificação do telhado origina uma abertura que nem a cobertura ou a parede colmatam.

O terceiro corpo, e o mais distante, difere-se não só pelas dimensões como pela procura de unidade, assemelhando-se mais a uma casa. Martina⁴⁶, uma menina de sete anos vestida com uma camisola cor-de-rosa da *Minnie* e com uns calções desbotados sob umas *leggings* aos corações, veio ao meu encontro e, puxando-me pela mão, pede-me que inverta o sentido para ir conhecer o resto do grupo. Na verdade, não havia mais para onde ir a não ser um grande vazio. As crianças, entusiasmados em ver alguém novo, enchem-me de perguntas.

Imediatamente a seguir a ouvirem o que eu estudo, uma das raparigas, com o longo cabelo preto amarrado num rabo-de-cavalo e barriga à mostra, pergunta-me, ingenuamente, o que é arquitetura. Embora tenha ficado um pouco abalada com a questão que acabara de ouvir, respondi a típica definição de dicionário que arquitetura é a arte e a técnica de desenhar, projetar e construir edifícios. Após um encolher de ombros, a menina de t-shirt preta e brilhantes azuis que escreviam I ♥ DANCE continuou a conversa contando que quando crescesse queria ser bióloga marinha. O menino que estava ao seu lado, de fato de treino azul e uma ferida no nariz feita dois dias antes, ao cair de um dos baloiços, falou no desejo de ser veterinário. Aproveitei o momento para pegar na minha máquina fotográfica e registar o que os meus olhos viam. Entusiasmados com este brinquedo que carregava ao pescoço, a mesma menina volta-me a surpreender com uma nova questão. Qual a piada de fotografar uma paisagem queimada? Antes de lhe poder explicar, Carolina aproveita para me chamar e guiar cerro acima. Entre o parque e a quebrada existe um pequeno vale, pelo que passamos a ponte com cerca de três metros de comprimento e começamos a subir um estreito e íngreme caminho de terra delimitado por

⁴⁶ Habitante local



94. 95. Playa Ancha, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

chapas metálicas enferrujadas e cercas de madeira que ora se inclinam para fora ora para dentro. O seu início assemelha-se a uma rampa com uma depressão no seu meio que me parece ser uma solução para a água da chuva escorrer. Com o caminho a tornar-se mais abrupto, converte-se numa escadaria em que os espelhos são ripas de madeira que se adaptam aos cobertores de terra. Ao percorrê-lo observo as pequenas ou grandes edificações sem graça que se erguem do chão. Cada uma é como um puzzle em que as peças estão trocadas. Diz-se que as partes fazem o todo mas aqui as casas assumem, sem o hesitar, uma certa fragmentação. O arquiteto ilegal do cerro é responsável por uma arquitetura de remendos, de pedaços dissonantes entre si. Aqui a prioridade é ter onde viver. Assim, paletes ou ripas de madeira, chapas metálicas, contraplacados, gesso cartonado, cortiça ou quaisquer outros materiais resgatados de algures metamorfoseiam-se em lares. Não é preciso olhar duas vezes para se perceber a precaridade material e habitabilidade precária.

A escadaria improvisada leva a um portão que, anunciando um fim, é a entrada para um pátio privado. Pela direita, entre a vedação de madeira que encerra a escadaria e a de zinco que a limita pelo lado oposto, uma passagem com cerca de sessenta centímetros permite continuar a subir, dando acesso a uma viela quase horizontal que antecede a frente de casas que é a fachada deste cimo. Os caminhos emaranham-se uns nos outros, criando um enredo que percorre quer uma viela de terra quer o pátio do vizinho. Tanto se encontra uma casa solta na terra cuja porta se abre diretamente para a rua como é necessário percorrer um pátio que não o seu para alcançar umas pobres escadas que escalam o terreno inclinado e permitem a chegada ao destino. Com um certo receio de subir mais, Carolina pede-me para regressarmos. Ao inverter o sentido, reparo em alguns cartazes que anunciam pequenos negócios como *se venden empanadas* ou *se corta el pelo*. Este caminho é quase como que um miradouro no entanto, em vez de se contemplar o mar, contemplam-se os pátios uns dos outros. A privacidade é um conceito ignorado, sendo possível ouvir e ver as desavenças familiares.

Os restantes voluntários chegaram e, enquanto preparam a lição, eu e Carolina fazemos alguns jogos com as crianças. Neste tempo, a família que cedeu o terreno à igreja chega. Para meu espanto, o filho sofre de dificuldades motoras encontrando-se numa cadeira de rodas. O seu pai, senhor já de certa idade, tem a difícil tarefa de empurrar a cadeira por entre a terra humedecida. Param em frente à porta branca, levantam o filho e, apoiando-o, sobem o caminho.

Em fila indiana, os meninos entram na casa azul e dá-se início à catequese. Começando pela oração, cada um de nós dá graças. Catalina⁴⁷, a rapariga de cabelo solto e camisa azul, agradece pela sua nova casa construída pelo pai enquanto Felipe⁴⁸ agradece pela vinda de um

⁴⁷ Habitante local

⁴⁸ Idem



96. 97. 98. Playa Ancha, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

novo irmão. Segue-se uma lição sobre a Santíssima Trindade e a apresentação de um episódio protagonizado pelos voluntários e a mascote canina, com o qual já todos parecem estar familiarizados. Enquanto olho pelo menino mais novo, com os seus quatro anos, que brinca com o portão de entrada, dei uma segunda, e mais aprofundada, vista de olhos à outra casa. As escadas de terra, as tábuas quase subterradas e as estacas de metal aparecem como um obstáculo até se chegar a uma plataforma. Pela direita, existe uma espécie de anexo exterior onde está guardada a cadeira de rodas. Este está construído à base de troncos, coberto por chapa e revestido com uma rede de arame e mais chapa. Toda a fachada da parte mais recuada é uma mistura explosiva de materiais, uma parte reveste-se com longas tábuas de madeira dispostas verticalmente, na sua cor natural. Noutra parte optou-se por tábuas mais curtas, dispostas horizontalmente e pintadas de azul. No entanto estas não atingem as placas onduladas de zinco que são a cobertura plana, vendo-se pedaços de diferentes materiais por entre barrotes, preenchendo os vazios. Entre estas duas fachadas, que na verdade são apenas uma, existe uma pequena tábua branca a colmatar uma qualquer falha. Em cima da porta principal a cobertura é alongada, marcando a entrada. Para se alcançar a porta é necessário subir outros três degraus de madeira. Este pormenor, juntamente com as diferentes placas metálicas que unem a madeira e a terra fazem-me supor que a casa está elevada através de pilares que, na verdade, espreitam por entre as fendas. À esquerda está um novo anexo, na mesma linha do outro, pintado do mesmo azul da madeira mas revestido com chapas onduladas. Apenas posso imaginar as dificuldades que o rapaz sente todos os dias, na sua própria casa.

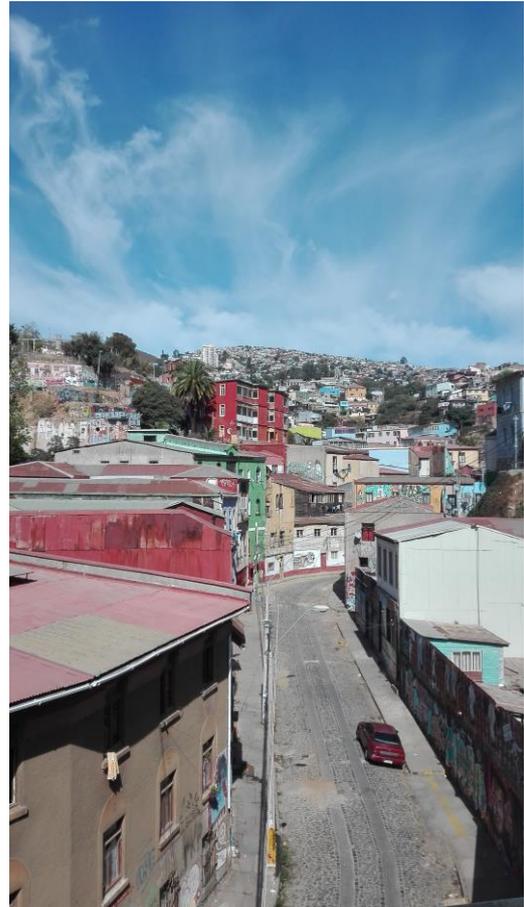
Com o pôr-do-sol chega a hora de me despedir, pelo que aproveito um último momento para simplesmente observar e fotografar. Aqui, o mar não é presença, é difícil encontrar o norte. Ver o Camino La Pólvora tão próximo é um sinal de que estamos num dos limites da periferia de Valparaíso. Cortando vales, a enorme lâmina de betão contrasta com a terra sob os nossos pés e com uma paisagem queimada que ainda não renasceu. Enquanto observo, mais uma vez, esta envolvente, a senhora de avental azul, talvez tendo reparado no meu olhar atento a esta paisagem, começa quase que como uma espécie de monólogo. Talvez por nostalgia ou necessidade de partilhar a sua história, começa por dizer o quão impossível é esquecer o calor que subia sob a forma de fumo. O quão impossível é esquecer os primeiros gritos, gritos esses de crianças que, sem saber o que fazer, corriam de um lado para o outro e choravam. Misturados com estes, cães ladravam ferozmente contra o fogo que ameaçava a sua casa e os seus donos. Lembra que o único pensamento que lhe passava pela cabeça era o de proteger a família. Que o fumo não deixava respirar mas que tentava manter a calma e tentava ensinar os mais novos a inspirar e expirar. Enquanto procurava afastar os pequeninos dos perigos do incêndio, o seu marido e os outros habitantes estavam ocupados a, com baldes de água, molhar a madeira de suas casas, madeira essa que mais tarde ou mais cedo acabaria por queimar e ficar reduzida a

cinzas. Lembrava-se do ruído dos telhados de zinco a ruir, quase como se estivessem a gritar também. Lembrava-se de ouvir sirenes ecoar por toda a cidade, de ver o desespero daqueles que chegavam do trabalho e de ver o seu lar, fruto de tanto trabalho ao longo dos anos, ser reduzido a nada. Mais tarde veio a saber que, no meio do caos, estranhos viram uma oportunidade para roubar colchões ou eletrodomésticos, aproveitando-se da tragédia. Comenta que acha este acontecimento quase tão triste como o incêndio. Continuou a sua narrativa dizendo que, após o inferno que se viveu, as casas queimadas eram tantas mas tantas, mais do que eu poderia imaginar. Mesmo com o que foi transmitido pelas notícias, apenas quem o passou sabe o pesadelo que foi viver aqueles momentos. O seu cerro foi queimado, nada mais era do que uma nuvem de chamas. Conta que o seu cunhado acredita que é uma punição divina por ocuparem aquele espaço sem pedir permissão para lá viverem, mas que os tempos são difíceis. Como que aproveitando a boleia da conversa tentei, subtilmente, introduzir algumas questões. Tanta era a sua vontade em ser ouvida ou em, simplesmente, partilhar a sua história de vida que dialogava com uma naturalidade surpreendente. Conta que em criança brincara naquelas ruas, descobrira e memorizara aquele mundo. Vira os seus filhos e netos fazerem o mesmo. Nunca poderia chamar outro lugar de casa. Relata que conhece famílias que, não tendo outra hipótese, foram realojados *en las casitas de madera*⁴⁹ e que, ainda hoje, visitam os lugares onde criaram tantas recordações, lugares reduzidos a cinzas. Descrevendo-se a si própria como uma senhora de uma certa idade, e apresentando-se como Alondra⁵⁰, afirma que não seria capaz de trocar este seu cerro, que a viu nascer e crescer, por um lugar sem memória e significado. Que, talvez, para os mais novos seja mais fácil uma adaptação mas que para os mais idosos, é insuportável. Que o que as pessoas de fora não percebem é que aqui todos são família. Para se mudar uma única família, todas as outras teriam de ir de arrasto. Existem laços que devem ser mantidos e não quebrados.

Entretanto, somos interrompidas por um menino de calças vermelhas que, após brincar numa das poças que brotam na terra, vem abraçar a perna da avó. Encorajando o pequenino a estar sossegado, conta como é bonito ver as crianças, como elas brincam neste pequeno espaço, como estão sempre entretidas quer nos baloiços ou inventando novos jogos. Olhando para o neto, continua dizendo que após darem os primeiros passos, a rua passa a ser a sua casa. Olhando agora para os dois homens fardados, dois polícias que apareceram a meio da tarde e simplesmente se mantiveram ali a tarde toda, no meio do parque e das crianças, sem falar com ninguém relata que esse é um acontecimento comum. Nas profundezas de Valparaíso, como quem diz no mundo dos assentamentos precários, existe muito crime. Porém ninguém magoa as

⁴⁹ Referência às casas de emergência providenciadas pelo Estado e destinadas às vítimas do incêndio

⁵⁰ Habitante local



99. 100. Vista do terraço para Noroente (esq.) e Sudoeste (dir.) Valparaíso, Chile. Abril,

pessoas da comunidade.

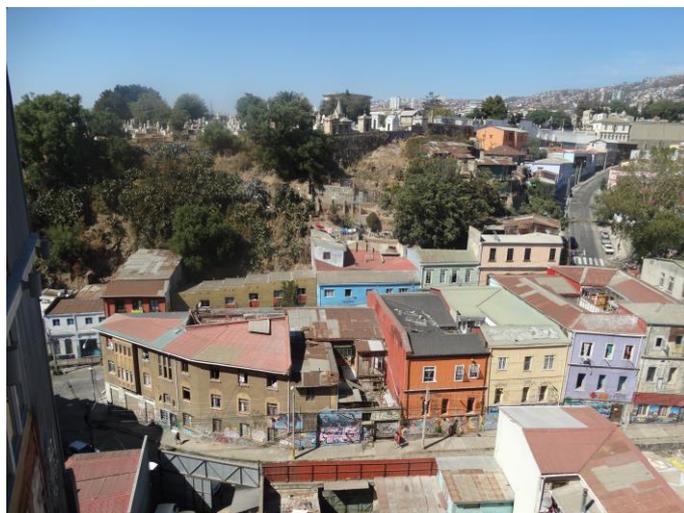
Despeço-me de todos com um sorriso e faço o meu caminho de volta, passando por um homem que se encontra a martelar, sem qualquer tipo de proteção, prendendo panos às riscas verdes e brancas a estacas e personalizando um muro. O portão, anexado a um poste onde ondula a bandeira do Chile, é constituído por duas paletes enquanto a casa, com uma grande janela de correr na sua fachada frontal, é revestida com calamina. Esta foi cuidadosamente recortada, escondendo toda a estrutura e providenciando unidade à habitação. Abandono este cerro de Playa Ancha com esta imagem na cabeça.

09 abril 2017

Hoje, após uma manhã passada a percorrer as turísticas ruas de Cerro Alegre, escolho descer pelo trilho que compete com o ascensor Reina Victoria, serpenteando a colina e vencendo cotas, até atingir a familiar estrada de pedra. É um momento de decisão, esquerda ou direita?

Bem, antes de começar a narrar o meu dia, quero fazer um pequeno aparte. Quero descrever o lugar em que me encontro neste momento, de lápis na mão e caderno aberto, o terraço da casa de Cristina. Fazendo-me companhia e escondido sob o soalho, um gato espreita por entre ripas de madeiras. É engraçado, a estrutura sob os meus pés quase que imita uma palete, uma palete assente sob um fragmento de cobertura plana. Aliás, sob o único fragmento de cobertura plana deste edifício. Uma mesa, um sofá coberto por um edredão amarelo, dois compridos bancos de madeira e um tapete de relva artificial compõem o espaço. Um toldo bege, que em tempos não terá sido toldo, ondula por entre uma estrutura metálica enfeitada por fios de luzes. Uma guarda, condizendo com a estrutura do toldo, como que presenteando este terraço com uma certa continuidade, cinge o pequeno quadrado. Por um lado, o fino corrimão impede-me de cair na rua, a tal que me é familiar. Por outro, marca o limite entre ser terraço e cobertura. Noutros, proporciona um distanciamento para com a fachada. Apoiando-me no primeiro corrimão mencionado, vejo o mar perder-se no horizonte.

Vejo uma pintura cujo desenho começa numa fachada emprestada e termina enlaçando as coberturas de zinco que sobrevoam a casa. Estas, por sua vez, marcam o desenho do espaço, nomeadamente a cozinha de pequenas dimensões, o quarto de Cristina, cuja janela pertence à fachada do pátio, e a casa de banho. Este último espaço tem uma especial marcação elevando-se uma porção de telhado, correspondente às suas dimensões, que permite a ventilação e a entrada de luz. A fachada emprestada pertence ao edifício de planta triangular que, escondendo o pátio de olhares alheios, marca o ritmo da rua com um reencaminhar de direção. Direção essa que apresenta a imponente fachada amarela que esconde este terraço. Empoleirando-me sob esta fachada, que será o mesmo que dizer empoleirando-me sob a guarda oposta, o meu olhar



101. 102. 103. Habitações Coletivas, Avenida Elias, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

perde-se nas casinhas coloridas que assolam as colinas. Esta guarda, no entanto, não me impede de cair. Define uma separação para com a balaustrada de pedra que em tempos serviu de guarda a um outro terraço. A sua cor encontra-se desgastada, os seus balaustres de mármore demonstram sinais de uma luta contra o tempo. Placas de zinco revestem-na por dentro, condizendo com as coberturas que compõem o restante espaço envolvente. Seria de esperar que a fachada falasse pelo seu interior. Que encontrasse habitações sob a forma de apartamento. Todavia, esconde-se uma discordância. Não existe uma correspondência. Entrando pela porta que faz frente à estação do ascensor Reina Vitória, somos acolhidos por uma escadaria. O seu patamar superior é uma espécie de entrada. Do lado esquerdo, apresenta-se um primeiro núcleo habitacional, lembrando-me um pouco a forma de um claustro só que, em vez de um pátio, a sala de estar é o elemento central que, recebendo luz de uma espécie de claraboia, organiza as restantes divisões em seu redor. Continuando em frente, de novo à esquerda, a sala de estar do segundo núcleo. Neste, existe um pátio que organiza a planta de piso único. A sala não é elemento de destaque, recebendo luz através das janelas que circundam o pátio. Um degrau de madeira, um acrescento construído por quem ali habita ou habitou, eleva-nos para o pátio através de uma janela que aparenta ser porta. Deste ponto, enveredando pelas frágeis escadas em caracol, o destino é este terraço.

Existe uma espécie de habitar coletivo. A casa divide-se em duas, ambas de um piso e dotadas de uma generosa altura. É possível arrendar por quartos ou famílias. Cada espaço é dotado de uma sala, cozinha, instalações sanitárias e quartos. O pátio é sinónimo de espaço comum.

E é deste mesmo terraço que me apercebo desta falsa percepção. Esta solução de habitação, talvez resultado de um crescimento demográfico, integra-se na malha urbana sem lhe tocar. Ao andar ao nível da rua, tem-se a ilusão de esta é composta por edifícios habitacionais com carácter de apartamentos ou de habitação singular, de fachada única e partilhando empenas cegas. Contudo, a uma cota superior, observa-se a verdade. É como se as fachadas escondessem pequenos quarteirões, virados para um pátio central. O seu exterior mantêm-se inalterado, mas no seu interior escondem-se núcleos habitacionais.

Não posso dizer que seja o mesmo que subir ao centésimo décimo andar do World Trade Center⁵¹ de Manhattan contudo, estando aqui, também não passo de uma espectadora. Todos os dias vejo a cidade erguer-se como um jogo de texturas e contrastes, erguer-se como um só corpo. Deste terraço, tenho uma visão de um todo, uma visão que assenta numa globalidade. Porém, interessa conhecer as partes, os lugares e as identidades. Interessa desfazer esta imagem em mil pedacinhos. Interessa trocar o longínquo pelo próximo. Interessa optar pela direita.

⁵¹ Referência ao capítulo "Walking in the City" do livro *The Practice of Everyday Life* da autoria de Michel Certeau



104. 105. Fachadas que ladeiam a Avenida Miraflores, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

Ora, voltando ao ponto em que é necessária uma decisão. Pela minha esquerda, quase como que o ponto de fuga das linhas de cimento que interrompem a pedra da avenida Elias, a casa de Cristina. Seguindo caminho pela direita, abandono a malha organizada e escalarei cerro acima. Neste início de rua, sou ladeada por fachadas mentirosas. Mentirosas por serem, figurativamente, só fachada. Edifícios de três andares, dois dos quais se revestem com calamina que, por sua vez, contorna as três janelas heterogêneas de cada piso e com um rés-de-chão, alegremente colorido, que conta uma história com princípio, meio e fim. Nasceu como uma parede de tijolo, cresceu como gesso a fingir ser pedra e acabou rebocada e pintada. O desenho de cada uma destas fachadas é consequência do desenho da sua vizinha pelo que, andando na cota da rua, se é acompanhado por uma certa continuidade. No entanto, estas fachadas refugiam-se no passado escondendo um interior dissonante. Antes de descer o trilho, empoleirada numa das guardas, é possível espreitar este quarteirão, é possível espreitar os telhados cobertos de zinco, os pátios centrais e os corredores que se viram para estes. Como duas fachadas deveriam ser apenas uma. São as tais falsas percepções.

Continuando caminho, deparo-me com um outro tipo de habitar coletivo. Seguindo uma mesma linguagem, esta nova tipologia aparenta ter sido construída com o propósito de ser o que é. A anteceder a fachada, longos corredores exteriores são o ponto de acesso a várias moradias. Cada espaço acaba por ser personalizado, havendo espaços cujo corredor se manteve aberto, espaços em que se fecharam e colocaram janelas, espaços em que as paredes foram pintados com uma cor à escolha. Nestas fachadas, o todo está dividido em partes. Partes identitárias.

Tomo um caminho que aparece pela direita e após uma subida de cinco minutos, enveredo pela escadaria flanqueada por muros de tijolo que surge por entre as modestas casas e uma selvagem vegetação. Agora numa nova cota, deparo-me numa rua quase que experimental. Torna-se cada vez mais óbvio que, ao virar de cada esquina, poderei encontrar as mais diversas escalas. De um habitar coletivo a individual, de rudimentar a aprimorado, de pequenas a generosas dimensões, de frágil a resistente. Esta é uma dessas ruas. E refiro-me a esta rua como experimental devido à explosão material e dissonante que personifica cada um dos edificados que a ladeiam. Torna-se difícil distinguir um todo quando as partes são tão discordantes. Quer seja vertical ou horizontalmente, o edificado cresce. E cresce de forma desformoseada. De madeira a chapa, de betão a tijolo, de cortiça a plástico. Basta imaginar uma estrutura simples, erguida de forma tosca e em que cada vazio é preenchido por diferentes materiais, cores e formas. Nenhum dos vazios será preenchido de igual forma. É uma espécie de crescimento sem rumo, um crescimento ao acaso cujo resultante é um corpo estranho e deformado.

Enquanto reparo em mais uma das múltiplas casotas que acompanham a rua, construídas por alguém para um cão que é de ninguém, uma característica bastante peculiar desta cidade, uma senhora que se encontra sentada num banco vermelho a observar o filho que joga à bola,



106. 107. Pormenores das fachadas, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

avisa-me que se trata de uma rua fechada, um beco. Dito isto, aponta para uma íngreme escadaria que trepa um descampado. Estas elevam-me a uma passagem pedonal com cerca de um metro de largura, a qual serpenteia as fachadas dos edifícios que constituem este interior de quarteirão. Além de labiríntico, este espaço é claustrofóbico. Tamanha é a proximidade entre as diversas edificações que se torna impossível observar algo mais que estas e o próprio céu. É um espaço público no entanto sinto-me como que uma a invadir o espaço de alguém. Tendo em conta que pela direita iria dar de caras com uma encosta de terra, opto pela esquerda. Passo por uma pequena casa que absorve o olhar com os seus tijolos de adobe a encaixarem-se numa frágil estrutura de madeira, ora cobertos com calamina ora descobertos ora rebocados. Em cima desta construção, paletes de madeira velha servem de suporte para chapas onduladas de zinco. A acompanhar a abertura proporcionada pelas paletes, entre a madeira estrutural e o emolduramento da esquadria, pequenas frechas permitem espreitar para os interiores. O isolamento é inexistente. Mais que uma casa de remendos, esta construção é um abrigo.

Continuando pelo estreito caminho, começa-se a descer umas longas escadas. Um banco dita o fim da escadaria, sendo revestido com calamina na qual se escreveu um poema e apoiado num muro de madeira tosco e tombado. Juntamente a este banco improvisado, é possível reparar em outros pormenores como azulejos coloridos a anteceder uma porta de entrada ou garrafas de plástico a fazer de canteiros que conferem personalidade a este espaço. Deste ponto conseguem-se ver vários pátios numa cota abaixo desta passagem e, conseqüentemente, uma interrupção do alçado da rua o que, por sua vez, permite um certo respirar. Um vislumbre do mar e de casas a escalar um outro cerro, uma imagem que sempre me acompanhou exceto neste lugar, permite-me encontrar o norte.

Os pátios, sucedendo-se uns aos outros e com portas de acesso entre eles, são um misto de vegetação e materiais perdidos, com muros de chapa a tentarem adaptar-se aos difíceis terrenos. Os edifícios a que pertencem parecem um pouco devastados pelo tempo. As fachadas a poente, de cores alegres, encontram-se revestidas com múltiplos pedaços de calamina, uns sob os outros, alguns ferrugentos e outros esvoaçando. No entanto a sua estrutura, relembrando a gaiola pombalina, encontra-se exposta através das fachadas adjacentes. Chega-se a uma nova rua, de nome Atahualpa, onde sou recebida por dois cães. Viro à direita e começo a subir a ladeira. Enquanto os passeios pedonais se vão mutando em escadas, também as modestas casas se vão mutando dando lugar a casarões. Estes, descontextualizados com a sua envolvente, quer estética e economicamente, são dotados de mecanismos de proteção como gradeamento e vigilância.

A longa ladeira leva a um cruzamento. Sigo pela esquerda e rapidamente tenho de tomar uma nova decisão, descer ou subir. Opto pela segunda e, rapidamente, aparece a já falada e conhecida Avenida Alemanha. Ao invés de continuar caminho por esta longa avenida, enveredo por uma outra rua que me direciona para uma subida de terra batida que, por sua vez, direciona



108. 109. Los Venegas, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

o olhar para um daqueles prédios demasiado altos para as casas que o rodeiam. Neste espaço, as casas estão assente na própria pedra da encosta sendo suportadas por pilares finos. A encerrar o trilho aparecem umas escadas de madeira. Continuo caminho pela rua que dá a mão a estas escadas a qual me direciona para um novo terreno de terra batida. No entanto este é demasiado abrupto, sendo necessário seguir pela enorme escadaria de degraus coloridos.

Passo pelo senhor que se encontra a lavar um carro amarelo e continuo caminho. Acompanhada de casas simples e jardins elegantes, acabo num aparente beco sem saída. Aparente pois à minha direita, escondido pela vegetação, existe um atalho de terra batida. Não tendo mais de sessenta centímetros de largura e encontrando-se à sombra de grandes árvores o caminho é, por um lado, ladeado por um muro de terra que é encosta e, por outro, de gradeamentos metálicos ou de rede que me separam das casas isoladas que estão assentes na encosta que desce. Passados pouco mais de cinco minutos, apercebo-me da iminente chegada ao topo desta periferia. Está-se perante uma manifestação espacial de pobreza. À minha frente, um mar de casas trepam os cerros assentando na sua topografia irregular. Torna-se claro que esta é quem ordena o espaço. Ao longe, o oceano perde-se no horizonte. A paisagem de baixo para cima, a que estou tão habituada, inverteu-se. E é, como se costuma dizer, de tirar o fôlego. Na verdade, foram precisos alguns minutos para me recompor.

A subida é feita de forma espontânea, acompanhada da música que ecoa no ar e do barulho de marteladas e serras elétricas. Talvez por ser domingo não se veja uma única alma nas ruas. Seguindo-se por passagens de terra batida ou de betão desgastado, os barracos que se metamorfoseiam em lares são nada mais que um jogo de encaixe dos mais diversos materiais assentes sobre frágeis pilares e combatendo a difícil topografia. Apesar de ser mais um aglomerado ilegal, de a autoconstrução ser a regra e não a exceção, a apropriação do espaço e o estilo de habitação difere bastante daquele que encontrei ontem. Ambos os cerros se encontram nos confins de Valparaíso, ambos são periferia e limite contudo não são iguais. Semelhantes talvez.

Este território é mais vasto, as casas têm espaço para crescer quer vertical quer horizontalmente. Como o cerro é mais íngreme, a maioria das casas está assente em pilares de betão ou de madeira. Ao longo da encosta, a fazer companhia à vegetação que cresce selvagem, encontram-se depósitos de lixo onde os camiões responsáveis pela recolha não têm acesso assim como armazéns de materiais que pertencerão a alguém ou a todos. Existe quem opte por delimitar aquilo que é seu através de uma cerca e existe quem simplesmente esteja ali no meio do cerro.

Pode-se dizer que a liberdade de uma acaba onde começa a do outro e esse é o único limite imposto, sendo que se uma família cresce a sua casa também crescerá dentro desse limite. Estas fachadas são o reflexo dos seus moradores e das suas necessidades. Vão crescendo, vão criando



110. 111. Valparaíso, Chile, Abril 2017

relações com a sua envolvente e apropriam-se de um espaço que não é seu, conferindo-lhe identidade.

Aqui, a malha é confusa e caótica. Contudo, permite explorar um pouco além. Mais uma vez, como que estando de pé, a cidade torna-se alçado em vez de planta. As ruas enveredam-se umas nas outras, é difícil perceber a sua continuidade. Seguir o movimento natural do território impede que as ruas prezem dessa característica. Também não é decorando o nome das ruas que uma pessoa se orienta nesta malha labiríntica. Aliás, apenas se decora o nome das ruas encontrando um qualquer sinal improvisado. É difícil seguir qualquer tipo de mapa, quer seja mental ou de papel. De alguma maneira, cheguei ao topo deste cerro que é limite da periferia apenas para constatar que para além dele não existe nada a não ser hectares de terreno virgem, sem construções mas à espera de ser ocupado. E a partir daqui, só fiquei com uma certeza, se quero encontrar o meu caminho de volta, basta descer. É caso para dizer todos os caminhos vão dar a Roma, sendo Roma a parte baixa da cidade.

Ao descer o cerro, enveredo por um daqueles caminhos de terra que me fazem sentir uma invasora. Ser público ou privado é simplesmente indefinível. Quer dizer, num momento estou num amplo caminho de terra batida, noutra estou a passar pelo meio dos pilares de uma casa que, por sua vez, se encontra em cima da minha cabeça, como de repente o caminho torna-se estreito e flanqueado por edificações com uma tamanha contiguidade que é de estranhar a passagem não ser pátio. Sensivelmente a meio deste labirinto, o som de alguém a martelar torna-se mais próximo do que longínquo. Distraidamente, desvio-me da passagem escavada e sigo o som cerro abaixo. A vegetação é densa pelo que se torna difícil perceber qual o melhor caminho a tomar. Entretanto, um cão irrompe do arvoredado. Como se eu estivesse a invadir, o cão da família viu em mim uma ameaça e tratou de me expulsar. Tamanho foi o susto que não consegui evitar um grito. Nisto, um senhor que se encontra à varanda manda o cão sossegar, chamando pelo seu dono. Em menos de um minuto, dois homens morenos e robustos vêm buscar o seu cão. Começando por pedir desculpa, rapidamente o assunto mudou para mais uma conversa de vira o disco e toca o mesmo. Perguntam-me o que uma rapariga como eu andava a fazer num sítio como aquele. Ao invés de dizer que andava perdida, fiz o breve discurso a que já me habituara, tanto que já se tornava repetitivo e, tendo em conta a minha experiência nesta cidade, em que as pessoas são bastante recetivas, tento satisfazer a minha curiosidade. Claro está que o relato é um discurso indireto sob a influência de uma tradução livre.

Após uma troca de olhares, percebendo a minha situação, o homem mais velho, talvez nos seus quarenta e cinco anos, apresenta-se como Juan⁵² e ao seu genro como Diego⁵³ e começa

⁵² Habitante local

⁵³ Idem



112. 113. Detalhes das fachadas, Valparaíso, Chile, Abril 2017

por me dizer que aqui todos são arquitetos e engenheiros. É raro conhecer alguém como eu. Na verdade, é uma profissão que o intriga. Desde que nasceu que lhe é incutida a ideia de que o habitante é o construtor da sua própria casa, é o responsável pelo processo de execução assim como pelas decisões fundamentais ao mesmo, inclusive a gestão dos respetivos recursos. As decisões são sempre momentâneas e tomadas de forma contínua estando assentes num conhecimento técnico muito próprio, normalmente transmitido de geração em geração. Existe um constante repensar com base nas experiências e dificuldades que vão surgindo assim com da apropriação dos espaços engendrados. Os domingos, os quais deveriam ser o dia de santo repouso, são aproveitados para reparações domésticas. Existe sempre algo para arranjar, substituir ou acrescentar. E, daqui a um ano, o mesmo problema vai reaparecer para os chatear. É sempre um problema arranjar dinheiro, palavra mais gesticulada que falada, para investir na própria casa.

Quase como que numa conversa entre os dois, por entre risos, contam que as pausas para uma sandes de ovo e uma cerveja são mais que muitas, que os mil e um projetos que engendram entre si nunca chegam ao fim. O que era planeado fica pela metade, assim como a cerca que começou por ser de ferro e acabou a ser madeira. Ou porque o pátio virou quarto. Virando-se novamente para mim, comentam que a filha de um e esposa do outro está grávida. Como a família está sempre a crescer, é dever do chefe da casa atender às suas necessidades. Com orgulho, o sogro afirma que será ele um dos responsáveis por construir uma nova casa para a filha, debaixo da sua, de modo a que esta e a sua futura neta possam crescer no mesmo pátio, um espaço de família. Como num pequeno aparte, relembra que a família é tudo. Aliás, se eu olhar em meu redor, as casas pertencem a vizinhos, os quais acabam sempre por ser família, quer seja de parentesco ou não. Aqui todos cuidam de todos. Fazendo como que um trocadilho alusivo àquela que será a minha futura profissão afirma que a árvore genológica de um cerro é mais complicada que a arquitetura do mesmo.

Aproveito para perguntar como funciona o processo, aliás como começou o processo de construção da sua casa. Juan é quem responde começando por dizer que primeiro veio o lugar, *la toma*. Conta que nos seus primeiros anos de casado vivia em casa dos sogros mas que foi convidado por um amigo seu para ocupar este terreno que se encontrava disponível. De acordo com a topografia e as casas preexistentes, o ponto de partida foi o de escavar o terreno, modulando-o. Ao fazê-lo estão a delimitar o que é seu mas relembra que teve de ter em atenção que precisava de deixar espaço para uma escadaria de acesso. Face a este facto pergunto se não existe a hipótese de roubarem esse espaço ainda sem construção ao qual responde que este escavar significa que o terreno é alguém e todos respeitam isso, para não dizer que para habitar este espaço é necessário um convite ou permissão de quem aqui vive.

Aparentemente, com exceção dos domingos, a maior parte do seu tempo é passada na



114. 115. Vista da Rua Israel, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

parte baixa da cidade, retornando a casa apenas para jantar e dormir. No entanto, a melhor parte do dia é a da chegar a casa e sentir-se em casa. O senhor mais velho continua o seu discurso contando que já ouviu falar dos arquitetos e dos belos edifícios que fazem. No entanto, aqui não precisam de muito. Precisam simplesmente de um sítio para viver e ao qual chamar lar. As casas podem não parecer muito, os materiais são resgatados ou encontrados em um qualquer lugar, mas tem o essencial e a família esforça-se por fazer daquela construção um espaço seu. Continua e explica que depois do terreno limpo e marcado, se começa simplesmente a construir consoante os recursos disponíveis. Lembra, com um sorriso, que ao longo dos anos a sua casa foi crescendo, assim como a sua família. Que no início ele e a sua esposa Isidora viviam num espaço com pouco mais que nove metros quadrados e que hoje se encontram a construir um segundo piso. A minha última questão refere-se a como obtêm eletricidade ou água. Ao qual Diego afirma que essa é, por norma, a última parte da construção e que não é algo que se obtenha individualmente, é o resultado de uma ação enquanto cerro.

Olhando agora para as garrafas vazias que têm em mãos, enquanto um lembra que têm um teto para consertar, o outro aproveita para me oferecer o típico aviso do perigo que é uma menina andar sozinha por estes caminhos. Após me aconselhar a simplesmente descer, despede-se com um sorriso.

Despedi-me e segui caminho, de regresso à malha organizada.

10 abril 2017

Este lugar conquistou-me. Este lugar tornou-se o meu predileto. É um lugar que simplesmente chama por mim. É la Plaza Victoria. É-me difícil encontrar as palavras certas para a descrever, mas é impossível não lhe dedicar um capítulo deste meu diário de bordo. Bem, esta praça localiza-se numa *manzana*⁵⁴ *del plan*, sendo delimitada pelas ruas Arturo Edwards, Chacabuco, Molina e Plaza Victoria. Esta última é uma espécie de continuação de ambas as ruas Condell e Independencia, nomeadamente a oeste e este. Vinda de qualquer uma delas, ao entrar na praça, é-se recebido nada mais, nada menos que o habitual vendedor de rua. De toalha estendida, mesa montada ou quiosque móvel, o espaço encontra-se apropriado. Mas é engraçado que, consoante as horas do dia, os vendedores vão-se adaptando. Aliás, ao longo do dia monta-se e desmonta-se, um vendedor é substituído por outro, a oferta adapta-se à procura. Se de manhã um senhor deambula pela praça, com um tabuleiro ao pescoço, vendendo café, chá ou jornais, à hora de almoço ou jantar é substituído pelo vendedor de espetadas que empurra o seu carrinho de compras que serve também de grelhador.

⁵⁴ Espaço urbano completamente delimitado por ruas

De fora para dentro, o comércio é substituído pelo lazer. O interior da praça é um espaço desenhado, sendo que a pedra que reveste a calçada exterior se prolonga para o seu interior serpenteando os espaços verdes, a bonita fonte de ferro fundido que é o elemento central da praça ou o gazebo. Além destes, quatro estátuas correspondentes às quatro estações do ano e dois leões de bronze embelezam a praça. Mas mais que este embelezamento escultórico, esta praça é sublime pela forma como as pessoas desfrutam dela. Na verdade, nesta praça, pode-se observar dois modos de utilização sendo que o primeiro, aquele que vou considerar como sendo o dinâmico, personifica o movimento. Demonstrações de *hip hop*, competições de *skate*, casais a dançar ao som de uma guitarra tocada por um desconhecido, concertos gratuitos, espetáculos de malabarismo, crianças a correr, a andar de carrinho ou de triciclo ou vendedores ambulantes são apenas algumas das atividades que já presenciei. O segundo será o estático, personificando o não movimento. E quando digo não movimento aludo a uma ocupação de um certo lugar por um período de tempo mais extenso, referindo-me a atividades como pessoas a almoçar, a ler, a conversar, a dormir, a desenhar, a descansar, simplesmente a observar ou mesmo o narrar o sermão do senhor.

Estas, normalmente, ocorrem nos longos bancos de madeira e ferro que se espalham abundantemente pelo espaço ou nos jardins mais ocupados do que livres. Aliás, ocorrem num qualquer sítio em que seja possível uma pessoa sentar-se ou deitar-se. Vendedores de todas as idades expondo os mais diversos produtos nas mais diversas barracas e quiosques improvisados fazem também parte deste segundo modo, ocupando a praça por horas a fio. Imprescindível será dizer que este lugar é parte integrante da vida da cidade tanto que a praça em si tem uma energia ímpar. E é esta mesma energia que me alicia, que torna o espaço de tal modo sedutor que todos os santos dias é ponto de paragem obrigatória. Tornou-se de tal forma rotina que me custa a ideia de que o vai deixar de ser. Esta praça, mais que qualquer outro lugar, faz-me simplesmente sentir em casa. Não tenho outra maneira de o descrever.

11 abril 2017

O dia de hoje foi reservado para visitar os projetos de vivenda social desenhados pelo *atelier* chileno *bordeUrbano*. Após apanhar dois autocarros e de meia hora de viagem, chego a Santa Júlia em Viña del Mar, Valparaíso. Esta é a primeira paragem do dia, dedicada ao projeto *Foxtrot*. Este consistiu na construção de 15 casas, de dois andares e espaço para uma possível expansão, destinadas a substituir as antigas casas autoconstruídas dos habitantes em questão, as quais se encontravam em alto nível de deterioração dado o fim de vida útil dos materiais utilizados e cuja manutenção era mínima dado o baixo nível socioeconómico das famílias. Um dos pontos fortes deste projeto é a sua localização tendo-se optado por construir nos terrenos já



116. Fotografias do interior de uma das Vivendas do Conjunto Habitacional Fochtrot, Viña del Mar, Chile



117. Fotografia do exterior de uma das Vivendas do Conjunto Habitacional Fochtrot, Viña del Mar, Chile



118. Localização das 15 vivendas do Conjunto Habitacional Fochtrot, Viña del Mar, Chile

pertencentes, mesmo que tenham sido através de uma *toma* ilegal, aos proprietários de modo a não se obrigar a uma quebra no enraizamento já criado com o lugar e com as pessoas. Assim, tendo na cabeça a imagem que se encontra no portfólio do *atelier*, o início desta tarde traduziu-se numa procura pelas vivendas.

Ao andar nestas ruas torna-se evidente que este terreno ganhou forma através de sucessivas *tomas*, é um fruto do acaso num caos organizado. As ruas são bastante semelhantes sendo, na sua maioria, compostas por uma via automóvel e dois passeios pedonais que alternam entre ser cimentados e de terra. As casas transmitem a ideia de que se trata de um espaço habitado por famílias com vários níveis socioeconómicos, atingindo dimensões generosas ou reduzidas, com uma qualidade material adequada ou duvidosa. Contudo, no seu todo, existe uma espécie de heterogeneidade que marca a imagem das ruas. A maioria das casas, cuja distância às suas vizinhas é quase inexistente, possuem uma cerca ou muro, de madeira ou metal ou ambos, roubando pouco mais que um metro e meio ao espaço público e marcando aquele pedaço de terra como seu. No entanto, este pedaço parece-me bastante importante encontrando-se quer pequenos jardins quer passagens mobiliadas com cadeiras, bancos ou outros acessórios que transmitem a ideia de recreação. As casas encontram-se de tal forma próximas que me parece que a partilha de momentos e atividades entre vizinhos é bastante forte. Ao percorrer esta malha urbana, espaços públicos como campos de futebol, escolas ou estabelecimentos comerciais de pequena escala substituem, em parte, a necessidade de um centro urbano mais próximo. Bem, ao deambular nesta região consegui encontrar 8 das 15 vivendas e posso dizer que não foi uma tarefa fácil uma vez que se encontram bastante modificadas em comparação à imagem mental que levava comigo, além de que se encaixam de formam bastante discreta na envolvente em que se encontram inseridas.

Ora, o projeto previa uma pequena ampliação da habitação deixando uma espaço em aberto na parte traseira do primeiro piso. Pelo que consegui observar nas casas encontradas, todas configuraram e construíram um novo espaço à exceção de uma, a qual aparenta estar no início de um novo processo de construção. Todavia, as ampliações não se ficaram por aqui. As casas que se localizam em lotes cujas dimensões o permitem integraram novas construções à obra edificada. Devido às dimensões reduzidas do seu lote, três das casas configuraram apenas a ampliação pretendida. Destas, a que ocupa o lote mais estreito pintou o primeiro piso de vermelho enquanto as outras duas criaram um pátio exterior e colocaram uma grade nas janelas do primeiro piso. As restantes quatro construíram ampliações agregadas à vivenda social sendo possível, no entanto, identificar o núcleo primário. Engraçado que as ampliações seguem uma mesma lógica nas quatro vivendas sendo construções de um piso e de uma água inclinada e, portanto, encontrando-se em harmonia com o projeto. Contudo, destas existe uma que se



119. Fotografia do exterior do Conjunto Habitacional Newen Ruka, Viña del Mar, Chile [fase de construção]



120. Fotografia do exterior do Conjunto Habitacional Newen Ruka, Viña del Mar, Chile [habitada]

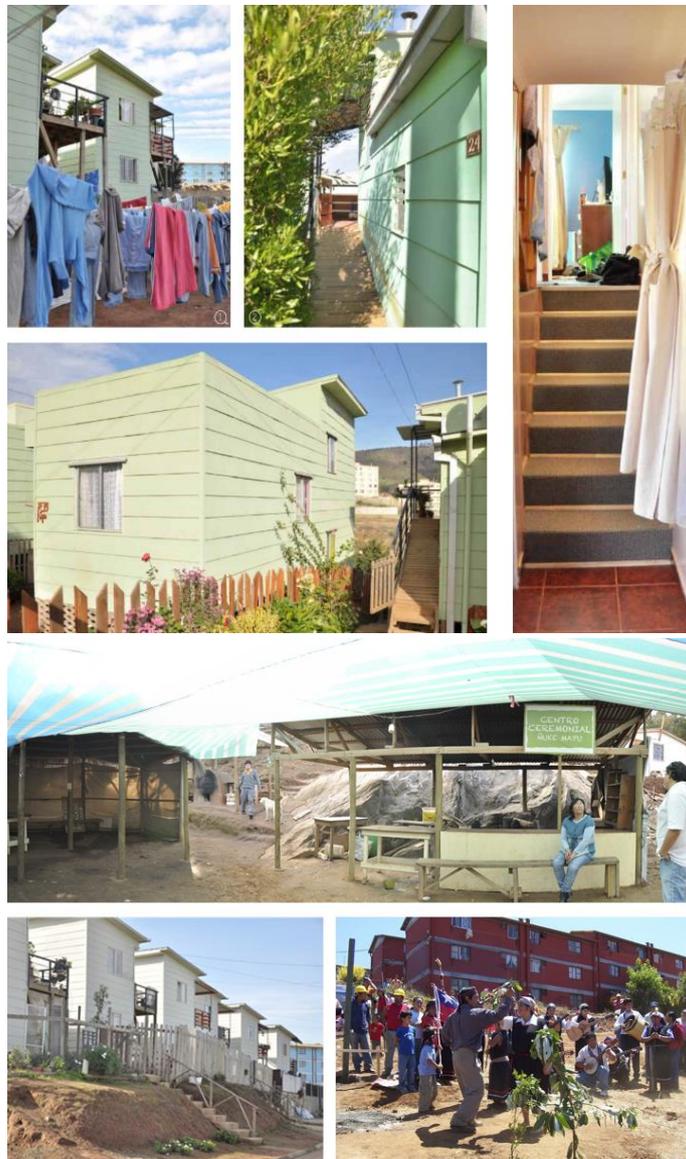
destaca por quase me ter escapado, de tão irreconhecível que está. Além das ampliações, o habitante escolheu transformar o telhado de uma água num de duas acrescentando uma espécie de entablamento de madeira. Também o revestimento exterior foi modificado de modo a combinar com os utilizados na ampliação imprevista.

Infelizmente, apesar de tentativas, não me foi possível falar com nenhum dos habitantes.

Após procurar pela última vivenda, localizada na zona sudeste mais periférica, e talvez a mais pobre, enveredo pela longa avenida Las Azucenas em direção à segunda paragem do dia uma vez que esta se encontra nas proximidades. O início do percurso é marcado por casas toscas e vários pequenos negócios de bairro, verificando-se um aumento do tráfego automóvel e humano, contudo o seu final é caracterizado por uma mudança de escala bastante brusca, trocando-se a casa unifamiliar e de dimensões reduzidas por prédios habitacionais com o dobro da sua altura. Desta perspetiva, tenho como ponto de fuga o cerro que se ergue após o vale que estou prestes a percorrer. Aliás, tenho como ponto de fuga as 24 vivendas sociais do projeto Newen Ruka, um dos conjuntos habitacionais selecionados para visitar. À medida que o fim da avenida se aproxima e o panorama se expande torna-se claro que deixei para trás um tecido informal, mas organizado, para visitar nada mais, nada menos do que bairros habitacionais. A heterogeneidade das casas de Santa Júlia é substituída pela monotonia de Reñaca Alto Norte. É como se este espaço se encontrasse dividido em conjuntos habitacionais, desde massivas construções em altura a casas construídas em série.

Ao percorrer a depressão que separa os dois cerros observa-se um grande contraste entre o espaço que me é próximo e a paisagem ainda distante. Pelo meu lado esquerdo a estrada de betão dá lugar a uma porção de terra habitada por um pequeno conjunto de casas facilmente confundidas com barracos, sendo que se encontram bastante descontextualizados com o lugar uma vez que no morro que se ergue após o vale, os conjuntos habitacionais dominam a paisagem. Ao contrário destas, pode-se dizer que as vivendas sociais Newen Ruka se encontram bastante enquadradas com a sua envolvente uma vez que, apesar de assumirem uma tipologia de habitação diferente dos conjuntos habitacionais que as rodeiam, é um conjunto que também se caracteriza pela repetição e homogeneidade.

Prossigo pelos passeios de terra sendo ladeada pela paisagem de um lado e por um bairro habitacional de prédios bege e deslavados por outro. Antes de mudar de direção enveredo por um outro bairro habitacional, desta vez composto por dezenas, senão centenas, de casas de dois andares e telhados de duas águas. Fica bastante claro que, nesta solução habitacional, a uniformidade que domina o espaço é quebrada com uma maior facilidade, verificando-se ampliações ou simples mudanças de cor que conferem um pouco de identidade a cada habitação. Continuo caminho, passando por mais do mesmo e decido enveredar pela rua que se apresenta



121. 122. Fotografias do exterior do Conjunto Habitacional Newen Ruka, Viña del Mar, Chile [habitada]

pela direita. Fico surpreendida ao entrar num novo bairro completamente informal. Casas quer toscas quer simples desenham as fachadas das ruas, encontra-se uma diversidade de materiais espalhados pelos seus exteriores ou montados como um puzzle nas paredes, a terra substitui o cimento. É, sem dúvida, um bairro informal onde reina a autoconstrução. Continuando a enveredar por estas ruas chegaria ao fim da periferia, aos terrenos que estão apenas à espera de ser ocupados, pelo que me redireciono para oeste e volto aos conjuntos habitacionais. É impossível não sentir um contraste entre estas casas localizadas a nascente, fruto de *tomas* e da autoconstrução, e as soluções habitacionais localizadas a poente que dominam o espaço que as envolve. No entanto, ao invés do que a paisagem transmite, por detrás de todos aqueles prédios, o cerro continua a ser habitado por habitações singulares, alternando entre tipologias.

Finalmente chego ao meu destino que, em concordância com os espaços envolventes, tem uma cerca. Uma vez que o portão se encontra encerrado e ninguém parece responder aos meus chamamentos, procuro ângulos que me permitam observar o espaço. A estrada que divide o terreno em dois ilude a uma ideia de espaço coletivo, algo que seria impensável dispensar tendo em conta que esta espécie de condomínio pertence a uma comunidade mapuche, uma comunidade que preza pelas suas tradições enquanto todo. Parece-me que o objetivo seria o de contextualizar culturalmente as vivendas sociais ao integrar espaços com significado de tal forma que esta criação fosse seguida da própria valorização e manutenção dos espaços. E a verdade é que as vivendas parecem estar de acordo com o seu desenho inicial verificando-se, todavia, pequenas ampliações. É notória uma apropriação dos espaços através da criação de hortas que se apoderam da quebrada ou pequenos cantos de lazer, no entanto sem afetar o esqueleto da vivenda.

Ao avistar uma senhora que espreitava pela janela começo a gesticular, pedindo-lhe um pouco do seu tempo. Nisto a senhora abandona a sua casa e começa a falar comigo através do gradeamento metálico, dando a entender que estaria desconfortável com a minha presença. Contudo, e apesar desta aparente desconfiança, após perceber o motivo da minha vinda, mostrou-se recetiva à conversa. Porém, a sua dicção revelou-se um pequeno desafio pelo que vou tentar relatar as partes que, de facto, consegui compreender.

Tudo começou com a procura de um terreno onde se pudesse integrar não só todas as famílias que viviam nos cerros, sendo que a maioria vivia em *tomas*, como um campo para se jogar *palín*, um jogo tradicional mapuche também conhecido por *juego de la chueca* que, pelos gestos que a senhora fez, me parece ser algo parecido com críquete. Apesar de ser apenas um jogo, é uma espécie de tradição usada para mediar confrontos e quaisquer outras atividades. E quando surgiu a esta oportunidade, era impensável não integrar tal espaço. Ao questionar a que oportunidade se referia, contou que tudo começou com a ajuda dos SERVIU, seguindo-se a formação de um comitê de vivenda, constituído por 24 famílias unidas em busca de um sonho, e



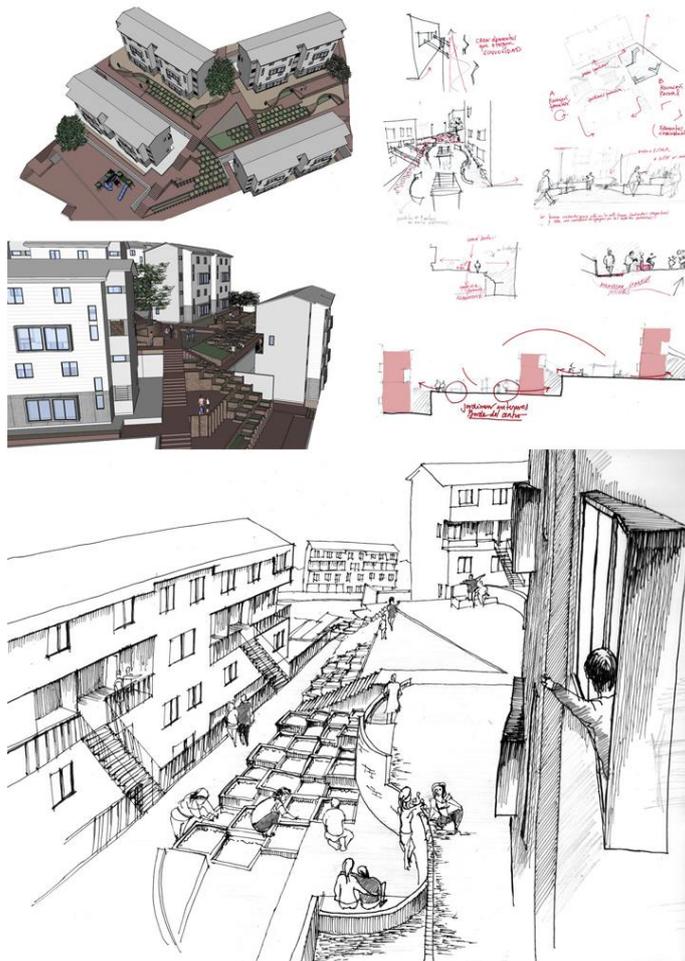
123. 124. 125. Conjunto Habitacional Cuno Kaweskar, Viña del Mar, Chile

o nascimento do conjunto habitacional Newen Ruka. Conta como puseram as “mãos na massa” e tomaram a liderança do projeto, participando no desenho das casas e na construção das mesmas, chamando-se a si mesmos *arquitectos y constructores*. Não queriam as habituais casas providenciadas pelos SERVIU. Penso que a palavra usada para as descrever foi *chiquitas*. As suas casas têm três pisos, seguem a orientação dos pontos cardinais e ainda prezam de uma claraboia que remete à ideia de *ruka*, a casa tradicional mapuche.

A conversa deu-se por encerrada e, apesar de não ser possível visitar o espaço em si, é perceptível que se tentou integrar a cultura mapuche respeitando a sua identidade. As vivendas erguem-se do solo através de pilares de madeira, respeitando tanto a topografia como a orientação este-poente, nascimento-declínio da vida, algo que respeita a cosmovisão indígena. Também o solo é apropriado, podendo-se espreitar os espaços recreativos e as zonas de cultivo. Penso que um dos pontos fortes deste projeto é o processo participativo em que, além de se incluir a comunidade no desenho das suas próprias casas, esta foi também envolvida na parte construtiva numa tentativa de se formar um maior vínculo com a vivenda edificada uma vez que seria algo que ajudaram a construir com as suas próprias mãos. E diria que resultou.

Tendo em conta que o final de tarde se aproxima, rumo à terceira e última paragem do dia. Após quase uma hora de viagem e outros dois autocarros, chego a Villa Alemana, também pertencente à região de Valparaíso. Esta é bastante semelhante à anterior com os seus massivos bairros habitacionais. Sem mais demoras, dirijo-me ao projeto de vivenda social Cuno Kaweskar. Pode-se dizer que o terreno em que se insere se encontra cerrado sendo flanqueado por centenas de casas alaranjadas a norte e a oeste e por prédios com cerca de cinco andares onde a verticalidade é marcada através das infinitas janelas inseridas em linhas verticais que se destacam pela escolha de uma cor escura, a sul. Estes três lados prezam pela repetição e uniformidade, estando em conformidade com o habitar deste território, chegando a ser um espaço que considerarei deveras aborrecido. Porém, e proporcionando um certo contraste, o terreno localizado a este é caracterizado por pequenas casas autoconstruídas. De forma geral, este projeto representa uma espécie de exceção à regra deste lugar. Como? Bem, ao estar rodeado dos habituais prédios e casas destinadas a vivenda social e, conseqüentemente, da sua uniformidade e organização geométrica sem graça, este conjunto organiza-se respeitando o lugar em si, adaptando-se à sua topografia com harmonia e gerando uma diversidade de ângulos.

Mais uma vez, o limite entre o espaço privado e público encontra-se marcado pelo uso de gradeamento, impedindo uma aproximação. E mais uma vez, o espaço encontra-se deserto. Contudo, é-me possível observar o exterior do conjunto. Este projeto é, tal como o anterior, destinado a uma comunidade mapuche. Partilham um mesmo destinatário mas não um mesmo destino. Em vez de 24 famílias, o comitê Cuno Kaweskar é constituído por 150 famílias razão pela qual, neste projeto, se optou pela construção de blocos habitacionais, constituídos por 8



126. Conjunto Habitacional Cuno Kaweskar, Viña del Mar, Chile

apartamentos de dois andares, ao invés da construção de casas singulares. A divisão destes blocos em apartamentos é dedutível uma vez que a disposição das escadas de acesso permitem dividir o espaço em dois níveis distintos que, por sua vez, são diferentes do nível de acesso. Cada bloco comunica com o solo através de quatro escadas distintas, sendo que descendo ou subindo, alcança-se um dos quatro espaços de entrada. Estes, por sua vez, são partilhados por duas famílias sendo possível enveredar para a esquerda ou para a direita. E atrevo-me a dizer que, entre os dois desníveis, existe uma grande diferença. Quem habita os apartamentos ao nível do solo usufruí de uma espécie de corredor urbano, um espaço público que será facilmente invertido em semiprivado. Este projeto luta com uma topografia complicada dispondo os vários blocos em diversas direções e escalando o terreno. Mas além de se gerarem essas passagens, os edifícios erguem-se de modo a criar uma relação de proximidade entre eles e, conseqüentemente entre a comunidade em si.

Pode-se dizer que o espaço exterior é um espaço para todos, fomentando a vida comunitária e respeitando as tradições através de elementos como um campo de jogos e um edifício elíptico que penso que representará a *ruka* mencionada previamente.

Sendo impossível a minha entrada neste espaço, dou este esgotante dia por terminado.

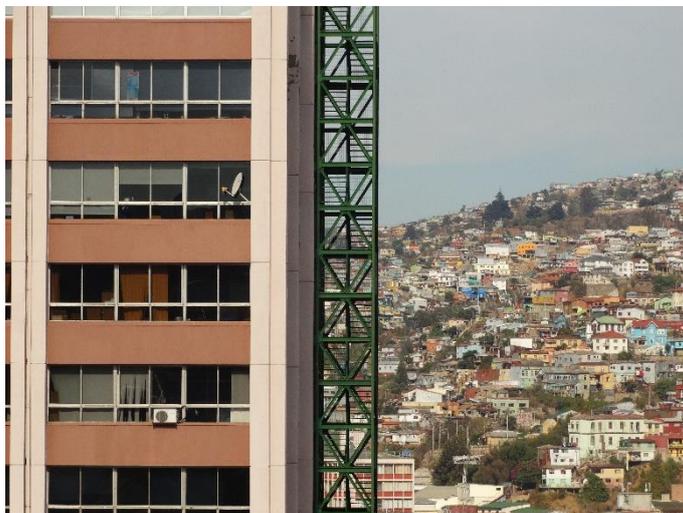
12 abril 2017

Dada a sua forma de anfiteatro natural, esta cidade brinda-nos com um cenário em que céu e oceano se fundem, em que pontos coloridos escalam cerros e se perdem no horizonte. Sendo uma cidade que se vê a si própria, existe uma mão cheia de lugares construídos com esse mesmo propósito, o de observar a cidade. O Paseo Atkinson, limite da ladeira do cerro Concepción, é um deles. E é onde decorre a ação do dia de hoje.

Pouco passava do meio-dia quando me sentei na calçada de pedra, espreitando por entre as barras da guarda metálica, de caderno aberto e lápis na mão. Este é um lugar onde o contraste existente entre os altos prédios e as modestas casas autoconstruídas que habitam os cerros é mais visível. Preparada para tentar expor esta situação ambígua, um senhor que se encontrava sentado num dos bancos a ler o seu jornal, levanta-se e apoia-se na guarda. Pouco tempo depois, pergunta-me de onde sou acenando com a cabeça para a máquina fotográfica que trago ao pescoço.

A introdução passa pelo mesmo de sempre e claro que sempre que conheço alguém tento puxar a brasa à minha sardinha, tentando introduzir, de forma subtil, a minha curiosidade em relação a algum tema. Hoje deu frutos. O senhor, apresentando-se como Hector⁵⁵, um senhor

⁵⁵ Habitante local



127. 128. 129. Vista panorâmica do Paseo Atkinson, Cerro Concepción Valparaíso, Chile. Abril, 2017

nos seus cinquenta talvez sessenta anos, partilhou um pouco do seu conhecimento comigo. Estranho seria se não começasse o seu discurso com o típico aviso em relação aos perigos oferecidos pelos aglomerados informais mas se estava interessada em perceber como funciona o planeamento desta cidade tendo por base a autoconstrução teria de começar por perceber que a planificação urbana de uma cidade tenciona uma regulação, através da legislação, da relação entre as diversas obras que se erguem por toda a cidade, os traçados que estruturam e dividem as propriedades e as conexões a nível rodoviário que permite a comunicação entre ambos. Desta maneira inviabiliza-se os processos de autoconstrução. Basicamente, a planificação urbana, tendo em conta o plano regulador atual, com o qual Hector se encontra familiarizado, não considera a autoconstrução como um dos processos de formalização da configuração atual de Valparaíso. Na verdade, a planificação passa por negar a sua existência e evitá-la. Como? Começa por perguntar antes de apontar para os cerros. Contudo não aponta para o seu todo, aponta para aqueles prédios altos que sempre me pareceram fora de contexto. Continua dizendo que a solução encontrada passa pela construção em altura no meio de um qualquer cerro em que a tradição, por assim dizer, passa por construir casas que são o seu oposto, baixas em altura. Hoje em dia é bastante evidente a deterioração provocada pelo plano urbano nessas zonas altas da cidade. O portenho que habita as quebradas está habituado a certas regalias como a ideia de céu aberto ou da fachada orientada para o mar, regalias que lhes são retiradas aquando a construção desses edifícios que se encontram descontextualizados com o lugar. Estes são sinónimo de alta densidade em zonas que o acesso são vias estreitas, cujo nível de serviços existentes se adapta à antiga baixa densidade mas não a estes novos edificados que, além de serem uma espécie de carta fora do baralho, geram uma necessidade de serviços que competem com o que ele denomina de *emporios de barrio*⁵⁶. Diz-me também que, se formos a ser sinceros, a maioria desses prédios são um desperdício de espaço, a verdade é que quase ninguém os habita.

Basicamente, a planificação urbana da cidade esquece, ou simplesmente ignora, este processo de crescimento da mesma. Aliás, a leitura inexistente desta configuração conduz a um processo que não só nega a cidade em si como a reduz a uma homologação apenas favorável para quem é responsável por a regular ou para quem investe. Mas, quer dizer, basta olhar para a cidade e percebe-se como aqueles prédios se encontram descontextualizados, que são prejudiciais à imagem que a cidade foi construindo. E não há como negar isto tanto que, ainda hoje, sempre que observo este anfiteatro, algo parece errado. Esse algo são nada mais, nada menos que esses prédios.

⁵⁶ Negócios familiares ou locais



130. 131. Muelle Barón, Valparaíso, Chile. Abril, 2017

13 abril 2017

Estando nesta cidade, é habitual as conversas surgirem. É normal um estranho falar com outro, em especial quando se trata de um qualquer senhor de certa idade que interrompe a leitura do seu jornal para trocar umas quantas palavras ou partilhar a sua história. É raro o dia que não aconteça e hoje não foi exceção. No entanto, a conversa de hoje é merecedora de relato, se bem que o relato não será *ipsis verbis*.

Após deixar o para trás o espírito caótico da cidade, uma espécie de calçada permite uma caminhada à beira-mar, acalmando o intenso viver do centro. Pequenos fragmentos de areia perscrutam ao longo do mesmo, aludindo à sua presença. Contudo, são ofuscados pelos grandes rochedos que povoam esta borda marítima. O percurso, acompanhando fielmente a linha de costa, apresenta diversificados pontos de paragem e lazer. À minha volta portenhos e turistas encontram-se sentados ou deitados nas rochas ou no meio palmo de muro que separa terra e mar, desfrutando o seu tempo. Conversa-se, fotografa-se, contempla-se. O brilho do sol é refletido pelas águas de tons azuis e cristalinos. O calor faz-se sentir na pele. O barulho e cheiro do mar dominam os sentidos. Os leões-marinhos, posicionados estrategicamente sobre uma estranha estrutura de betão no meio do oceano, além de se fazerem ouvir, são as estrelas deste lugar. Sentada sobre uma das grandes rochas, abri o livro já desgastado, dos anos setenta, intitulado de *plan nacional de desarrollo urbano, rural y de vivienda* que comprei há uns dias atrás numa loja de antiguidades. Bem, hoje decidi lê-lo e, pelos vistos, chamou a atenção. Mostrando-se deveras curioso, o senhor apresenta-se como Alejandro⁵⁷ da quebrada Las Cañas. É cada vez mais evidente que, quando se trata de pessoas de uma certa idade, o diálogo nasce e cresce de maneira muito natural. É como se tivessem uma história para contar e querem simplesmente alguém para partilhá-la. Dos vários tópicos abordados, irei tentar relatar os que considero mais interessantes.

Bastou-me mencionar o papel do Estado para o senhor entrar quase num monólogo. Começa por contar que há uns anos os habitantes da sua quebrada solicitaram a pavimentação da passagem Los Canelos. E como é que o Estado interveio? A verdade é que foi um projeto aprovado e financiado pelo município mas que foi desenvolvido pela própria comunidade. Basicamente, forneceram os materiais mas quem geriu e forneceu a mão-de-obra foram *los vecinos*. Continua dizendo que a intervenção do Estado é quase nula, que faltam projetos que, de facto, tenham um efeito direto na melhoria do bairro e na qualidade de vida da sua comunidade. Na verdade, as poucas melhorias que vingaram, pela positiva, na sua quebrada são fruto da participação, motivação, perseverança e união dos habitantes enquanto grupo. Aliás, enquanto família.

⁵⁷ Habitante local



132. Alejandro

Tratando-me por *mi hija*, pergunta-se me sei o significado de *junta de vecinos*⁵⁸. Após a minha resposta negativa, relata que estes são os principais responsáveis pelo bem-estar de todos os habitantes de uma quebrada, sendo o elo de ligação entre estes e o próprio município ou quaisquer outras entidades. Uma comunidade ajuda-se mutuamente, trabalham em prol de melhorar o seu lar enquanto coletivo, infringem as mesmas leis e normas em prol do bem-comum e cooperam nas atividades organizadas pela tal junta, notando-se uma grande coesão.

No entanto conta que, ao longo dos anos, tem assistido com grande tristeza ao denegrir da participação e coesão social da sua comunidade. Apesar de uma organização e participação ativa nas *juntas de vecinos*, os resultados não foram os esperados. É como se ninguém os escutasse e, por isso, têm perdido alguma fé no processo. Antes organizavam-se vários eventos para arrecadar fundos. Aliás, foi através de um destes que conseguiram implementar eletricidade, sem qualquer apoio do estado. Também relembra os tempos em que mais de vinte famílias se juntaram em prol de um objetivo comum, o de regularização dos lugares em que viviam. Mas hoje em dia a maioria está cansada de organizar e esperar. Já se passaram demasiados anos e os caminhos continuam sem estar pavimentados, as escadarias são inexistentes, a água continua a faltar. A melhor justificação para esta desmotivação é a falta de interesse do estado. O desinteresse, por parte do mesmo, afetou a motivação dos habitantes. Fala também que o facto de haver mais que uma *junta de vecinos* é prejudicial. Na sua quebrada existem cinco ou seis, sendo que geram uma espécie de segregação espacial uma vez que se assiste a uma divisão territorial administrativa. A quebrada deveria agir como um todo. Os habitantes querem participar enquanto grupo contudo é complicado. Com tantas juntas, ninguém sabe a qual delas socorrer. Numa ladeira, as famílias que as habitam podem pertencer a diferentes juntas e, no entanto, partilham o mesmo espaço público. Por exemplo é comum que os caminhos de terra, com a chuva, se transformem em pequenos riachos. Para resolver este problema, não o podem fazer de forma autónoma quando pertencem a juntas diferentes que teriam de se unir e visualizar as problemáticas enquanto coletivo.

Aludindo à sua idade avançada, Alejandro relata que já se passaram anos em que não existem novos processos e que o município simplesmente não quer saber. A sua quebrada estagnou. Considera revoltante que a sua quebrada seja considerada invisível mas que sítios como os declarados de património, já sejam dignos de intervenção. Quer dizer, ao estado só interessa mostrar uma pequena parte da cidade. Mas deveria interessar a outra parte, onde os problemas são reais. Contando com os dedos da mão começa a enumerar aqueles que considera apenas como alguns, e fez ênfase nesta última palavra, dos problemas que já experienciou. Do que consegui apanhar, mencionou a dificuldade de obter um título de domínio do seu sítio e a

⁵⁸ Terminologia utilizada para associação de moradores

qualidade da sua casa que precisa sempre de ser remendada. Afirma que estes sim são problemas que o município deveria resolver mas em vez disso, sente-se uma vítima num processo de exclusão. Duvida muito que viva para ver o dia em que as promessas evoluam para ações. Todavia, afirma que a sua quebrada não seria o que é hoje sem a ação da *junta de vecinos*, não teriam serviços essenciais como água, luz, saneamento. Enquanto individuais nunca teriam conseguido este feito.

Aproveitei a deixa para perguntar sobre as vivendas sociais. Quer dizer, não são estas uma medida do estado? Começando por abanar repetidamente a cabeça, considera que as caixas de fósforos não são uma solução viável. Quer dizer, é uma boa medida de intervenção, simplesmente não para ele, é para as pessoas que não têm casa que não é o seu caso. Aproveitei o momento para perguntar o que são as caixas de fósforos⁵⁹ ao qual Hector me responde que são as casas, as vivendas sociais. Segundo reza a lenda, são apartamentos tão pequeninos que se assemelham a caixas de fósforos. Segundo lhe disseram, as casas são elegantes mas não oferecem flexibilidade. Não há onde estender a roupa, não há pátios, não há intimidade mas também não há relações entre vizinhos. A sua casa, apesar de não ser luxuosa, foi crescendo. Com as suas próprias mãos foi construindo os vários espaços e pode dizer que, hoje, é uma casa bastante grande com um bonito pátio onde a sua mulher passa o dia a falar com as plantas. Porque é que haveria de trocar um sítio que espelha a sua personalidade por um espaço sem identidade?

Quanto à qualidade construtiva diz-me que, apesar de a sua casa ser resultado de materiais reciclados, que foi encontrando aqui e acolá, é preferível à suposta boa qualidade das vivendas.

No decorrer da conversa, a comparação com a sua própria casa foi inevitável. Basicamente, as casas oferecidas pelo estado são demasiado pequenas e inflexíveis, a qualidade construtiva não é a melhor e a localização é péssima. Para não falar que a mudança de lugar implica um afastamento dos seus amigos e família. Mas o pior é a ideia de que estes lugares além de periféricos são lugares considerados perigosos e, por associação, as pessoas que lá vivem são também consideradas perigosas e violentas.

Com base nesta enumeração, perguntei-lhe como pode saber estes factos todos sem nunca ter usufruído do espaço e rapidamente me apercebi que este sentimento é concebido a partir de experiências pessoais de alguém seu conhecido.

14 abril 2017

Hoje migra-se até à Población Marquez. Numa das bifurcações, atrás do comércio que preenche a rua Bustamante, a Iglesia de la Matriz espreita, pelo que enveredo pela rua que surge

⁵⁹ Referência às vivendas sociais



133. 134. Población Marquez, localizado na quebrada entre o cerro Arrayán e Santo Domingo, Valparaíso, Chile.

pela esquerda continuando caminho até alcançar a escadaria que a precede. A igreja basilical, centrada no coração do bairro, chama a atenção pela proporção harmoniosa da sua fachada clássica. Continuo pela direita, distanciando-me da agitação comercial que ecoava pelas ruas, tornando-se nada mais que sussurros. Começo a subir a quebrada Márquez. Torna-se clara a entrada numa zona residencial. No entanto, esta rua difere das restantes. Não estou rodeada de casa rudimentares nem de casas que relembram os tempos coloniais. Parece que entrei numa realidade à parte, a da habitação social. Como que serpenteando a rua, assumindo a sua topografia, encontro-me diante da Población Marquez. Com uma altura que permite apenas ver andares e céu, privando-me da paisagem a que Valparaíso me habituou, e com paredes que direcionam o corpo de quem por ali passa, sinto-me quase como que uma intrusa. Existe uma tamanha relação de proximidade entre os corpos habitacionais que quase que parece que a rua lhes pertence. Envolvendo os compridos edifícios, cada andar é definido por um longo corredor exterior cujas cores permitem um reconhecimento dos diferentes níveis habitacionais. Esta paleta de cores, estendendo-se pelas fachadas, origina a ideia de uma grande horizontalidade. A sua proximidade e a sua orientação para o centro que é a rua cria uma relação de intimidade entre público e privado. As longas varandas permitem a criação de laços entre vizinhos, sendo possível acenar e observar quem por ali passa com uma demasiada facilidade. Estendendo a roupa, uma senhora sorri-me.

Continuando a subir a ladeira, uma imagem mais familiar forma-se. Edifícios de dois e três andares, não rudimentares mas de composições simples, definem o espaço. Um pequeno descampado, de vegetação selvagem, afirma a diferença de cotas para com a rua paralela a esta. Decido subir as escadas de betão que o acompanham. No seu cimo, a nova rua abre-se para a cidade, um mar de casas devolvem-me o olhar. Ao descer a rua, o azul do mar começa a espreitar. Não deixa de ser uma zona habitacional, no entanto existe uma sensação de pertença à cidade. É um espaço de todos.

Ora, esta obra representa um marco na história da habitação social de Valparaíso dos anos quarenta/cinquenta pelo que me pareceu que o próximo passo seria o de visitar uma obra de implementação de vivendas sociais mais recente. Assim, o resto do dia de hoje foi reservado para a visita ao conjunto Elemental de Valparaíso localizado no 1º sector do cerro Playa Ancha, numa das zonas mais periféricas da cidade a noroeste. Por volta das 15h dirijo-me à Estación Puerto e decido esperar pelo autocarro 601 uma vez que uma ida a pé demoraria cerca de uma hora. Passados 35 minutos o esperado autocarro chega, levando cerca de 25 minutos a chegar ao destino pretendido. Após uma curta explicação do motorista, saio do autocarro e encontro-me no meio de nenhures. E digo isto uma vez que este lugar se encontra deserto, o som do mar a embater na encosta é o único som que se ouve. Contudo, tenho de admitir, estando numa falésia, a panorâmica oferecida pelo mar que se perde no horizonte e os limites da cidade que assumem



135. 136. 137. Conjunto Habitacional Elemental Valparaíso. 1º Sector Playa Ancha, Valparaíso, Chile.

a forma de falésia é bastante bonito, transmitindo uma sensação de sossego diferente da encontrada nos cerros que se encontram mais próximos do centro da cidade. Pela minha esquerda é possível observar um conjunto habitacional localizado na próxima falésia, assim como uma quantidade exuberante de lixo pela encosta abaixo. Sigo as indicações do motorista e sigo por um caminho cimentado ladeado de casas de um e dois andares, algumas com proporções generosas e bastante atenção ao detalhe. Apesar de utilizarem materiais como a madeira e placas de zinco, posso chamar-lhe de casas e não de barracos. Sendo uma passagem com cerca de um metro e meio, a proximidade entre as casas é notória contudo cada uma delas preza de uma vedação que marca o espaço como seu. Além da variedade de cores e de pormenores que oferecem identidade a cada uma destas casas autoconstruídas também se encontram algumas casas gémeas, isto é, conjuntos de casas de desenho bastante semelhante que me levam a crer que pertençam a um mesmo núcleo familiar. Entretanto, os caminhos cimentados vão sendo trocados por caminhos de terra e vice-versa e quando dou por mim, encontro-me em frente ao conjunto habitacional.

Posso dizer que esta visão é bastante impactante. O contraste entre o mar que parece infinito, a longínqua encosta que se encontra recheada de pequenas casas e o próprio conjunto dos nove edifícios, que se divide como que em dois bairros distintos, com diferentes acessos e em que cada bloco usufrui de uma diferente direção, transmite uma sensação de paz associada à ideia de vazio e a um terrível isolamento. O afastamento ao centro é mais que evidente.

Localizando-se numa falésia, o acesso a ambos os bairros apenas é possível através de uma pequena via automóvel que contacta com uma outra via de maiores dimensões e que se insere de melhor forma na malha urbana. A partir desta será possível abranger as redes de transporte essenciais para a mobilidade ao centro ou quaisquer outros destinos longínquos uma vez que uma caminhada é impensável. Os nove blocos encontram-se construídos ao longo da encosta, num encaixe harmonioso com a difícil topografia. Contudo não existe a sensação de privado, é como se o edificado estivesse rodeado apenas de espaço público, aliás está rodeado de espaço público. Quer dizer, é-me bastante fácil andar livremente por estes espaços uma vez que se trata de terrenos de terra batida abertos a quem queira entrar, não existe quaisquer tipos de barreiras físicas. Aliás, a única barreira são as próprias portas das habitações. De costas para o mar, as fachadas integram os acessos às diferentes vivendas através de escadarias que, por sua vez, permitem deduzir que se habitam dois níveis diferenciados e independentes do próprio solo por onde se envereda em primeiro lugar. Aliás, são estes desníveis que permitem uma separação entre os habitantes. Devido à diferença de cotas e aos desníveis da habitação em que se sobrepõem as unidades habitacionais, gerou-se uma estreita passagem em forma de corredor entre a própria fachada e o muro de contenção. Embora eu possa aceder assim como qualquer outro é um espaço facilmente apropriado por quem o habita. Quer dizer, as próprias portas



138. 139. 140. Conjunto Habitacional Elemental Valparaíso. 1º Sector Playa Ancha, Valparaíso, Chile.

abrem-se para o público sendo fácil apropria-lo como sendo privado. Continuando a explorar os blocos habitacionais apercebo-me de pormenores como a roupa estendida, ou as antenas, que se tornam parte de todas as fachadas ou as extensões feitas no terreno e em que se encontram pequenos pátios associados às habitações, delimitados por grades metálicas. É perceptível que não só as escadarias ou os corredores dão aso a uma aproximação entre vizinhos como também a própria disposição dos blocos, de frente uns para os outros. Os espaços entre as edificações são caminhos e encostas de terra batida, tendo-se construído escadas de betão e passagens de madeira que lutam contra a topografia. Apesar de ser um espaço público, uma das porções de terra foi reivindicada para servir de parque infantil podendo-se encontrar baloiços de ferro. Neste meu explorar, numa tentativa de abranger ambos os bairros, um acontecimento lamentável aconteceu. Fui assaltada. Não entrando em grande detalhe, e após um choque inicial, pareceu-me que a melhor decisão passaria por bater às portas e tentar a minha sorte tendo em conta que o lugar se encontrava deserto e que teria de apanhar o autocarro de volta.

Procurei por cartazes que anunciassem algum tipo de negócio caseiro e, felizmente, uma senhora de avental vermelho, cujo nome não me recordo, acolheu-me na sua casa onde se encontrava a fritar empanadas. Ao entrar, é-se recebido por um espaço amplo que se prolonga até à fachada oposta. Este é mobilado por uma mesa com quatro cadeiras, por um sofá, uma poltrona e uma estante com uma pequena televisão constituindo uma sala de estar e de jantar. Do meu lado esquerdo umas escadas de madeira sobrevoam o espaço da cozinha, espaço constituído por um fogão, um frigorífico e uma bancada encostada a uma parede revestida, quase na sua totalidade, com azulejos brancos mas expondo a alvenaria estrutural. Essa metade do primeiro piso é dividida em dois espaços sendo o primeiro o da cozinha, um espaço que se abre para o restante, e um segundo que se encontra escondido por duas paredes. Também a estrutura de betão armado se encontra exposta, tendo-se revestido apenas o teto da sala com painéis de madeira. Mandando-me sentar numa das cadeiras, de frente para uma parede de tijolo à vista, oferece-me um copo de água e lamenta o acontecimento contando que durante o fim-de-semana o espaço não costuma ser assim tão deserto e que, aliás, é bastante agradável. O espaço que rodeia os blocos é tão extenso que as crianças passam os dias nas ruas a brincar, existe sempre alguém a conversar nem que seja de janela a janela, as portas encontram-se quase sempre abertas, as pessoas sentam-se na rua a conversar, colocam música. Entretanto, oferece-se para me comprar o bilhete e para me acompanhar à estação de autocarros, percurso que proporcionou algum espaço de manobra para uma nova conversa uma vez que consegui acalmar os nervos. Nisto, descubro que tem duas filhas que são suas vizinhas, uma vive na habitação à direita da sua enquanto a outra vive na da esquerda. Ao questionar se isso seria um feliz acaso, a senhora de curtos cabelos pretos conta que, em troca de uma participação em todas as reuniões e em todas as atividades que os construtores e arquitetos realizavam com a comunidade, era



141. *Quema de Judas*. Plaza Waddington, Playa Ancha,, Valparaíso, Chile. Abril 2017

possível escolher a vizinhança. Tendo em conta o seu apego à família, não faltou a nenhuma. Conta que as habitações se encontravam inacabadas dando espaço de manobra aos proprietários para o completar quer fosse mudando móveis ou adaptando os espaços, embora gostasse da possibilidade de poder ter mais espaço de manobra. Contudo, nem tudo é bom. Diz que sente orgulho por poder ter participado numa parte do projeto mas a localização é um problema. As condições ambientais associadas à encosta, como ventos fortes ou tempestades, já provocaram vários danos inclusive tetos a voar, havendo famílias que perderam quase tudo. Afirma que foram momentos preocupantes. Quer dizer, havia feito pouco mais que um ano e meio que habitavam aquele novo espaço, um espaço lhes tinha custado imenso e que, para alguns, foi uma mudança radical. Viver aqui após viver em *tomas* ou *campamentos* é difícil. Felizmente, melhorias foram efetuadas.

O autocarro chega, despeço-me com uma imensa gratidão e sigo caminho, tentando esquecer este dia que quase descartei das páginas deste diário de bordo. Porém, antes de dar este capítulo por terminado, é-me impossível não estabelecer uma comparação com o conjunto habitacional Cuno Kaweskar cuja orientação dos blocos e adaptação à topografia segue uma mesma lógica, cujo acesso aos apartamentos e geração de um corredor urbano segue uma mesma lógica. Além do espaço exterior, talvez a principal diferença seja nos próprios apartamentos, sendo que neste conjunto existe a possibilidade de completar o espaço fornecido, embora a sobreposição de habitações seja um outro ponto em comum.

16 abril 2017

La Plaza Waddington não passa despercebida. Localizada numa *manzana* em Playa Ancha, a sua fachada poente é interrompida por uma escadaria que nos direciona para o seu centro. Aliás, o seu desenho urbano organiza a praça de forma radial em relação ao seu espaço central que quase assume a forma de um anfiteatro sendo que o palco é um espaço cimentado que se mantém plano enquanto a sua envolvente, que proporciona uma bancada natural, acompanha a pendente da rua, escalando uns seis metros de altitude.

À medida que nos aproximávamos era possível sentir os olhares redirecionarem-se para nós. Claro que as máquinas fotográficas ao pescoço nos denunciam como estrangeiros no entanto Rui, loiro e de olhos azuis e Margarida com o seu longo cabelo encaracolado e ruivo são, talvez, o principal motivo para a chamada de atenção. É difícil passar despercebido. Bem, hoje é domingo de Páscoa e esta praça é palco para a *Quema de Judas*, uma tradição que ocorre em vários pontos da cidade. Na envolvente da praça encontra-se a plateia, pronta para presenciar o espetáculo. Uma banda toca música, as crianças brincam pelo espaço e portenhos ocupam o espaço disponível. No centro da praça encontra-se um boneco com cerca de três metros de



142. Vista panorâmica da rua Artillería, Valparaíso, Chile. Abril 2017

altura, preso a um andaime de ferro. Este boneco representa o apóstolo traidor Judas e destina-se a ser queimado. Feito com os mais diversos materiais, a sua estrutura será em madeira, o seu preenchimento será palha e moedas e encontra-se vestido com roupa que deduzo que terá sido doada. As moedas terão sido recolhidas pelas crianças, o que justifica o grito *una moneita pa'l Judas* que inundou os cerros nos últimos dias. É um trabalho feito pela comunidade para a comunidade. Dizem que é usual o Judas escolhido ser uma personagem que represente uma qualquer injustiça social logo não posso dizer que tenha ficado admirada quando me deparei com um boneco de Donald Trump.

18 abril 2017

Enquanto caminhava para a estação de autocarros, perguntaram-me como descreveria Valparaíso numa única palavra. Mas por muito que tente, não encontro o termo certo. Faltam-me as palavras para descrever esta cidade que me abriu os braços e me acolheu. Faltam-me as palavras para descrever o efeito que esta cidade teve em mim. Faltam-me simplesmente as palavras. Esta cidade conquistou-me desde o primeiro momento. É difícil acreditar que o último momento chegou. A hora de entrar no autocarro chegou. Estou a despedir-me com uma enorme vontade de ficar. A verdade é que deixei o conforto do meu lar e cruzei o oceano em direção ao desconhecido. E, mesmo estando no outro lado do mundo, consegui sentir-me em casa.

No entanto, e roubando a ideia de outrem, posso dizer que anfiteatro é talvez a melhor palavra para quem ousa escrever sobre esta cidade. É a palavra que melhor a caracteriza. Como narradora deste diário de bordo, não consigo deixar de lado esta analogia. Ao vaguear pelo plan explora-se o palco, observam-se os atores e estabelece-se o cenário. *Los cerros* representam uma presença constante, devolvendo sempre o olhar. É a plateia que, de olhos postos no palco, observam a peça. E foi um prazer presenciar e fazer parte deste espetáculo.

À medida que as luzes vão desaparecendo no horizonte, tomo consciência desta partida. Tomo consciência de que não estou a dizer adeus, estou a dizer até um dia.

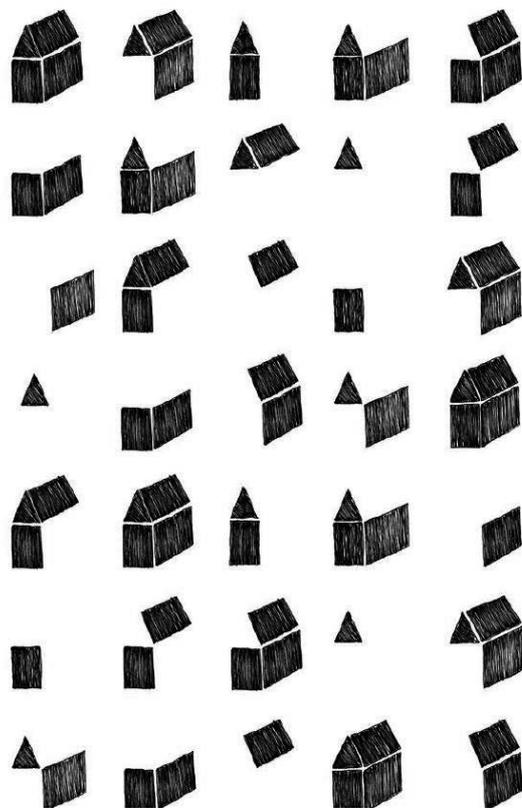
03.1 NOTAS SOBRE O HABITAR (IN)FORMAL DE VALPARAÍSO

03.1.1. HABITAR O INFORMAL

A CASA AUTOCONSTRUÍDA

A casa autoconstruída anda de mãos dadas com a precariedade. Aliás, uma é sinónimo da outra. Cada casa é como se fosse um puzzle, forçando-se as peças erradas nos espaços errados e assumindo-se, sem hesitar, uma fragmentação. Nascendo da emergência de ter um lugar para viver, a casa encontra-se num estado de efemeridade permanente sendo a consequência de sucessivas modificações, renovações e ampliações.

Neste habitar informal, a casa é vista como um sonho e, como tal, encontra-se em constante transformação e ampliação, numa incessante procura de melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes. Tendo em conta as suas escassas capacidades económicas, a casa é consequência de um acumular de materiais desde madeira, placas metálicas, plástico, contraplacado, gesso cartonado que, não interessando o seu estado, servirá para a melhorar ou consertar. É uma obra inacabada em que haverá sempre algo para reparar e que crescerá consoante as necessidades e os desejos da família que a habita. E é este estado de crescimento permanente, este resolver com recursos escassos e recorrendo às capacidades dos próprios



143. Casas em série, Glayson Arcanjo, 2013

habitantes que contraria os modelos formais de planeamento urbano regidos pela severidade e uniformidade e que tendem a ignorar esta particularidade da informalidade.

Contudo, a casa autoconstruída encerra em si não só uma relação tangível como uma intangível, ambas relacionadas com as energias investidas na sua construção e na sua consideração como património familiar, sendo a primeira relacionada com o seu lado estético e material e a segunda com o seu lado sentimental. Esta relação de valor material, social e sentimental entre habitante e casa é referida por John F. Turner. Este constata que, em processos de autoconstrução, prevalece uma tolerância face às suas imperfeições construtivas e espaciais. Por outras palavras, é mais importante o que a casa tem para oferecer do que a sua qualidade. Para o morador que virou arquiteto, é mais fácil identificar erros em construções alheias, como é o caso das vivendas sociais, do que em algo que ele próprio construiu. Claro está que a casa autoconstruída é consequência de um processo de tentativa e erro, erros que vão sendo corrigidos pelos próprios. Qualquer casa que habite os cerros de Valparaíso é nada mais, nada menos do que um resultado de um vasto leque de metamorfoses, inserindo-se numa lógica de desenvolvimento fragmentária e progressiva. Porém vale a pena todo o esforço uma vez que a casa autoconstruída é vista não como um mero espaço físico mas um espaço simbólico da socialização humana. Claro está que é uma resultante de forças físicas e exteriores, mas também é resultado de fatores socioculturais que definem a sua forma. A casa é fruto de uma apropriação que encerra em si um laço afetivo de tal forma profundo que amarra as pessoas ao lugar e proporciona uma âncora para a identidade de quem a habita. Aliás, a casa é um espelhar de quem a habita, representando a essência, os esforços e, acima de tudo, os desejos de cada família.

As memórias inerentes ao processo de autoconstrução de uma casa própria preservam-se *“como parte de la memoria constructiva y contribuye a incrementar el afecto por la vivienda y la sensación de logro por su obtención. El orgullo con la vivienda también se expresa en el deseo de preservar su imagen a fin de que perdure en el tiempo.”*⁶⁰ Esta consciência dos esforços quer pessoais quer familiares latentes na construção da casa conduzem a uma tamanha satisfação para com o seu património que invisibiliza quaisquer carências materiais ou estruturais. Aliás, a casa será sempre estimada pelo que representa. Falando com as pessoas ou deambulando pelos cerros, torna-se evidente a noção de casa como tendo um valor inestimável, um produto de incessantes apropriações e transformações que, além de dar sentido à ideia de lar, são responsáveis pela formação de uma identidade pessoal, residencial e comunitária. É caso para dizer que a casa autoconstruída é celebrada como sendo uma conquista familiar que vale todos os esforços dispensados, todo o tempo perdido e todo o investimento económico.

⁶⁰ WIESENFELD, Esther - La autoconstrucción: un estudio psicosocial del significado de la vivienda, p.302

Todavía “*en las periferias de las grandes ciudades latinoamericanas aparecen nuevas dinámicas de ocupación del territorio en forma de asentamientos que con la organización y la autogestión tratan de construir ciudad y no solo viviendas precarias.*”⁶¹ O habitar informal não é apenas sinónimo de casa autoconstruída, esta é apenas uma das partes que compõe o todo. As *tomas* de terreno encerram em si um modelo que, fugindo da lógica do formal, dão forma à malha urbana da cidade. Quer dizer, uma das características principais de uma *toma* é a apropriação do espaço pelos habitantes cujo começo é marcado pela escala da casa que, inevitavelmente, condiciona a escala urbana. É um processo não só de autoconstrução como de auto-urbanização. E o que começa por ser uma *toma* familiar termina como um bairro o qual é fruto das redes sociais do coletivo, assistindo-se a um apropriar socio-espacial responsável pela criação de um vínculo entre as pessoas e o lugar, tanto que “*metafóricamente se ‘echan raíces’ en él, producto de diversas situaciones, creando lazos que mantienen algún tipo de ‘atadura’ con el lugar.*”⁶² É uma construção social que se espelha na construção de uma teia tecida por vínculos e redes de apoio, reconhecendo-se necessidades e objetivos em comum. Esta teia parte da essência de um bairro e encontra-se escondida atrás da precaridade, tão facilmente associada a estes lugares comuns. No meio do aparente caos da informalidade, existe um sentimento de pertença para com a comunidade que a habita, uma identidade coletiva. Tanto que um bairro encerra em si fenómenos participativos como a solidariedade, a reivindicação de espaços públicos, a soberania comunitária ou as microeconomias familiares que são responsáveis por incitar e fortalecer as relações sociais entre um determinado grupo. Mas além de um laço social, existe um apego espacial ao marcar, delimitar, modelar, construir e reconstruir a sua parcela de terra. Este apego deriva do domínio de uma espacialidade do terreno, desde a escala da casa como feito arquitetónico à escala urbana enquanto bairro o qual se materializa através de domínios quer pessoais quer coletivos. E como não há duas sem três, existe ainda um vínculo cultural uma vez que pertencendo a um certo bairro e a uma certa comunidade, partilham-se normas, valores e conhecimentos. É o mesmo que dizer que habitar os cerros portenhos é um processo progressivo, desde a apropriação do espaço à construção de uma casa com a ajuda de familiares, amigos, vizinhos.

É, portanto, justo afirmar que a informalidade que habita a periferia de Valparaíso é fruto de uma apropriação socio-espacial que se materializa mediante processos de autoconstrução e auto-urbanização. Foge-se das lógicas de uma planificação modernista, foge-se da lógica de um plano regulador e reivindica-se o *dereito à cidade*. Sendo unidades urbanas segregadas, estes

⁶¹ BORJA, Jordi - La ciudad conquistada, p. 381

⁶² QUEZADA, Margarita, Migración, arraigo y apropiación del espacio en la recomposición de identidades socio territoriales, p.43

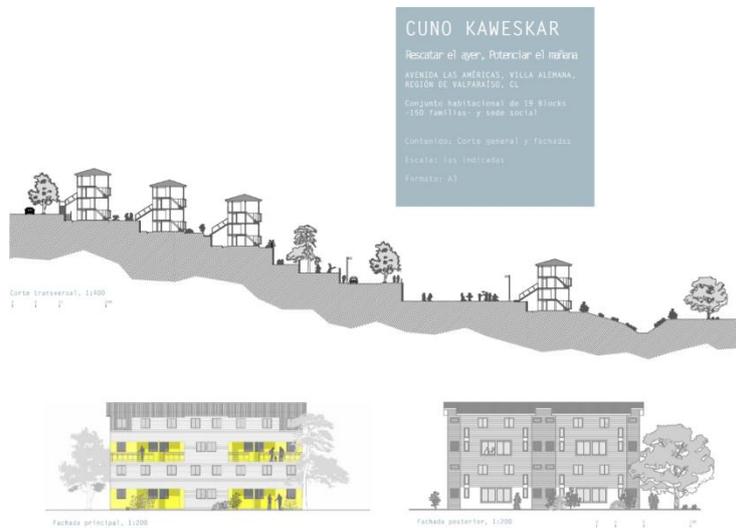
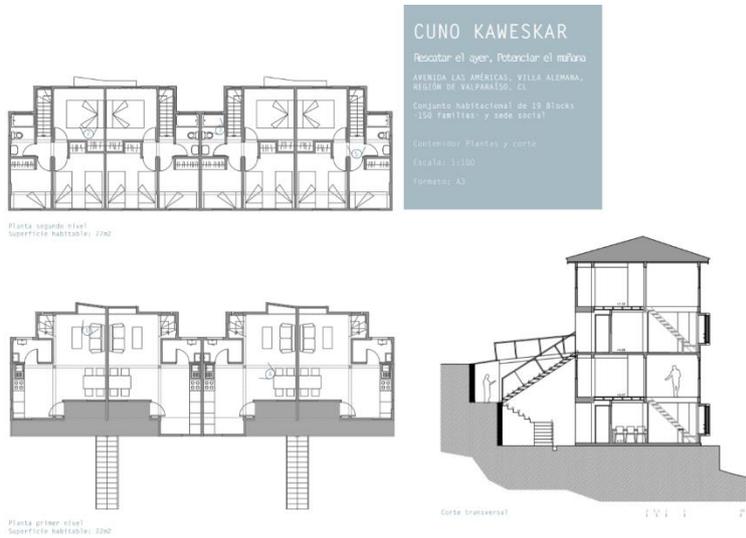
aglomerados precários surpreendem na sua capacidade de desenvolvimento, as *tomas* de um terreno não planificado e invisibilizado espelham a capacidade dos portenhos em conquistar e apropriar um pedaço de terra. O habitar informal é nada mais, nada menos que uma apropriação socio-espacial materializada através de processos de autogestão, autoconstrução e auto-urbanização.

03.1.2. HABITAR O FORMAL

CONJUNTO HABITACIONAL ELEMENTAL, VALPARAÍSO

O conjunto habitacional Elemental, localizado no 1º sector de Playa Ancha, é um dos projetos vencedores do Concurso Mundial de Arquitetura Elemental e que visava resolver a problemática da densidade vivida nos assentamentos informais. Sendo destinado para 150 famílias que viviam em *tomas*, *campamentos* ou *allegadas*, o conjunto localiza-se numa falésia, nos limites da periferia de Valparaíso, carecendo de uma integração urbana completa uma vez que não se verifica um suporte urbano, social e comercial que permita a incorporação das famílias. A sua relação com serviços básicos é reduzida. A distância ao centro da cidade é bastante significativa, sendo inviável de ser percorrida a pé. Contudo, a proximidade para com uma via automóvel permite usar a rede de transportes pública que os levará aos destinos desejados.

Quanto ao conjunto em si, estando implementado numa encosta, encontra-se bastante isolado. Sendo constituído por 9 blocos habitacionais, variando entre 12 e 16 vivendas cada, que se adaptam de forma harmoniosa à difícil topografia estando dispostos em direções distintas, este projeto carece de um espaço exterior privado na medida que não existe qualquer tipo de barreiras físicas, a não ser as próprias portas, que impeçam o acesso a este terreno. As fachadas, por sua vez, apesar de ritmadas, não dotam de elementos que revelem a individualidade de cada habitação, caindo em repetição. Aliás, esta é apenas perceptível através das escadas, também estas espelhadas, que se integram nas fachadas de costas voltadas para o mar e que permitem deduzir a singularidade das habitações. Devido aos desníveis dos volumes e à disparidade de cotas, forma-se uma espécie de corredor urbano entre estas fachadas e o muro de contenção. Quanto ao interior das habitações, encontrava-se inacabado permitindo uma pequena ampliação, embora bastante limitada uma vez que esta era prevista para o primeiro piso, no qual a casa de banho era fixa assim como a laje que ocupava mais que metade da área. Esta laje, associada às paredes laterais estruturais, servem não só de suporte e limite como fornecem um auxílio às ampliações. No rés-de-chão a única divisão fixa seria a cozinha. Quanto à qualidade material, é apenas de realçar os danos materiais que o conjunto sofreu, apenas um ano e meio depois de se tornar um espaço habitado, voltando a colocar famílias numa posição bastante vulnerável, posição que tinham tentado ultrapassar.



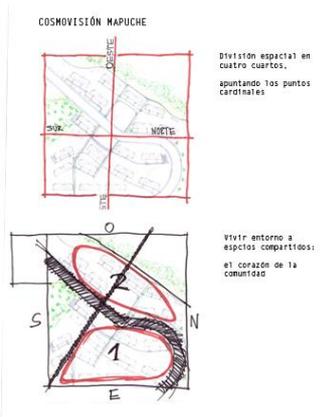
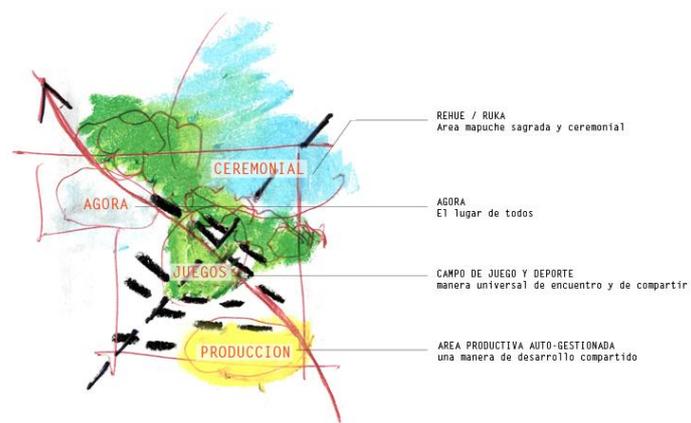
Embora o conjunto preze de repetição e uniformidade, podendo ser alvo de apropriações informais, a fachada mantém-se intocada, verificando-se apenas um pequeno apropriar do corredor urbano e a extensão das casas pelos pátios criados nas fachadas norte. A implantação dos blocos e os limites impostos pelo próprio desenho impedem um maior apropriar assim como impedem o seu crescimento. Contudo, nem todos os pontos são negativos, a integração da comunidade nos processos, o desenho participativo, o respeito pela identidade familiar e comunitária e a fomentação de uma vida coletiva são aspetos apreciados pelos moradores.

CONJUNTO DE VIVENDAS SOCIAIS CUNO KAWESKAR, VIÑA DEL MAR

A tipologia utilizada no conjunto habitacional Elemental em Valparaíso é bastante semelhante à materializada no conjunto de vivendas sociais Cuno Kaweskar localizado na Villa Alemana. Esta cidade, assim como Quilpué, é denominada de cidade dormitório abrigando centenas de bairros habitacionais que prezam pela sua massificação e uniformidade. E diz-se de dormitório uma vez que parte significativa dos seus habitantes trabalham nas grandes cidade de Valparaíso ou Viña del Mar, cidades acessíveis através de redes de transporte públicas e longas viagens. Pode-se mesmo dizer que o conjunto de vivendas sociais projetadas pelo *atelier* portenho bordeUrbano é apenas mais um bairro. Contudo, e apesar desta distância às grandes cidades, o conjunto encontra-se a um alcance de cerca de trinta minutos a pé de serviços como bancos ou equipamentos comerciais como supermercados os quais representam as tentativas da cidade de se tornar independente de Valparaíso e Viña del Mar.

À semelhança do conjunto Elemental, este também é destinado a albergar 150 famílias. Porém estas têm a particularidade de pertencerem a uma comunidade, na sua maioria, mapuche. Os 19 blocos incorporam, cada um, 8 apartamentos de dois pisos que incluem três quartos, duas casas de banho, uma cozinha e uma sala de jantar e de estar com localizações fixas. O acesso a estes volumes sobrepostos é feito através de escadas que, descendo ou subindo desde o nível do solo, conduzem a uma entrada exterior partilhada por duas habitações. Esta sobreposição que conduz a um habitar em dois desníveis, distinto do nível do solo por onde se acede, além de pretender uma maior densidade populacional, permite cumprir não só os requisitos impostos pelo MINVU⁶³ como foi possível um desenho cuja organização também se rege pelos quatro pontos cardiais como dita a cosmovisão mapuche. Além da tipologia semelhante, a disposição dos blocos em diferentes orientações e colocados de frente uns para os outros, numa grande proximidade, é similar ao do conjunto de Playa Ancha. Aliás, até a formação de uma espécie de corredor urbano entre as fachadas e os muros de contenção é um elemento similar.

⁶³ Ministerio de Vivienda y Urbanismo do Chile



147. 148. Esquemas da disposição do Conjunto Habitacional Cuno Kaweskar segundo a Cosmvisão Mapuche

Contudo, o nível participativo alcançado neste projeto é maior tendo sido respeitado e incorporado os costumes da comunidade étnica para o qual o espaço se destinava. A organização, tanto do interior das habitações como do espaço exterior, foi organizado segundo a cosmovisão mapuche. O espaço exterior privado, algo que falha no conjunto Elemental, apresenta-se como um grande aliado a uma integração cultural e social da comunidade ao integrar elementos como uma *ruka*, uma *ágora*, um campo de jogos e uma área destinada à produção. Este conjunto de espaços, aliado à proximidade dos edifícios, estimula a vida comunitária prezada pelos futuros habitantes assim como pretende alcançar um sentido de pertença e de identidade que rompa com a uniformidade e repetição arquitetónica do conjunto. Até porque se torna bastante difícil construir vivendas sociais iguais para uma comunidade que se sente diferente.

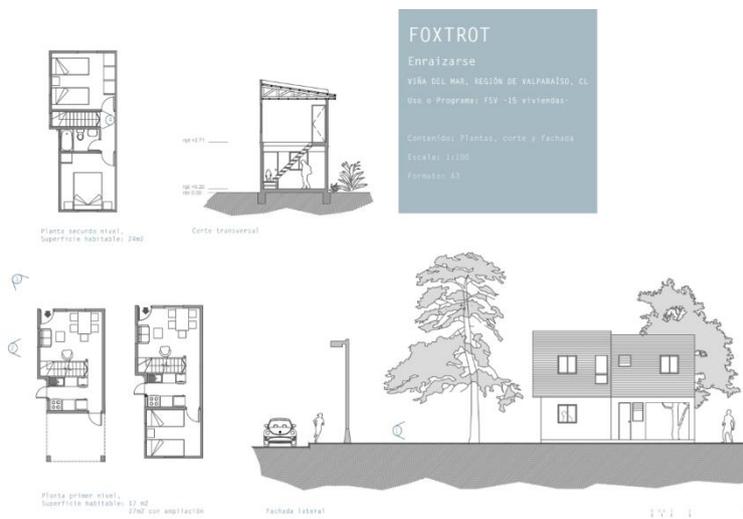
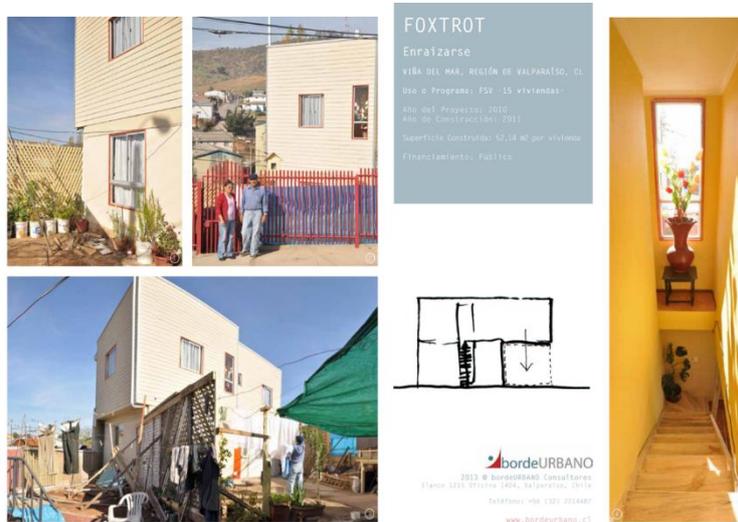
O planeamento deste bairro habitacional, apenas mais um dos que habitam a zona em que está implantado, também propõe a projeção de jardins e hortas comunitárias que possam não só ser fonte de rendimento como uma medida de o espaço comum não ser deixado ao abandono. Estes espaços de cultivo associados às passagens cimentadas que brotam da terra poderão ser responsáveis por impulsionar a criação de núcleos de bairro mais intimistas assim como um sentimento de pertença.

Pode-se dizer que o seu começo foi, por si, um pouco atribulado uma vez que, tendo em conta a demora da entrega das casas, cerca de setenta famílias ocuparam a sua nova casa a qual carecia de fornecimento de eletricidade, com medo de que esta fosse assaltada. Este começo data de 2015, e sendo um conjunto relativamente novo torna-se prematuro ditá-lo como um sucesso ou fracasso. Todavia, é um projeto bastante relevante devido ao seu processo. Apesar de uma localização periférica, de blocos repetitivos e uniformes e de uma entrega de apartamentos em vez de casas, é de valorizar os métodos e tentativas de integração comunitária por parte dos arquitetos responsáveis pela obra.

Começando pela opção de apartamentos e tendo em consideração que os futuros residentes sonhavam com uma casa, após a comunicação de que esta opção era inviável devido aos custos acarretados e que teria de se reduzir a comunidade para metade, trabalhou-se em conjunto com a comunidade de forma a ultrapassar-se este conflito. Uma aprendizagem mútua entre uma equipa de profissionais e os futuros habitantes levou a decisões projetuais como a disposição irregular dos blocos como opção que pretende quebrar com a monotonia, a integração da cosmovisão na organização dos espaços exteriores e interiores, o respeito às suas tradições como a proximidade com a terra ou espaços dedicados a certas atividades. Apesar dos contras como a sua localização ou impossibilidade de crescimento da vivenda, este empenho em conhecer o modo de habitar da comunidade pode ser a chave para o sucesso deste conjunto.



149. Axonometrias do Conjunto Habitacional Foxtrot, Viña del Mar, Chile



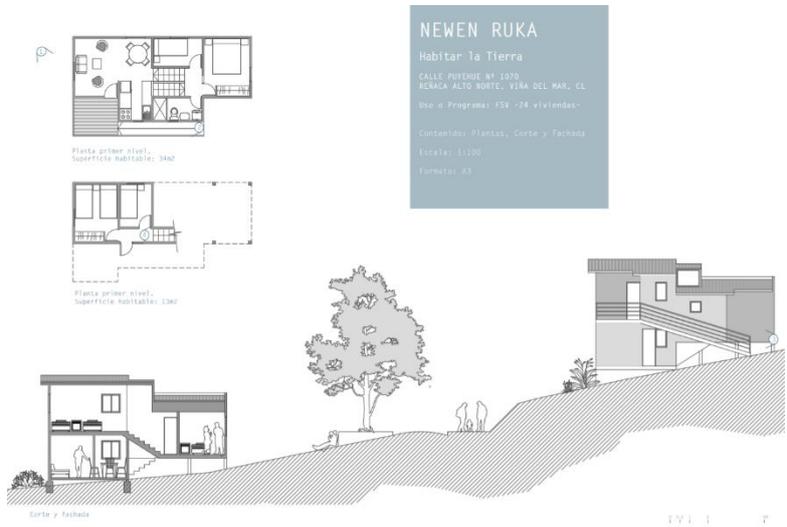
150. 151. 152. Ficha técnica do Conjunto Habitacional Foxtrot, Viña del Mar, Chile

Comparando este projeto com o conjunto Elemental em Valparaíso, em que se optou pelo desenho de apartamentos, muitas vezes denominados de caixas de fósforos, é impossível negar as suas semelhanças projetuais. Começando pela disposição harmoniosa mas aparentemente aleatória dos blocos ao longo do terreno, a posição frente-a-frente dos mesmos, o corredor urbano, o acesso a dois níveis de habitação através de escadas ligadas ao solo, a sobreposição de duas vivendas de dois andares ao próprio desenho interior dos apartamentos. Quase que se poderia dizer que apenas se mudou o nome e a localização. Todavia, o primeiro conjunto apresentado preza de uma possibilidade de ampliação, embora limitada, que é uma mais-valia projetual. Por outro lado, o segundo conjunto nasce de cooperação bastante forte entre profissionais e comunidade, interpretando-se um modo de habitar e incorporando-o de maneira aprofundada, desenvolvendo-se um grande sentimento identitário para com o lugar.

FOXTROT, VIÑA DEL MAR

O projeto de vivendas sociais Foxtrot localiza-se na periferia de Viña del Mar, em Santa Júlia. Este território é uma consequência de *tomas* realizadas nos finais dos anos sessenta e setenta o que se traduz numa malha urbana irregular. O projeto destinava-se a substituir casas de origem autoconstruída cujas condições se foram degradando ao longo dos anos sendo, essencialmente, casas de madeira e de manutenção bastante reduzida e cuja precariedade espelhava a baixa capacidade económica das suas famílias.

Começando pelo ponto forte deste projeto, a localização das quinze casas é o terreno das antigas casas, lotes com cerca de 9x18 metros. Desta maneira evita-se um começar de novo, ou seja, mantém-se o lugar no qual cada família foi crescendo e criando memórias, mantém-se o sentido de pertencer a um bairro ou comunidade. Dito isto, e apesar de se localizarem em porções de terreno diferentes, é de realçar que as quinze casas são homogêneas. O desenho das vivendas sociais é igual para as quinze famílias sendo que se optou por uma construção de dois pisos de forma a rentabilizar a iluminação e a manter uma distância mínima para com as casas vizinhas. Das quatro fachadas, três são iluminadas enquanto uma é cega. No rés-de-chão, a porta de entrada abre-se diretamente para a sala de estar seguindo-se umas escadas de madeira que são elemento divisório entre esta e a cozinha. Subindo-se para o andar superior, um corredor distribui três novas divisões, uma casa de banho e dois quartos. Contudo, existe a possibilidade de se ampliar a casa uma vez que o *atelier* portenho optou por projetar um espaço em branco no andar inferior, dando aso a que os seus habitantes possam configurar e terminar um novo espaço, com custos reduzidos uma vez que a estrutura era oferecida. Apesar desta preocupação com um possível aumento familiar ou simplesmente novas necessidades, o que se verificou nas casas encontradas foram sucessivas ampliações e construções adjacentes. Além deste percalço imprevisto, a maioria dos residentes engendrou maneiras de conferir identidade à sua casa desde



153. 154. Ficha técnica do Conjunto Habitacional Newen Ruka, Viña del Mar, Chile

uma simples pintura à transformação total das fachadas. Penso que o grande ponto forte deste projeto é a sua implementação em lugares que os residentes já consideravam como seus, impedindo uma mudança radical e desconfortável assim como o afastamento do núcleo de vizinhos e familiares. Todavia, e apesar de uma preocupação com o crescimento da família e, conseqüentemente da casa, o projeto apresenta falhas em algumas vertentes uma vez que as casas foram totalmente apropriadas, numa clara busca de identidade e de procura do sentido de próprio, e sofreram ampliações além da planeada o que se traduz numa leitura incompleta das necessidades das famílias.

CONJUNTO HABITACIONAL NEWEN RUKA, VIÑA DEL MAR

Quanto ao conjunto habitacional Newen Ruka, este localiza-se em Reñaca Alto Norte, na periferia de Viña del Mar. Contrariamente ao projeto anterior, as 24 vivendas sociais localizam-se no mesmo terreno pertencente não a uma única família mas sim a um comité constituído por 24 famílias de, na sua maioria, origem mapuche. Localizado no meio de bairros habitacionais e a uma curta distância de *campamentos* de natureza informal, o conjunto é parte dominante da paisagem de que é integrante ao contrastar com massivos conjuntos habitacionais compostos por blocos de quatro ou mais andares. O que começou com uma procura de um território cujas dimensões permitissem a construção de uma *cancha de palín*, um jogo tradicional de origem nativa, é hoje a casa de várias famílias que vivem nos cerros, em *tomas* ou *allegados*. Este projeto preza por ser participativo tendo sido realizado, em conjunto, pela equipa de profissionais e pela própria comunidade sendo de destacar as mulheres e crianças pelo seu alto nível de empenho e motivação. Esta participação passou por vários níveis, desde as mais simples conversas à própria construção das casas sendo que, aos fim-de-semanas, os futuros habitantes colaboravam em tarefas com o escavamento ou quaisquer outras. Esta integração permite que a comunidade crie laços com o seu futuro lar, identificando-se com algo que eles próprios ajudaram a construir. Sendo uma comunidade, no seu âmago, de origem mapuche, projetou-se um espaço que seguisse uma organização ancestral pelo que a íngreme encosta é recuperada de modo a ser aproveitada para o cultivo de hortas e a que seja possível a realização de jogos tradicionais. Quanto à habitação em si, é implantada de modo a que os movimentos do solo sejam mínimos, erguendo-se através de pilares e vigas de madeira. Além de que respeita o sentido este-oeste, honrando não só as crenças da sua comunidade como permitindo que a casa possa crescer, ou seja, deixando espaço entre o solo e a construção que permitam ampliações a custos reduzidos.

Quanto ao seu interior, habitam-se três níveis distintos. Através de umas escadas exteriores que percorrem uma das fachadas laterais acede-se a um espaço de entrada exterior. A porta abre-se para uma sala de estar anexada a uma zona de refeições que, por sua vez, se encontra em frente a uma estreita cozinha. Descendo umas escadas acede-se a um novo nível

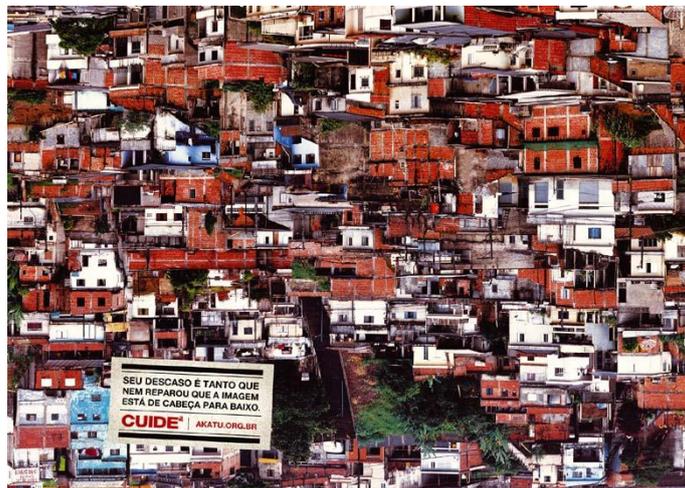
com dois quartos. Continuando a descer, encontra-se um novo nível que apresenta outros dois quartos. A inclusão de uma pequena claraboia, remetendo à tradicional ruka, é um pormenor que mostra que os desejos foram ouvidos e atendidos. Quanto ao espaço exterior, dividido por um estrada central, além de se preservar a fauna e de a preparar para uma possível reflorestação, projetou-se um centro mapuche e a desejada *cancha de palín*.

Apesar de uma localização periférica e afastada do centro da cidade e, consequentemente, de oportunidades de emprego este projeto integrou a comunidade de tal maneira no processo que o sentido de pertença se foi desenvolvendo, os próprios residentes vêm-se como arquitetos e construtores de um lugar que consideram como seu, como fruto do seu trabalho. Isto leva a uma valorização e manutenção do espaço e a que este projeto se possa considerar como um sucesso. A verdade é que o nível de participação deste projeto, assim como no conjunto Cuno Kaweskar, permitiu uma leitura de um modo de habitar bastante próprio algo associado às raízes étnicas da comunidade. No entanto, os habitantes informais chilenos, sem origens étnicas, representam também um modo de habitar próprio e que tem vindo a ser descurado. Aliás, a leitura do habitar informal da periferia de Valparaíso tem vindo a ser ignorada, o que poderá conduzir ao fracasso. Contudo, a escolha destes projetos deve-se ao facto de estes optarem não só por um produto mas também por um processo. Escolhas que são uma lufada de ar fresco nas políticas de vivendas sociais demonstrando não só uma preocupação com a comunidade como a ideia de que ainda se está longe de atingir um método que leve ao sucesso, sendo um processo de tentativa e erro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A viagem até à belíssima cidade de Valparaíso foi uma ferramenta crucial para o desenvolvimento deste trabalho. As leituras teóricas precisavam de ganhar vida, de sair do papel e serem experimentadas na primeira pessoa. As interpretações fornecidas pela teoria baseiam-se nas vivências de outrem sendo facilmente assimiladas por quem as lê e assumidas como suas. Esta não é uma premissa deste trabalho, não me interessa interpretar o que os olhos de outra pessoa viram, o que o seu corpo sentiu e a sua mente interpretou. A base teórica é um guia e cabe a cada um de nós encontrar o nosso caminho e, para que tal aconteça, era fulcral a viagem. Apenas com este experienciar na primeira pessoa poderia formular a minha própria interpretação, visão e leitura. E, como deveria ser, a narrativa que acompanha a viagem foi fruto de constantes aprendizagens e vivências que contrariam a noção de assentamento informal, comumente designado de *slum*, como algo homogéneo em todas as partes do mundo.

Deambulando pelos cerros da cidade chilena, conversando com as pessoas que os habitam enquanto ser individual e coletivo, torna-se claro que não existem espaços iguais, necessidades iguais, comunidades iguais. É errado abranger tamanha heterogeneidade numa única definição. É errado homogeneizar algo que não o é. Apesar de algumas semelhanças, cada cerro tem uma identidade própria, rege-se pelas suas próprias regras e assume-se como membro



155. Fotografia de uma favela virada de “pernas para o ar”.

integrante de uma comunidade. Se tirarmos os olhos dos livros e conversarmos com pessoas reais e não fictícias, retiramos algo raro. Estes espaços de informalidade têm uma história para contar, ensinamentos para partilhar e basta estarmos dispostos a ouvir para aprender.

O modo de desenvolvimento dominante das cidades é o urbanismo informal. Este é um desafio para uma nova geração de arquitetos. Naquele que é denominado de *planeta de favelas*, a arquitetura deixa de ser a simples arte de construir, uma definição vulgar de dicionário, revelando-se um elemento que aliado a outros é capaz de marcar o mundo em que vivemos.

Num mundo regido pela informalidade urbana e pelos seus desafios, pede-se arquitetos com uma mente aberta e com vontade de superar desafios e, acima de tudo, pede-se humanidade. É com os fracassos e com as vitórias que se aprende, basta querer. *“Projetar e construir em situações adversas, em áreas empobrecidas e tomadas por um «planeta de favelas», exige a capacidade simultânea da indignação e da ousadia. Algum dia chegaremos lá.”*⁶⁴

Neste sentido, o modelo de habitação evolutivo desenvolvido pelo *atelier Elemental* poderá ser a resposta para solucionar tamanha carência habitacional sendo, sem dúvida, um marco de relevo no modo de encarar o problema da habitação daqui em diante. Ao contrário do típico modelo arquitetónico ocidental, no qual se entende o espaço como uma forma fechada e que despe o Homem da sua complexidade individual, a conceção de um modelo evolutivo permite construir uma habitação como uma forma aberta e com espaço para crescer. E quanto mais liberdade se dá ao habitante, mais se produz um sentido de lugar no espaço e, construir o lugar é sinónimo de criar a identidade das casas e das *“ruas onde passamos pelos outros, mas passamos principalmente por nós.”*⁶⁵

Esta forma de pensar a arquitetura permite que a dicotomia em que o arquiteto é o responsável pelo processo de desenhar e construir e o indivíduo é o responsável pelo processo de habitar, desaparece. Origina-se um processo em que o indivíduo é, também, responsável por construir a sua habitação, bairro e cidade. Tal como afirmou Martin Heidegger: *“Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos aqueles que habitam.”*⁶⁶

⁶⁴ ARANTES, Pedro Fiori, Opúsculo II [Pequenas Construções Literárias sobre a Arquitetura]: O lugar da arquitetura num «Planeta de Favelas», p.14

⁶⁵ VIEIRA, Álvaro Siza - Imaginar a Evidência, p.9

⁶⁶ HEIDEGGER, Martin - “Construir, Habitar, Pensar,” p.128

BIBLIOGRAFIA

AA. VV., *Housing for the Millions – John Habraken and the SAR (1960-2000)*, NAI Publishers, Rotterdam, 2000

ARANTES, Pedro Fiori - Opúsculo II [Pequenas Construções Literárias sobre a Arquitetura]: O lugar da arquitetura num «Planeta de Favelas». Porto: Dafne Editora, 2008. ISSN 1646-5253

ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – *Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo*. Hatje Cantz: Germany, 2012

BANDEIRINHA, José António Oliveira - *O processo SAAL e a arquitetura no 25 de Abril de 1974, Volume I [Tese de Doutoramento]*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2001

BRAND, Steward - *Whole Earth Discipline, an Eco-pragmatist Manifesto*. New York : Viking Adult., 2009. ISBN 0670021210

BORJA i SEBASTIÁ, Jordi - *La ciudad conquistada*. Madrid, España, Alianza Editorial. 2003. ISBN 84-206-4177-4.

COELHO, Patrícia – O tempo de Habitar: Três experiências evolutivas, [Dissertação de Mestrado]. Coimbra, 2016

FATHY, Hassan, Architecture for the Poor: An Experiment in Rural Egypt. Chicago: The University of Chicago Press, 1973. ISBN 0-226-23916-0

HABRAKEN, N. John – Supports an alternative to mass housing. Londres, The Urban International Press, 2011

HEIDEGGER, Martin. “Construir, Habitar, Pensar.” in Ensaios e Conferências, translated by Marcia Sá Cavalcante Schuback, 8th ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

LÜTHI, Sonja; SCHWARZ, Marc - “De Drager, A Film Project about N. John Habraken [Documentário Registo Vídeo] Disponível em <http://www.habrakenmovie.org/index.php>

MONTEIRO, Inês Amaral - Auto-construção assistida: Práticas de Projeto entre a Experiência do Habitante e o Contributo do Arquiteto. [Dissertação de Mestrado], Porto: [S.l.]. 2013.

TURNER, John; FICHTER, Robert - Freedom to Build, Dweller Control of the Housing Process, Edited by Collier Macmillan, New York, 1972.

TURNER, John F. C. - Housing by people: Towards Autonomy in Building Environments, London: Marion Boyars Publishers Ltd, 2009. ISBN 978-0-7145-2569-3

QUEZADA, Margarita - Migración, arraigo y apropiación del espacio en la recomposición de identidades socio territoriales. Revista Cultura e Representaciones sociales. Vol.2, nº3, pp.35-67 Disponível em: <http://www.journals.unam.mx/index.php/crs/article/view/16252/15428>

RAPOPORT, Amos, House Form and Culture, Englewood Cliffs, Prentice-Hall, New Jersey, 1969

RISSELADA, Max, VAN DEN HEUVEL, Dirk - Team 10: in search of a utopia of the present: 1953-81, NAI Publishers, Rotterdam, 2005

RODWIN, Lloyd – Charles Abrams: papers and files Nova Iorque, Cornell University, 1975. Disponível em http://rmc.library.cornell.edu/EAD/pdf_guides/RMM03086_pub.pdf>

RUDOLFSKY, Bernard, *Architecture Without Architects: a Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*. New York: Doubleday & Company, Inc., 1964. ISBN 0-385-07487-5

VIEIRA, Álvaro Siza - *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70, 2009

UN-HABITAT (2014), WHD – *Voices from slums: Background Paper: Nairobi*. Disponível em <https://unhabitat.org/wp-content/uploads/2014/07/World-Habitat-Day-2014-Backgrounder.pdf>

UN-HABITAT (2016). *The fate of housing – World Cities Report 2016*. Disponível em: <http://wcr.unhabitat.org/wp-content/uploads/2017/03/Chapter3-WCR-2016.pdf>

WIESENFELD, Esther - *La autoconstrucción un estudio psicosocial del significado de la vivienda*. Caracas: Comisión de Estudios de Postgrado, Facultad de Humanidades y Educación-Universidad Central de Venezuela, 2001. ISBN 9-800-01844-1

ÍNDICE DE IMAGENS

1. Assentamento humano informal na cidade Ho Chi Minh, Vietname do Sul
<https://www.thinglink.com/scene/560960764093923330>
2. Assentamento humano informal na cidade de Manila, Filipinas
<https://www.aseantoday.com/2019/03/how-well-are-the-governments-anti-poverty-schemes-working-in-the-philippines/>
3. Assentamento humano informal Dharavi na cidade Mumbai, Índia
<https://jonasbendiksen.com/National-Geographic/Dharavi/27>
4. Cidade Subterrânea localizada perto de Tungkwang, China *imagem retirada de* RUDOFISKY, Bernard, *Architecture Without Architects: a Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*. (sem paginação)
5. Tribo vietnamita em dias de mudança. Ao invés de construírem um novo telhado, transportam o antigo *imagem retirada de* RUDOFISKY, Bernard, *Architecture Without Architects: a Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*. (sem paginação)
6. Desenhos ilustrativos da discordância entre o arquiteto e o habitante, Christopher Alexander *imagem retirada de* ALEXANDER, Christopher, *Urbanismo y Participación: El caso de la Universidad de Oregon*, p. 34

7. Estudo de suportes e tipologias variadas de John N. Habraken *imagem retirada de* AA. VV., Housing for the Millions – John Habraken and the SAR (1960-2000), p. 112
8. Estudo de suportes e tipologias variadas de John N. Habraken *imagem retirada de* MONTANER, Josep Maria, Depois do Movimento Moderno: Arquitectura da segunda metade do século XX, p. 131
9. John Habraken explica a sua noção de “suporte” comparando a relação support/infill/ com uma autoestrada e os automóveis *imagem retirada de* PEREIRA SILVA, Juliano – A construção da Individualidade, [Dissertação de Mestrado]. Coimbra, 2016, p. 36
10. Ícones usados por John Habraken. Da esquerda para a direita: o indivíduo; as massas; as habitações; a comunidade; a técnica; o mass-housing; a casa; o arquiteto; autoconstrução *imagem retirada de* PEREIRA SILVA, Juliano – A construção da Individualidade, [Dissertação de Mestrado]. Coimbra, 2016, p. 36
11. Diagrama conceptual sobre Who provides and who decides? *imagem retirada de* TURNER, John F. C. - Housing by people: Towards Autonomy in Building Environments, p. 145
12. O diagrama a) demonstra o papel atribuído às autoridades num sistema centralizado e o b) em projetos de autoconstrução *imagem retirada de* TURNER, John F. C. - Housing by people: Towards Autonomy in Building Environments, p. 16713. Fotos de John Turner que demonstram quatro fases da evolução de uma barriada em San Martín, Lima, Peru *imagem retirada de* TURNER, John F. C. – Dwelling resources in South America, p. 377
14. Esquema de Carlos Nelson dos Santos que sintetiza relações entre conceitos realizados pelas autoridades (esq.) e pelas pessoas (dir.) *imagem retirada de* SANTOS, Carlos Nelson F.dos - A Cidade como um jogo de Cartas, p.45
15. Segundo Carlos Nelson dos Santos todos os habitantes formulam uma “imagem coletiva”. *imagem retirada de* SANTOS, Carlos Nelson F.dos - A Cidade como um jogo de Cartas, p.54
16. 17. Fotografia captadas por Hassan Fathy que ilustram o processo inerente à construção de abóbodas em tijolo de terra *imagem retirada de* FATHY, Hassan, Architecture for the Poor: An Experiment in Rural Egypt, p.245
18. 19. Fotografias captadas por Hassan Fathy que ilustram o processo inerente à construção de abóbodas em tijolo de terra *imagem retirada de* FATHY, Hassan, Architecture for the Poor: An Experiment in Rural Egypt, p.248
20. Esquema half-house do projeto Villa Verde desenvolvido pelo atelier Elemental <http://www.feriadelavivienda.cl/novedad/el-premio-pritzker-y-la-continuidad-de-la-politica-habitacional-subsidiaria>
21. Esquemas sobre as tipologias de habitação social existentes *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 94, 96, 98

22. Esquemas sobre o conceito de Parallel Building desenvolvido pelo *atelier Elemental imagem retirada de* SINCLAIR, Cameron; STOHR, Kate, Design Like You Give a Damn
23. Esquemas sobre o conceito de habitação evolutiva associado ao Parallel Building da Quinta Monroy *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 100
24. Plantas do projeto Elemental - Quinta Monroy (Planta Piso 1 - Casa | Planta Piso 2 - Piso 1 do Apartamento Duplex | Planta Piso 3 - Piso 2 do Apartamento Duplex) *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 113
25. Cortes e Alçados do projeto Elemental - Quinta Monroy *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 114-115
26. Fotografias do interior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Dezembro 2004] *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 154
27. Fotografias do interior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Dezembro 2004] *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 148
28. Fotografias do exterior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Dezembro 2004] *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 164
29. Fotografias do exterior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Dezembro 2004] *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 158
30. 31. 32.33. Fotografias do interior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Junho 2006] *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 147
31. Fotografias do interior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Junho 2006] *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 149
32. Fotografias do interior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Junho 2006] *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 145
33. Fotografias do interior do projeto Elemental - Quinta Monroy [Junho 2006] *imagem retirada de* ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés – Elemental. Manual de Vivienda incremental y diseño participativo, p. 151

34. Conjunto Habitacional Elemental – Quinta Monroy, Iquique, Chile
<https://twitter.com/hansbrinker/status/688693254573965312>
35. Conjunto Habitacional Elemental – Quinta Monroy, Iquique, Chile <https://www.transfer-arch.com/stardom-demagogy/>
36. Conjunto Habitacional Elemental – Quinta Monroy, Iquique, Chile
<https://twitter.com/hansbrinker/status/688693254573965312>
37. Conjunto Habitacional Elemental – Quinta Monroy, Iquique, Chile
<https://arquitechne.com/quinta-monroy-12-anos-depois-uma-analise-da-habitacao-social-de-alejandra-aravena/>
38. Equação que sintetiza o desafio proposto pelo programa *Chile Bairro*
https://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/smallscalebigchange/projects/quinta_monroy_housing.html
39. 40. 41. Conjunto Habitacional Elemental, Antofagasta, Chile
<https://divisare.herokuapp.com/projects/280763-elemental-alejandra-aravena-antofagasta>
42. 43. 44. Conjunto Habitacional Elemental, Renca, Chile
<https://hiveminer.com/Tags/distopialab%2Celemental>
45. Conjunto Habitacional Elemental, Renca, Chile https://www.taringa.net/+noticias/entrevista-a-alejandra-aravena-ganador-del-premio-pritzker_hpqvc
46. Conjunto Habitacional Elemental, Renca, Chile <https://inarchpiemonte.it/formazione-e-competenza-per-un-efficace-governo-del-territorio/>
47. Conjunto Habitacional Elemental, Renca, Chile
<https://latinamericanarchitecture.unm.edu/portfolio/renca/>
48. Ascensor Artillería, Valparaíso, Chile. Março 2017 fotografia da autora
49. 50. Vista panorâmica do Paseo 21 de Mayo, Valparaíso, Chile. Março 2017 fotografia da autora
51. 52. 53. Confronto entre arquitetura formal e informal. Rua Carampangue, Valparaíso, Chile. Março 2017 fotografia da autora
54. 55. Comércio de rua. Rua Independencia, Valparaíso, Chile. Março 2017 fotografia da autora
56. 57. Mercado Cardonal, Valparaíso, Chile. Março, 2017 fotografia da autora
58. 59. Avenida Argentina, Valparaíso, Chile. Março, 2017 fotografia da autora
60. Vista panorâmica da cidade, Valparaíso, Chile. Março 2017 fotografia da autora
61. Muelle Pratt, Valparaíso, Chile. Março 2017 fotografia da autora
62. Diario El Mercurio, Valparaíso, Chile. Março, 2017 (esq.) fotografia da autora
63. Armada de Chile, Valparaíso, Chile. Março, 2017 (dir.) fotografia da autora
64. 65. Exterior Ludoteca Minga Merced. Cerro Merced, Valparaíso, Chile. 2017
https://www.facebook.com/pg/LudotecaMerced/photos/?ref=page_internal

66. Oficina de Construção de Barro Gernot Minke. Olmue, Chile. 2014
<http://www.mingavalpo.cl/proyectos/taller-barro-gernot-minke/>

67. 68. Taller Manitos al Barro. Ludoteca Minga Merced. Cerro Merced, Valparaíso, Chile. https://www.facebook.com/pg/LudotecaMerced/photos/?ref=page_internal
69. Entrada Ludoteca Minga Merced (em construção). Cerro Merced, Valparaíso, Chile. https://www.facebook.com/pg/LudotecaMerced/photos/?ref=page_internal
70. Entrada Ludoteca Minga Merced. Cerro Merced, Valparaíso, Chile. https://www.facebook.com/pg/LudotecaMerced/photos/?ref=page_internal
71. 72. Paseo Dimalow, Plazeta Lukas, Cerro Alegre, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
73. 74. Interior do Hotel Fauna, Cerro Alegre, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
75. 76. Hotel Fauna visto da Rua Beethoven, Cerro Alegre, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
77. 78. 79. Vista da Rua San Agustín, Cerro Cordillera, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
80. 81. Vista da Rua San Agustín, Cerro Cordillera, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
82. Vista da Rua San Agustín,, Cerro Cordillera, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
Rua José Tomás Ramos, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
83. Trinidad
84. 85. Vista panorâmica da cidade Viña del Mar, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
86. 87. Cerro Merced, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
88. 89. Celula Evangelica “Villa Esperanza” Iglesia Vision de Reino Playa Ancha, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
90. 91. Rua Luis Emilio Recabarren, Playa Ancha, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
92. 93. Crianças que pertencem à comunidade. Playa Ancha, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
94. 95. Playa Ancha, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
96. 97. 98. Playa Ancha, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
99. 100. Vista do terraço para Noroente (esq.) e Sudoeste (dir.) Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
101. 102. 103. Habitações Coletivas, Avenida Elias, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
104. 105. Fachadas que ladeiam a Avenida Miraflores, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
106. 107. Pormenores das fachadas, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
108. 109. Los Venegas, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora

110. 111. Valparaíso, Chile, Abril 2017 fotografia da autora
112. 113. Detalhes das fachadas, Valparaíso, Chile, Abril 2017 fotografia da autora
114. 115. Vista da Rua Israel, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
116. Fotografias do interior de uma das Vivendas do Conjunto Habitacional Foxtrot, Viña del Mar, Chile arquivo online atelier bordeUrbano
117. Fotografia do exterior de uma das Vivendas do Conjunto Habitacional Foxtrot, Viña del Mar, Chile arquivo online atelier bordeUrbano
118. Localização das 15 vivendas do Conjunto Habitacional Foxtrot, Viña del Mar, Chile arquivo online atelier bordeUrbano
119. Fotografia do exterior do Conjunto Habitacional Newen Ruka, Viña del Mar, Chile [habitada] arquivo online atelier bordeUrbano
120. Fotografia do exterior do Conjunto Habitacional Newen Ruka, Viña del Mar, Chile [habitada] arquivo online atelier bordeUrbano
121. 122. Fotografias do exterior do Conjunto Habitacional Newen Ruka, Viña del Mar, Chile [habitada] arquivo online atelier bordeUrbano
123. 124. 125. Conjunto Habitacional Cuno Kaweskar, Viña del Mar, Chile arquivo online atelier bordeUrbano
126. Conjunto Habitacional Cuno Kaweskar, Viña del Mar, Chile arquivo online atelier bordeUrbano
127. 128. 129. Vista panorâmica do Paseo Atkinson, Cerro Concepción Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
130. 131. Muelle Barón, Valparaíso, Chile. Abril, 2017 fotografia da autora
132. Alejandro fotografia da autora
133. 134. Población Marquez, localizado na quebrada entre o cerro Arrayán e Santo Domingo, Valparaíso, Chile. <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/794421/clasicos-de-arquitectura-poblacion-marquez-valparaiso-pedro-goldsack>
135. 136. 137. Conjunto Habitacional Elemental Valparaíso. 1º Sector Playa Ancha, Valparaíso, Chile. https://wiki.ead.pucv.cl/Conjunto_Elemental,_Playa_Ancha,_Valpara%C3%ADso
138. Conjunto Habitacional Elemental Valparaíso. 1º Sector Playa Ancha, Valparaíso, Chile. https://wiki.ead.pucv.cl/Conjunto_Elemental,_Playa_Ancha,_Valpara%C3%ADso
139. Conjunto Habitacional Elemental Valparaíso. 1º Sector Playa Ancha, Valparaíso, Chile. <https://www.soychile.cl/Valparaiso/Sociedad/2013/05/08/172838/Entregan-obras-de-refuerzo-en-poblacion-Elemental-por-480-millones-de-pesos.aspx>
140. Conjunto Habitacional Elemental Valparaíso. 1º Sector Playa Ancha, Valparaíso, Chile. <https://www.biobiochile.cl/noticias/2013/05/07/refuerzan-techumbres-y-mejoran-ventanas-de-poblacion-de-playa-ancha-en-valparaiso.shtml>

141. Quema de Judas. Plaza Waddington, Playa Ancha,, Valparaíso, Chile. Abril 2017 fotografia da autora
142. Vista panorâmica da rua Artillería, Valparaíso, Chile. Abril 2017 fotografia da autora
143. Casas em série, Glayson Arcanjo, 2013 COELHO, Patrícia – O tempo de Habitar: Três experiências evolutivas, (sem paginação)
144. 145. 146. Ficha técnica do Conjunto Habitacional Cuno Kaweskar, Viña del Mar, Chile arquivo online atelier bordeUrbano
147. 148. Esquemas da disposição do Conjunto Habitacional Cuno Kaweskar segundo a Cosmovisão Mapuche arquivo online atelier bordeUrbano
149. Axonometrias do Conjunto Habitacional Foxtrot, Viña del Mar, Chile arquivo online atelier bordeUrbano
150. 151. 152. Ficha técnica do Conjunto Habitacional Foxtrot, Viña del Mar, Chile arquivo online atelier bordeUrbano
153. 154. Ficha técnica do Conjunto Habitacional Newen Ruka, Viña del Mar, Chile arquivo online atelier bordeUrbano
155. Fotografia de uma favela virada de “pernas para o ar”
<https://adsafestival.wordpress.com/winners-archive/>

ANEXOS

ENTREVISTA AO ARQ. RAÚL ARAYA BUGUEÑO - FUNDADOR DO ATELIER bordeURBANO

[Editada pela autora]

Ana Daniela Oliveira - Que significa bordeUrbano e qual a sua origem?

Raúl Araya Bugueño - É uma oficina de arquitetura que começou por realizar projetos para programas de ação social, nomeadamente programas de vivendas sociais, que demonstravam ter uma qualquer característica especial. Isto porque a política de habitação tradicional do Chile tende a resolver o problema de quantidade ao invés de qualidade, algo com o qual o nosso *atelier* não se identifica. Assim, os nossos projetos, por mais pequenos que sejam, possuem um significado que nós, enquanto arquitetos, consideramos especial.

ADO - E como é que identificam as comunidades e as suas necessidades? Como é que organizam o processo após dialogarem com a comunidade?

RAB – A verdade é que, como se diz, cada caso é um caso. Dito isto, o nosso primeiro passo é tentar ganhar a confiança dos habitantes. E, para que isso aconteça, é importante o diálogo. É importante, numa fase inicial, sentarmo-nos e simplesmente conversar com as pessoas. Mas conversar sobre a vida ou o universo, os pássaros ou as flores. Deve-se falar de tudo e de nada. E, com isto, a ideia passa por criar confiança, de assegurar a comunidade de que nós sabemos o que estamos a fazer enquanto arquitetos.

Após este processo inicial, existe uma série de situações que se deve considerar. Cada projeto é composto por diferentes escalas que, por sua vez, têm uma diferente maneira de ser abordadas. Quando se fala da implantação de um conjunto enquanto um todo, deve-se abordar a escala de ponto de vista arquitetónico e geográfico. A escala da casa é abordada antropológica e arquitetonicamente. Cada escala tem o seu próprio campo de ação e cada uma destas questões seria o que nós chamamos de gestão arquitetónica do projeto. Ou seja, ao arrecadar todo este conhecimento multidisciplinar, o arquiteto volta a ser o “Deus todo-poderoso”.

Neste tipo de projetos de índole social é recorrente depararmo-nos com a mentalidade de que a arquitetura e, conseqüentemente, o arquiteto é apenas uma pequena parte. Todos têm algo a dizer, uma opinião a dar. E o papel do arquiteto cinge-se ao de construir o espaço. Quanto tal acontece, uma situação que temos sentido na pele no decorrer de vários projetos, é quando estes tendem a fracassar.

Acredito que a única maneira de fazer com que um projeto não esteja condenado ao fracasso é mantendo uma vertente arquitetónica. Não porque o arquiteto é um génio e um líder, nada disso. Mas porque tem uma noção mais completa de todo o processo, compreendendo o

básico de antropologia, da sociologia, da geografia. É necessário um processo multidisciplinar e, ao mesmo tempo crítico. É nosso dever, enquanto arquitetos, cruzar as diferentes disciplinas.

No âmbito de conhecer a comunidade ou, como quem diz os futuros residentes, é importante esta comunicação, este cruzamento. É necessário compreender como as pessoas vivem, como habitam o espaço enquanto ser individual e coletivo. Tendo este conhecimento poderemos desenhar os espaços de modo a que estes funcionem. Como os antropólogos costumam dizer, o espaço apenas se transforma em lugar quando é ocupado pela comunidade. Se esta transformação não ocorrer estamos perante o fracasso do arquiteto.

Neste *atelier* acreditamos que parte do nosso papel é o de articular disciplinas, é deixar que as questões surjam por si mesmas e reformulá-las de alguma forma. É essencial compreender todas as escalas e dimensões associadas ao projeto.

ADO - Em projetos de habitação de vivenda social como é que o vosso *atelier* chegou ao desenho das casas? Qual é o processo neste tipo de projetos? Como se trabalha com grandes comunidades?

RAB - Existem projetos em que as casas são todas iguais e projetos em que as casas são todas diferentes. Quando são todas iguais é bastante complicado porque se está a construir uma grande quantidade de habitações idênticas para uma comunidade que, no seu íntimo, se considera heterogénea. Por exemplo, o projeto de habitação Cuno Kaweskar. É uma obra para uma comunidade multicultural e que envolvia a construção de 150 apartamentos. Foi necessário um ano de reconhecimento, isto é, de tentar interpretar como é que a comunidade dizia viver, dizia querer viver e como, de facto, viviam. A realidade e os discursos da população não coincidem. A verdade é que as pessoas tendem a mentir e o que nos interessa é descobrir qual a motivação por detrás do que é dito, do porquê da falta de coerência.

Tendo em conta que a maioria das famílias era de origem mapuche, decidimos estudar os modos de habitar da comunidade originária. Isto porque as famílias em questão eram de 2ª e 3ª geração. Ao estudar como é que os seus avós e visavós viviam, conseguimos recuperar elementos como a cosmovisão. E, através deste processo, conseguimos desenhar o espaço seguindo as suas crenças de que o mundo se encontra dividido em quatro, uma divisão associada aos quatro pontos cardinais. Conseguimos organizar o programa habitacional e urbano em torno deste conceito. E, passado pouco mais de um ano e meio desde a entrega das casas, surgem alguns problemas associados a projetos deste âmbito. Uns blocos funcionam melhor que outros, uns organizam-se melhor que outros. Mas, com exceção destes pequenos entraves, existem outras questões que demonstram o bom funcionamento do conjunto. Existe pequenas vitórias. Por outras palavras, assiste-se a situações que não são habituais neste projetos. As crianças podem andar na rua descontraidamente, podem abandonar os seus pertences na rua sem medo

de que estes desapareçam. E isso é algo bonito de se ver porque significa que existe um grande nível de segurança ou, pelo menos, de confiança entre a comunidade.

ADO - E como decidem quais os materiais de construção a utilizar?

RAB - Em geral, temos sempre seguido as normas de construção e respeitado o orçamento. Têm sido poucas as vezes em que tivemos a oportunidade de decidir quais os materiais a usar. Por exemplo, temos uma obra em que queríamos utilizar a madeira como material de construção. Contudo, este é um material que é proibido quando se trata de edifícios com mais de 2 andares. Além das legislações, um outro problema é o custo da obra. Em geral, e nesta região em particular, a qualidade da mão-de-obra é péssima e, conseqüentemente, a qualidade das construções também o é. Todos os programas de habitação social, no Chile, têm uma lista de materiais pré-definidos. Esta é uma forma de se controlar os custos e, por isso mesmo, a tendência é serem os materiais mais baratos. O problema é que, apesar de se poder usar quaisquer materiais da lista, tem de se optar por uma melhor qualidade ou por mais metros quadrados. E, tendo em conta que as unidades habitacionais tendem a ser demasiado pequenas, a tendência é abdicar da qualidade.

Lamentavelmente, a escolha material é resultado do orçamento apertado do projeto e não de um processo arquitetónico.

ADO - Existe a crença de que o arquiteto controla tudo. O que é o oposto do que acontece quando se trabalha com a comunidade. Aliás, há quem não acredite em processos participativos.

RAB - Eu acho que nós, os arquitetos, somos muito ignorantes. E que, em geral, sabemos muito pouco e queremos saber muito. Isto é, podemos saber citar a obra mais requintada de Le Corbusier porém não sabemos como é que, realmente, as pessoas vivem. Penso que é essencial perceber que a arquitetura não é apenas a sua história, a arquitetura está relacionada com a forma como o Homem habita o espaço. Claro que as bases académicas são essenciais, mas isso não é tudo. O arquiteto deve ser curioso. Só a curiosidade permite que se vá mais além. Sem esta característica, não se consegue compreender o modo como as diferentes comunidades vivem. Como sabemos, as pessoas mentem. Podem dizer que costumam cozinhar e partilhar as refeições em família quando, na realidade, tal não acontece. Nestes casos, é necessário entender a razão que os leva a mentir. Por vezes, estão a mentir a si próprios, criando uma espécie de ficção em que se vive como uma família mas, na realidade, tal não acontece. Simplesmente vivem na mesma casa, partilham o mesmo teto, mas cada um leva uma vida independente. Não é nosso papel, enquanto arquitetos, julgar o seu estilo de vida.

Apenas através da participação é que podemos decifrar os diferentes modos de vida e, conseqüentemente, de habitar. Apenas dialogando é que chegaremos a um entendimento

das verdadeiras necessidades das pessoas. Para que esta comunicação seja possível, é necessário recorrer a ferramentas de carácter social e antropológico como as entrevistas, por exemplo. Claro está que, além destas trocas de informação, é importante observar.

O assunto da participação tem vários níveis. Nós trabalhamos com o conceito da co-criação ou co-participação. Basicamente, desde o instante inicial que nos tentamos integrar. Sendo esta a nossa profissão, isto é, não sendo responsáveis pela atribuição de subsídios ou outros benefícios, não somos considerados pessoas importantes e, como resultado, as pessoas não se sentem inibidas. Antes pelo contrário, sentem que podem falar sobre tudo.

Antes de começar um diálogo, sacodes os conhecimentos “pomposos”, sacodes o Álvaro Siza ou Alejandro Aravena e entras como um “cigano”. Isto facilita o diálogo.

Quando andei na escola, há muitos anos atrás, diziam que para ser um bom arquiteto tinhas que ter boa mão, tinhas que saber desenhar. Depois, haviam outros que acham que tinhas de observar. Na minha opinião, é também necessário escutar e ser paciente. Quando se está a conversar com as pessoas, é recorrente que estas te transmitam algo que não corresponde ao que querem dizer. E é por isso que te digo que mentem. Não é que queiram mentir. Não é intencional. Simplesmente fabricam uma realidade alternativa para transmitir aos outros. Não transmitem a vida tal como é. E isto é exatamente o contrário do que queremos ouvir uma vez que a verdade é a melhor ferramenta, é o que nos permite devolver um pensamento ou um desejo através do desenho. É essa a forma, enquanto arquitetos, de agradecer a quem te ajudou.

Uma das coisas mais bonitas que me disseram, não diretamente a mim mas por intermédio, foi “Raúl, sabes o que me disse a dirigente da comunidade mapuche?” “ Que eu era um mau arquiteto?” “Não, disseram que o projeto era deles, e que tu os ajudaste a desenhar”. E eu considerei isto muito bonito. Quer dizer, a comunidade estava de tal modo envolvida no projeto que acreditam serem eles os arquitetos. Ele próprio me disse que muitas poucas vezes tinha ouvido um elogio tão grande a um arquiteto. E esse é um projeto que, hoje em dia, após vários anos, está cada vez melhor. É um dos nossos sucessos no sentido em que, ao sentirem-se parte do processo criativo, sentem que é algo seu e por isso vão cuidando e melhorando. Neste caso, enquanto arquitetos, pode-se dizer que fizemos um bom trabalho. Pelo contrário, nos casos em que as habitações se vão deteriorando, enquanto arquiteto fracassaste.

As pessoas comunicam connosco de igual para igual, tanto que se sentem igualmente arquitetos. E é por isso que, mais que uma oportunidade participativa, é uma oportunidade criativa. Considero que a nossa profissão tem um propósito maravilhoso, um propósito que mais nenhuma profissão tem. Quando se contacta um arquiteto, é porque se tem um sonho. E nós podemos fazer parte desse sonho.

Um outro aspeto relevante, quando se fala de vivenda social, é o sentido de próprio e de identidade. Quanto mais pobre se é, mais sentido do próprio se procura. Talvez porque se

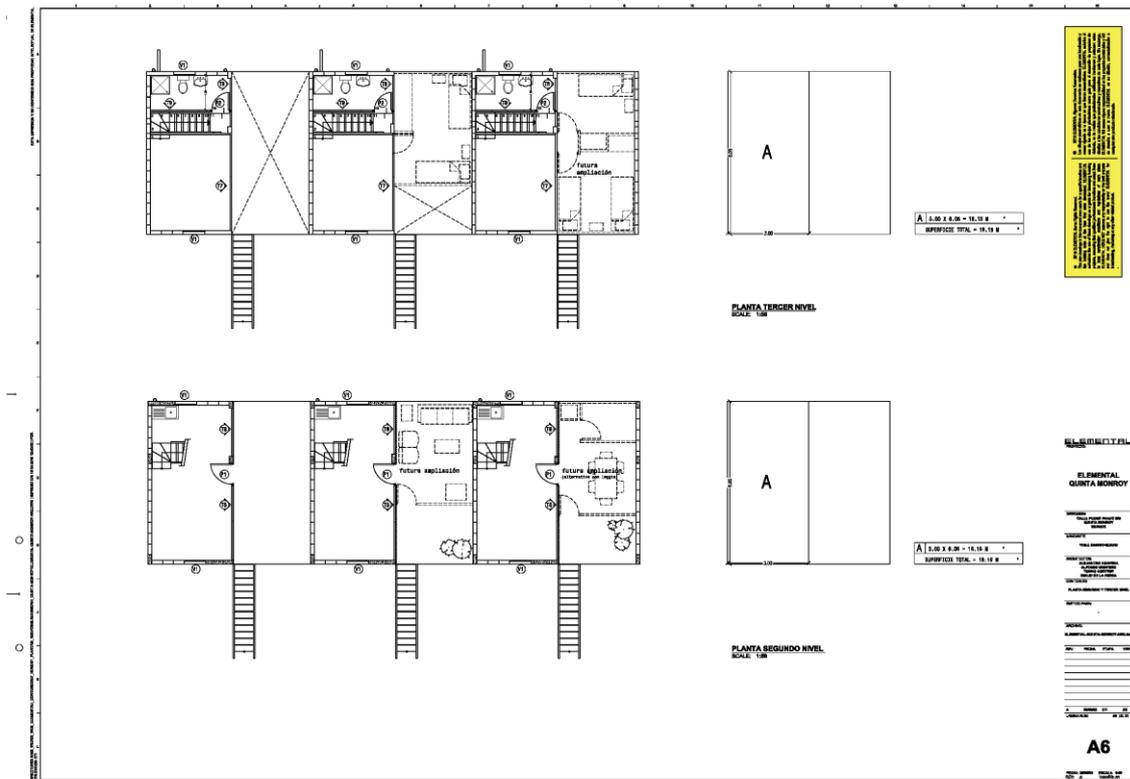
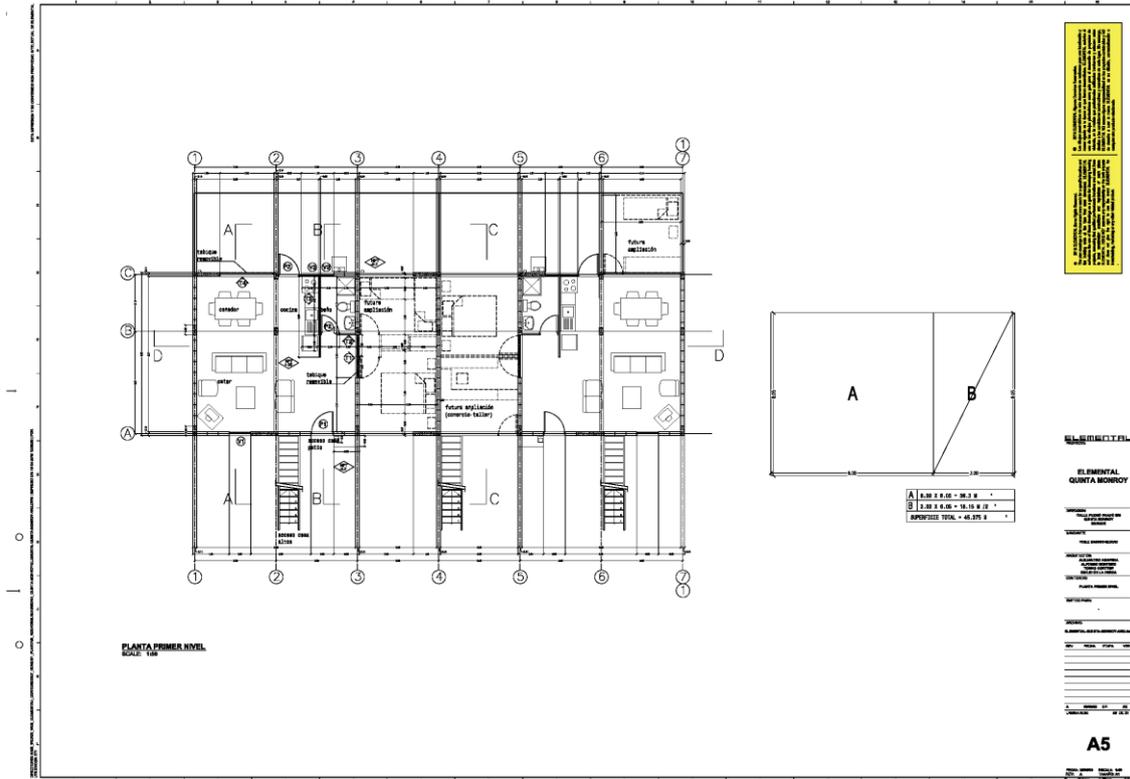
necessita de sair dessa condição genérica de pobreza e o facto de se chegar a uma casa única, que te faz sentir bem, dê um sentimento de riqueza. Pode não ser monetária, mas é sentimental. Além disso, quando se vive em condições precárias, a capacidade criativa das pessoas tem tendência a desabrochar.

ADO - Na atualidade, qual considera o papel do arquiteto?

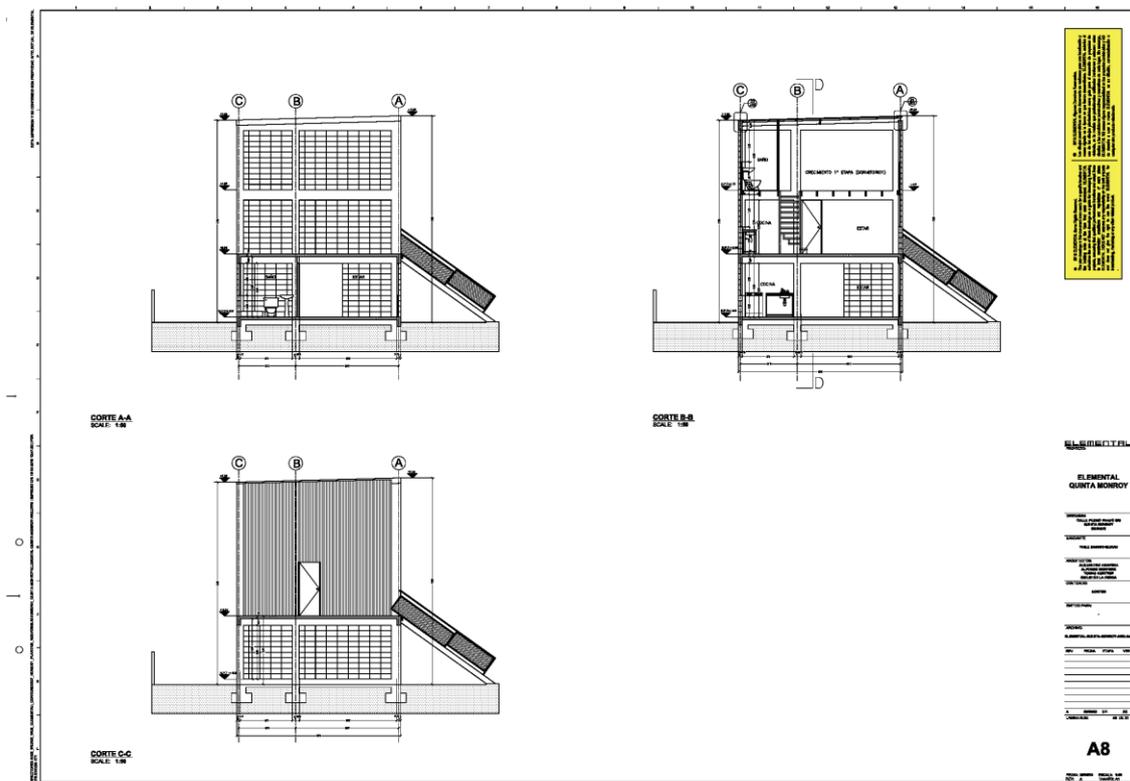
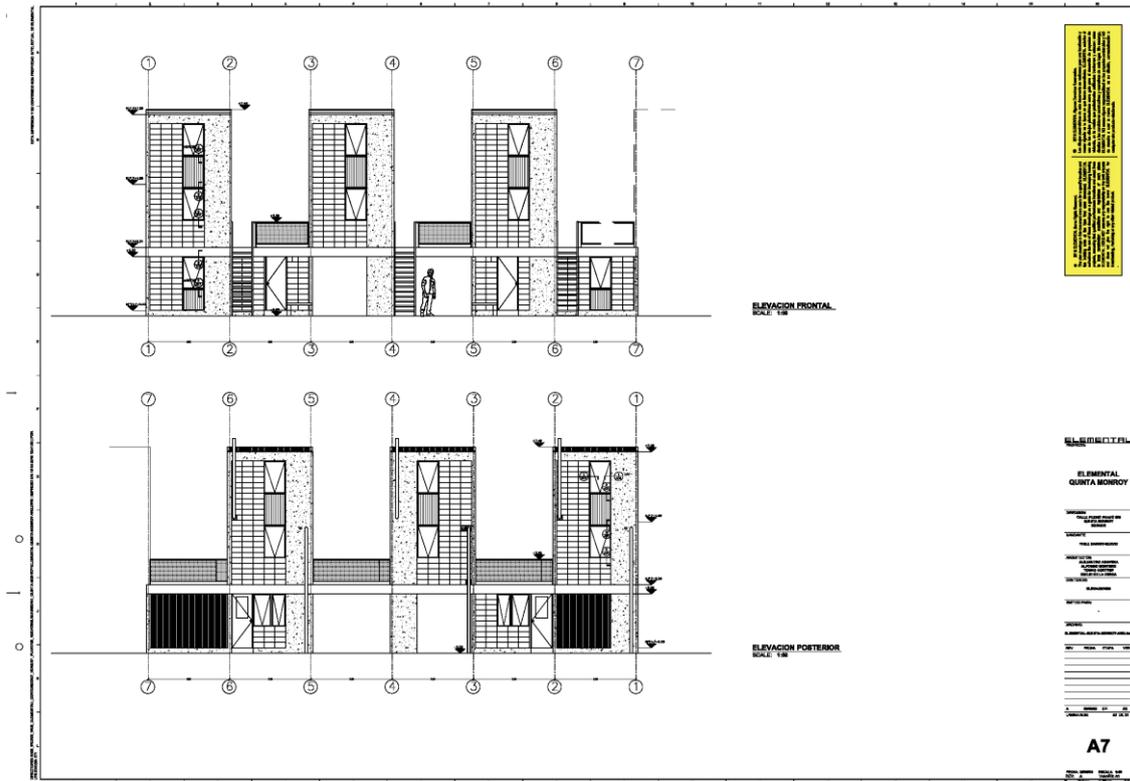
RAB - Essa pergunta é difícil. Qual o papel do arquiteto? Bem, para começar, acho que não deve ser só especializado numa coisa. É necessária uma visão ampla porque, mantendo-se uma visão generalista, é muito mais provável que o arquiteto consiga um papel mais ativo na sociedade.

Hoje em dia, os arquitetos têm muito a tendência de projetar pela estética. E isto é apenas mais do mesmo. É seguir uma tendência, uma moda. Mas este não é o nosso propósito. O arquiteto deve ter uma visão generalista e humanizada. O conceito de geral, apesar de ter uma má fama, permite melhores diálogos. Não se bem o papel que temos, mas anda por aí.

FICHAS TÉCNICAS DO CONJUNTO HABITACIONAL DA QUINTA MONROY



FICHAS TÉCNICAS DO CONJUNTO HABITACIONAL DA QUINTA MONROY



FICHAS TÉCNICAS DO CONJUNTO HABITACIONAL DA QUINTA MONROY

